



SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local Mídia Impressa

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, terça-feira, 28 de fevereiro de 2012

JORNAL DO COMMERCIO Transição de um modelo amazônico	1
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO Transição de um modelo amazônico	2
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO Transição de um modelo amazônico	3
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO EDITORIAL	4
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO FRENTE & PEFIL	5
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO INFRAESTRUTURA	6
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO POLO INDUSTRIAL	7
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO ZFM	8
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO SUFRAMA	9
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO ARTIGO/JOSÉ LAREDO	10
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO ARTIGO/LUIZ CASTRO	11
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO ECOJARDIM	12
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO MICRO E PEQUENAS	13
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO Queixas sobre negociação lideram	14
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO Pedro Cortês	15
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO DESENVOLVIMENTO REGIONAL	16
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO FIBRAS VEGETAIS	17
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO MANEJO	18
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO Manaus que o tempo mudou	19
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	

JORNAL DO COMMERCIO	
Recursos trocaram de mãos	20
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO	
Para entender o PIM	21
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO	
Para entender o PIM (continuação)	22
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO	
ENTREVISTA/ALESSANDRO TEIXEIRA	23
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO	
ENTREVISTA/ALESSANDRO TEIXEIRA (continuação)	24
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO	
ENTREVISTA/ALESSANDRO TEIXEIRA (CONTINUAÇÃO)	25
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO	
ARTIGO/MARCELO SERÁFICO	26
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO	
TSA	27
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO	
DIVERSIFICAÇÃO	28
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO	
PEC DA MÚSICA	29
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO	
MEDIDAS PROVISÓRIAS	30
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO	
PIM assiste boom tecnológico	31
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO	
substituição tecnológica tem aceleração	32
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO	
substituição tecnológica tem aceleração	32
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO	
Eletros destaca investividade amazonense	33
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO	
Nova era produtiva se avizinha	34
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO	
ARTIGO/OZÓRIO FONSECA	35
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO	
Feira e eventos como canal de negócios no exterior	36
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO	
Exposição atrai novos parceiros	37
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO	
INFRAESTRUTURA	38
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO	
AMMAC	39
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	

JORNAL DO COMMERCIO ZFM.....	40
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO ARTIGO/AILSON REZENDES	41
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO ENTRAVES	42
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO ENTREVISTA/THOMAZ NOGUEIRA.....	43
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO ENTREVISTA/THOMAZ NOGUEIRA (CONTINUAÇÃO)	44
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO ENTREVISTA/THOMAZ NOGUEIRA (CONTINUAÇÃO)	45
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO CENTRO COMERCIAL	46
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO Crise mundiais geram reflexos no PIM	47
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO REFLEXOS	48
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO Suframa cumpre papel contra crises.....	49
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO ENTREVISTA/WILSON PÉRICO	50
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO ENTREVISTA/WILSON PÉRICO (CONTINUAÇÃO)	51
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO ARTIGO/JOSÉ RICARDO WENDLING.....	52
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO ARTIGO/RONALDO BOMFIM.....	53
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO Suframa, 45 anos.	54
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO O Grupo Microservice	55
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO Dumont	56
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO MERCOSUL LINE	57
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO MERCOSUL LINE (CONTINUAÇÃO)	58
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO ENGECO	59
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO RALC	60
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	

JORNAL DO COMMERCIO REAL	61
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO TUMPEX	62
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO COCA-COLA	63
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO COCA-COLA	63
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO DIRECIONAL	64
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO FELÉ DO BOI	65
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO DP	66
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO HONDA LOCK	67
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO HONDA	68
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO PREFEITURA DE MANAUS	69
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO Rymo	70
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO Solimões	71
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO VOITH	72
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO ACA	73
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO VALER	74
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO UNISOL	75
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	
JORNAL DO COMMERCIO UNISOL (CONTINUAÇÃO)	76
ESPECIAL SUFRAMA 45 ANOS	

Transição de um modelo amazônico

Ao chegar aos seus 45 anos, a ZFM (Zona Franca de Manaus) tem um reconhecimento unânime: é o grande pilar do desenvolvimento da região Norte do país. O modelo alcançou o status ao se transformar num dos maiores centros nacionais de produção de manufaturados de média e alta tecnologia, em plena Amazônia.

O fator que mais contribuiu para

isso foi a evolução da tecnologia dos produtos do PIM (Polo Industrial de Manaus). Muitos produtos importados foram substituídos por componentes nacionais, inclusive com o surgimento de fabricação local, dos quais o setor mais importante é o termoplástico, com expressivo número de fábricas e empregos.

Atualmente, o polo enfrenta al-

guns gargalos como a convergência digital e uma política industrial nacional voltada para a expansão da indústria de alta tecnologia para eixos mais desenvolvidos como o Sudeste. Nessa política, os benefícios fiscais que eram destinados apenas a regiões pobres, agora se estendem a todos os Estados.

A convergência digital e a invasão chinesa pegaram pesado contra o

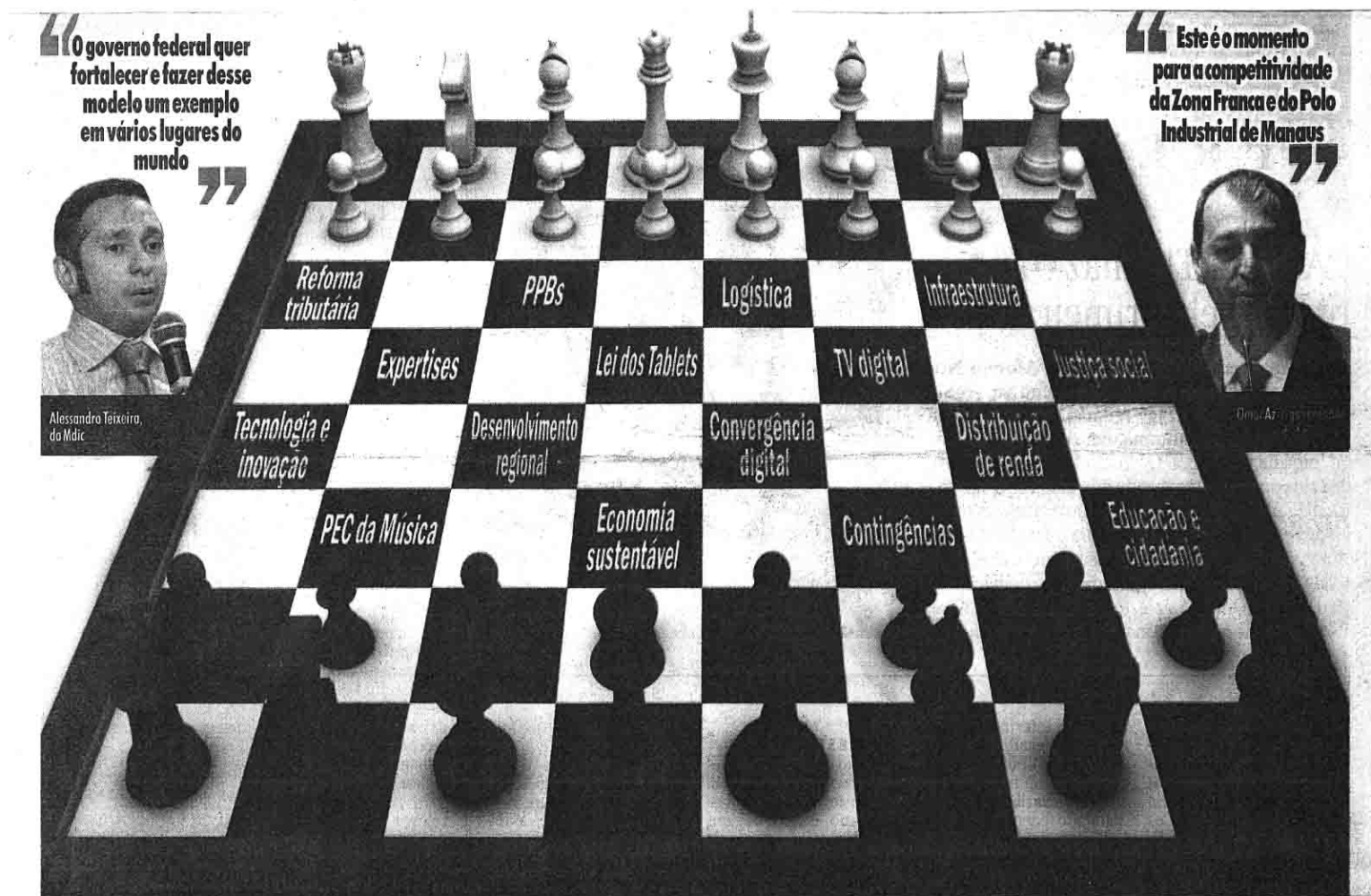
modelo. Mas a Zona Franca de Manaus não foi criada para ser muro de lamentações e os desafios precisam ser enfrentados. A transição gera expectativa de alternativas regionais; pressupõe a busca por melhor infraestrutura e logística, principalmente.

E se o modelo enfrentou e venceu travessias tormentosas nestes 45 anos, é preciso lembrar que mais 50

anos nos esperam e que nenhuma "grave ameaça" como a minirreforma tributária deve ser capaz de intimidar os defensores de um projeto que já não pertence mais somente ao Estado do Amazonas.

Pois a Zona Franca de Manaus se tornou, com o tempo, um modelo indispensável à preservação da Floresta Amazônica, que é patrimônio da nação brasileira e do mundo.

Transição de um modelo amazônico (continuação)



“O governo federal quer fortalecer e fazer desse modelo um exemplo em vários lugares do mundo”

“Este é o momento para a competitividade da Zona Franca e do Polo Industrial de Manaus”

Reforma tributária *PPBs* *Logística* *Infraestrutura*

Expertises *Lei dos Tablets* *TV digital* *Justiça social*

Tecnologia e inovação *Desenvolvimento regional* *Convergência digital* *Distribuição de renda*

PEC da Música *Economia sustentável* *Contingências* *Educação e cidadania*

Alexsandro Teixeira, da Mdic

Dina Azupard

Transição de um modelo amazônico (continuação) Ponto de Partida



ÁGUA É TEMA ELEITORAL A3
 REUNIÃO DO CAS A5
 ARTIGO
 LUIZ CASTRO A6
 OMAR FALA EM DESAFIOS A7
 INTERNET É ENTRAVE A8



JUTA E MALVA COMO OPÇÃO D3
 MADEIRA TEM BARREIRAS D6
 ENTREVISTA
 ALESSANDRO TEIXEIRA D7



MUDANÇAS ECONÔMICAS E2
 URBANIDADE MULTICULTURAL E3
 MODERNIDADE E SEPARAÇÃO E4
 POVO MISCIGENADO E5
 LEGADO EDUCACIONAL E6
 LITERATURA COMENTADA E7



EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA F2
 INVENTIVIDADE DESTACADA F3
 NOVA ERA PRODUTIVA F4
 FIAM ATRAI NEGÓCIOS F5
 SUDAM BUSCA INTEGRAÇÃO F6
 ARTIGO OZÓRIO FONSECA F7



GOLPE NO SETOR DE CDS G2
 MINIRREFORMA AFETA ZFM G3
 PPBS ENGESSAM PIM G4
 CONTINGENCIAMENTO G6
 ARTIGO MARCELO SERÁFICO G7



CRISE VIZINHA PREOCUPA H2
 SUFRAMA ATUA NAS CRISES H3
 ARTIGO JOSÉ RICARDO H6
 ENTREVISTA
 WILSON PÉRICO H7



BUROCRACIA NA LOGÍSTICA I2
 REFLEXÕES SOBRE OS 75 ANOS I5
 ARTIGO AILSON REZENDE I6
 ENTREVISTA
 THOMAZ NOGUEIRA I7



ARTIGO RONALDO BOMFIM J7

EDITORIAL

Alternativa e construção de um modelo sem confinamento a Manaus

Todas as autoridades, estudiosos e pensadores ouvidos pelo *Jornal do Commercio* nesta Edição Especial dos 45 anos da Zona Franca de Manaus concordam com uma coisa: é preciso criar uma alternativa ao nosso modelo econômico. A

ZFM passa por uma crise de transição que precisa ser resolvida antes que chegue a um ponto de estrangulamento.

Muitas coisas têm sido encaminhadas, porém pouco se tem avançado em questões fundamentais como a logística, tanto para melhorar a competitividade do atual Polo Industrial de Manaus

quanto para a expansão de atividades ao interior, abrindo horizontes para os municípios, dos mais próximos da capital aos mais distantes.

Nos últimos quatro anos se construiu uma ponte de mais de R\$ 1 bilhão, mas se esqueceu de duplicar a rodovia que daria sustentação a atividades econômicas nos três mu-

nicipios ligados a Manaus, além de abrir um portal para os outros 33 municípios do Solimões, Juruá e Purus acessarem a Região Metropolitana por Manacapuru.

Sem contar que nesse projeto um grande porto e uma termoeletrica a gás em Manacapuru facilitariam, e muito, a logística para a implantação do canal

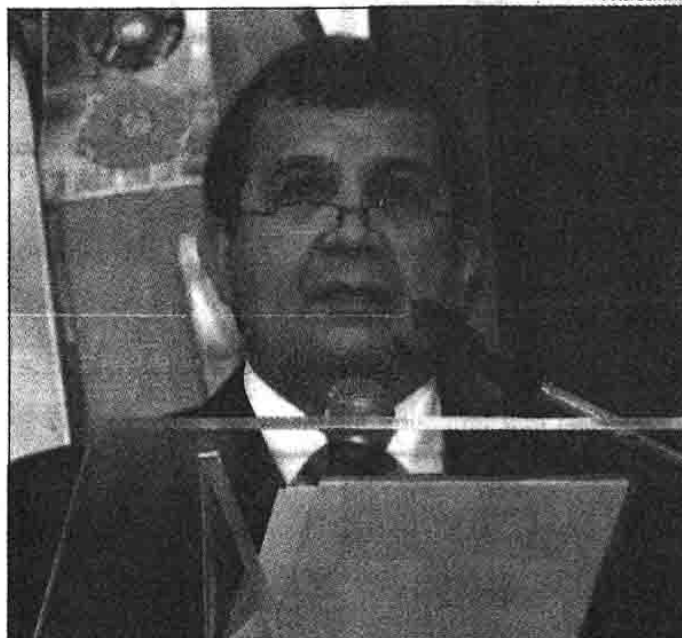
Manta-Manaus ligando a ZFM ao Pacífico e daí aos países asiáticos, com uma economia de pelo menos dez dias de transporte marítimo nas importações via canal do Panamá.

Neste momento de transição, uma coisa começa a ficar clara: confinada a Manaus, a ZFM não terá espaço para vencer os desafios que surgem.

FRENTE & PEFIL

CAS terá Thomaz como titular pela primeira vez

O novo superintendente **Thomaz Afonso Nogueira** participará hoje, pela primeira vez, como titular do cargo, da 255ª reunião do Conselho de Administração da Suframa, em comemoração aos 45 anos da autarquia. O evento terá o lançamento de selo comemorativo produzido pelos Correios, no total de 12 mil unidades, que serão usadas em todas as correspondências da autarquia durante um ano. Ainda na reunião tomarão posse os novos superintendentes adjuntos. É esperada a participação do governador Omar Aziz e representantes do Acre, Rondônia, Roraima e Amapá.



INFRAESTRUTURA

Migração de investimentos é estimulada por carências

Os gargalos da infraestrutura do Amazonas já começam a afastar investimentos importantes do PIM, uma vez que os fabricantes estão decidindo instalar suas plantas industriais em outras regiões.

Um exemplo foi a chinesa Shynerai, primeira do polo de duas rodas a optar pelo Nordeste para produzir motocicletas no Brasil. A escolha dos chineses foi pelo Complexo Industrial Portuário de Suape, em Pernambuco, que “tirou” do Amazonas um investimento inicial estimado em R\$ 100 milhões e geração de 400 empregos diretos. Posteriormente, outras multinacionais seguiram o mesmo caminho. Além da burocracia, as deficiências estruturais pesaram na decisão dos empresários.

“Nós precisamos urgentemente de um novo porto com maior capacidade e que dê

condições de projetar crescimento, porque o que se faz hoje no poder público são investimentos para se cobrir um déficit que já existe. Se já estamos defasados, não podemos fazer um investimento apenas para cobrir essa defasagem. “É preciso investir pensando no futuro”, criticou o presidente do Cieam (Centro das Indústrias do Estado do Amazonas), Wilson Périco.

Segundo ele, o Amazonas não tem nenhum projeto de ampliação de infraestrutura a longo prazo. “Necessitamos de um planejamento que permita o crescimento da economia pra daqui a cinco, dez, 20 anos para que os entraves históricos não sigam se repetindo e perdendo investimentos”, pontuou.

“Não temos outra alternativa que não seja investir em portos, aeroportos, estradas”, emendou o economista José Laredo.

POLO INDUSTRIAL

Omar exalta ZFM, mas vê dificuldades

GOVERNADOR CONSIDERA DESAFIO MANTER A COMPETITIVIDADE DO PIM

Foto: Alex Pazuello



Omar diz que a situação é preocupante porque o Amazonas sem a ZFM, e por tabela o PIM, teria muita dificuldade para sobreviver

Margarida Galvão
Especial para o JJC

Na avaliação do governador Omar Aziz (PSD) está provado que a ZFM (Zona Franca de Manaus) é um modelo de desenvolvimento sustentável importantíssimo para a região. Preservou, gerou emprego, trouxe desenvolvimento nos 45 anos de existência, mas a cada ano os governantes têm mais dificuldade para manter a competitividade do PIM (Polo Industrial de Manaus).

E isso, conforme o governador é preocupante, porque o Amazonas sem a ZFM, e por tabela o PIM, teria muita dificuldade para sobreviver. A expectativa de Omar é que o novo dirigente da Suframa (Superintendente da Zona Franca de Manaus), Thomaz Nogueira, que tem o compromisso de ajudar a desenvolver o Estado do Amazonas, tenha um papel fundamental na busca de manter o PIM competitivo.

De acordo com Omar Aziz,

Thomaz tem conhecimento técnico da realidade econômica amazônica e os compromissos que o Estado deve ter com as futuras gerações. "Este é o momento para a competitividade da Zona Franca", afirmou o governador, ressaltando que o novo superintendente da autarquia conta com o apoio da classe política regional para alcançar um objetivo em comum que é o desenvolvimento do modelo Zona Franca de Manaus.

**De acordo com Omar Aziz,
Thomaz tem conhecimento técnico da realidade econômica amazônica**

Por ocasião da posse de Thomaz, em janeiro, o ministro interino do Mdic (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior), Alessandro Teixeira, mostrou-se solidário a questões colocadas como urgentes para o Amazonas, dentre as quais a atração de novos setores produtivos para o PIM, a prorrogação do período de implantação do sistema Ginga nos televisores e proteção aos produtores de juta e malva no interior.

ZFM

Internet e energia englobam deficiências

INFRAESTRUTURA AINDA DEFICIENTE NESSAS ÁREAS CONTRIBUEM PARA FALTA DE COMPETITIVIDADE

Juliana Geraldo

As deficiências da Internet Banda Larga na capital e quase total ausência do serviço no interior somadas à instabilidade do fornecimento de energia também engrossam o caldo dos problemas estruturais enfrentados pelo Amazonas.

No caso da internet, mesmo em municípios próximos como no Iranduba, o serviço de 1 MB/segundo custa R\$ 1,8 mil. Um levantamento divulgado pela AAM (Associação Amazônica de Municípios) em 2011 mostrou que as prefeituras do interior do Estado pagavam entre R\$ 6 mil e R\$ 15 mil. Em Manaus, segundo a Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações), o mesmo serviço custa em torno de R\$ 200.

A Seinfra (Secretaria de Estado de Infraestrutura) informou que a previsão é de que até maio deste ano, Iranduba seja o primeiro município do interior do Estado a ter acesso à rede por meio de fibra ótica. Calculado em R\$ 2,5 milhões, o convênio assinado entre o governo do Amazonas e a Sudam (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia), em dezembro de 2011, pretende levar o serviço de banda larga passando



pela Ponte Rio Negro a uma velocidade de até 10 megabits/segundo.

Segundo a secretaria, o governo do Amazonas, por meio da Prodam (Processamento de Dados Amazonas S/A), realiza operação para instalar cerca de

5,5 quilômetros de cabos de fibra ótica, da sede do governo, na avenida Brasil, Compensa, zona oeste, até a cabeceira da ponte no lado de Iranduba.

Com a criação da Rede Estadual de Comunicação, a previsão da Prodam, na ocasião da

assinatura do convênio, era de que até o fim de 2013, outros seis municípios deverão receber internet banda larga.

Energia elétrica

Já no setor energético, a principal aposta para dar mais

estabilidade ao serviço de fornecimento de energia elétrica, principalmente às empresas do PIM, é o recebimento do Linhão de Tucuruí (duas linhas de transmissão de 500 KV), prevista para a metade de 2013.

"A expectativa é de que quando o Linhão chegar, possamos resolver o problema de estabilidade energética, sobretudo do Distrito Industrial, que ainda sofre com falhas no sistema, uma vez que a energia vinda das termoeletricas ainda apresenta falhas", detalhou o consultor empresarial das empresas japonesas no PIM, Te-ruaki Yamagishi.

Yamagishi também prevê melhoras com a construção da

Usina Mauá. O investimento de R\$ 1 bilhão da Eletrobras Amazonas Energia, com previsão de entrega para 2014, apresenta a vantagem de ser 100% movida a gás natural, e tem o objetivo de substituir usinas a óleo que ainda causam instabilidade na distribuição da energia elétrica.

De acordo com a Eletrobras Amazonas Energia, a licitação para a obra será lançada em janeiro e a assinatura do contrato deve ocorrer ainda no primeiro semestre deste ano.

"Entre todos os problemas de infraestrutura que enfrentamos, esse parece ser o mais próximo de uma solução", opinou o consultor.

FICHA TÉCNICA SUFRAMA

COORDENAÇÃO: Adalberto Antônio dos Santos

EDIÇÃO: Fred Novaes

CRIAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO: Marivaldo Júnior

REVISÃO: Cândida Osório

INFOGRAFIA: Robinson Barreto

REPORTAGEM: Juliana Geraldo, Margarida Galvão, Mencilus Melo e Paula Castro

SUFRAMA

CAS avalia projetos para 1.472 vagas

PROJETOS EM PAUTA NA PRIMEIRA REUNIÃO DO CONSELHO DA AUTARQUIA PREVÊ INVESTIMENTOS DE US\$ 1,1 BILHÃO

Juliana Geraldo

A primeira reunião do CAS (Conselho de Administração da Suframa) em 2012, agendada para esta terça-feira, promete um bom início de ano para a geração de investimentos no PIM. O Conselho vai avaliar 43 projetos (21 de implantação e 22 de diversificação) com investimentos de US\$ 1,1 bilhão e geração de 1.472 novos empregos nos próximos três anos.

Caso todos os projetos sejam aprovados, o número de investimentos e geração de empregos vai representar mais do que o dobro em relação à primeira reunião do ano passado, quando 36 projetos com investimentos de US\$ 388,3 milhões e geração de 617 postos de trabalho, foram aprovados.

"A liberação dos PPBs (Processos Produtivos Básicos) pelo Mdic (Ministério de Desenvolvimento,

Indústria e Comércio Exterior) impede que esses investimentos sejam ainda maiores", avaliou o presidente do Cieam (Centro da Indústria do Estado do Amazonas), Wilson Périco.

A expectativa do dirigente é de que o compromisso do Mdic de liberar os processos em no máximo 120 dias contribua para a diversificação de produtos fabricados no PIM este ano.

Enquanto isso, os segmentos de eletroeletrônicos e duas rodas continuam liderando o interesse de investidores, representando a maior parte dos projetos a serem analisados. "Eles seguem sendo nosso carro-chefe, mas nosso foco este ano deve ser de diversificar", destacou o presidente do Cieam.

O presidente do Sinaees-AM (Sindicato das Indústrias de Aparelhos Elétricos, Eletrônicos e Similares do Estado do Amazonas), Celso Piacentini, diz que o polo eletroeletrônico mantém o de-



Foto: Walter Mendes

Reunião de hoje será a primeira sob o comando de Thomaz Nogueira

sempenho e a atração de investimentos embora já tenha sido mais representativo, anteriormente.

"Apesar do início favorável, nos preocupa muito a restrição na forma como a ZFM é tratada hoje em âmbito federal. A inclusão de produtos na Lei de Informática também nos deixa apreensivos",

ponderou.

Red Bull

Wilson Périco aponta que parte da cifra bilionária a ser aprovada na reunião se deve ao investimento da Red Bull, que dependia da modificação do PPB de bebidas, conquistada no último dia

14, para garantir aprovação hoje junto ao Conselho. A fabricante prevê a geração de 79 empregos diretos e a aplicação de US\$ 111 milhões.

Outros destaques

Dentro do segmento de eletroeletrônico e bem de informática, um dos destaques é a KMA, que vai investir US\$ 1,5 milhão e gerar 229 postos de trabalho na fabricação de ares condicionados. Já a Cal Comp planeja aplicar US\$ 39 milhões na produção de placas de circuito impresso, enquanto a Philco pretende produzir televisores de LCD, Blu-Ray Player e amplificadores de Home Theater com investimentos de US\$ 3,82, somando os projetos.

No polo de duas rodas, os principais projetos são da inglesa Triumph (US\$ 832 mil em investimento fixo e 45 empregos) que vai fabricar motocicletas acima de 450 cilindradas e o

da D' Martins Ltda., para motos entre 100 e 450 cilindradas com investimento fixo de US\$ 309 mil e geração de 100 empregos.

Projetos de empresas como Philco, Digibrás, Yamaha Motor e Honda Lock, já aprovados, deverão ser apenas comunicados durante o evento.

Solenidade

A reunião de hoje, a primeira a contar com a participação do novo superintendente, Thomaz Nogueira, marca a comemoração dos 45 anos da autarquia e a cerimônia de posse dos novos superintendentes adjuntos José Nagib da Silva Lima (Superintendência Adjunta de Planejamento e Desenvolvimento Regional), Gustavo Igrejas Lopes (Superintendência Adjunta de Projetos) e Francisco Arnóbio (Superintendência Adjunta de Administração).

ARTIGO/JOSÉ LAREDO

Fantasmas do PIM: realidade ou lenda?

Algumas medidas do governo federal, como a PEC da Música, a Lei dos Tablets, minirreforma tributária, o contingenciamento de recursos da Suframa e a permanente deficiência de infraestrutura logística regional são aspectos que jogam contra o desenvolvimento do Amazonas e contribuem para o encolhimento do PIM.

Nos últimos anos, os números apresentados pelo PIM em termos de aprovação de novos projetos e de Processos Produtivos Básicos estão reduzindo. Entre 2010 e 2011, houve uma redução de 41% na taxa de natalidade de novos projetos. Em 2011, foram liberados somente 11 PPBs, contra 24 e 33 nos dois anos anteriores, respectivamente. A solução para os PPBs já está em andamento, a partir da entrada da nova gestão da Suframa, pois já ocorreram novas liberações que superaram as marcas dos anos anteriores, reduzindo bastante as perspectivas

da taxa de natalidade manter-se em queda.

Em termos de política nacional, não há muito o que fazer para isolar o PIM dos avanços desenvolvimentistas que o país tem que seguir. A reforma tributária precisa, com certeza, adotar a cobrança do ICMS na ponta do consumo, pois isso é mais benéfico para o país, já que permite agilidade na arrecadação, rapidez na contabilização dos tributos, mais justiça no carregamento dos impostos em cima de quem realmente consome, estreitamento das janelas da sonegação, e assim por diante. Mas, sob o ponto de vista do Amazonas, em sendo um Estado produtor, haverá necessidade da compensação de arrecadação através de sua participação numa espécie de fundo como tem se falado.

Por força do próprio momento em que se encontra a tecnologia aportada aos bens eletroeletrônicos, foram inevitáveis a extensão da isenção dos tablets em nível

nacional e, no futuro próximo, a inclusão da smart TV como bem de informática. Na Europa, Japão e EUA, os hotéis já têm TVs espalhadas pelas áreas de uso comum dos hóspedes para um simples toque conhecer temperatura, rotas de passeios, notícias, mapas etc.

Atualmente, o gargalo estrutural é um grande problema não só para o PIM como para outras atividades econômicas do Estado, o que tem afastado muitos investimentos, uma vez que várias fábricas já optaram por outros modelos como Suape, em Pernambuco, alguns Estados do Nordeste e interior de Minas e São Paulo.

As opções que se tem não são outras se não os próprios investimentos em portos, aeroportos, estradas, redução da burocracia, do número de papéis, autorizações, atestados e inspeções que uma empresa tem que passar para poder operar legalmente dentro do país e do próprio PIM. Positivamente, verifica-se, com a

proximidade da Copa do Mundo e das Olimpíadas, a reintrodução das privatizações paralisadas pelo governo anterior.

Destaca-se a necessidade de investir na infraestrutura das cidades abrangidas pela RMM, dada a importância que as mesmas podem exercer no desenvolvimento do PIM e do Amazonas como um todo. Para essa região, algumas alternativas podem ser encontradas como, por exemplo, a utilização de processamento e da transformação de insumos regionais em componentes para a indústria de bem final aqui localizada, onde poderão surgir casos em que esse aproveitamento venha sustentar uma indústria nascente, como os derivados do pescado industrializado e/ou o beneficiamento das frutas e sucos regionais etc.

Não me posicione como se houvesse fantasmas no PIM e, sim, propugno pela revisão na forma de gestão do modelo com a inclusão de todos os Poderes Executivos - Suframa, governo

do Estado e prefeitura - irmados na busca de soluções e unidos num programa profissional de promoção e venda sistemática do modelo. Reforçando a taxa de natalidade de novas fábricas, haverá uma compensação positiva pelas perdas de fábricas para outros Estados e pela taxa natural de mortalidade do modelo.

A captação de um maior número de fábricas deve ser feita enquanto as VTCs (Vantagens Tributárias Comparativas) em-

placam, em média, 57%, se comparadas duas fábricas dentro e fora do PIM, e antes que as minirreformas venham a diminuir mais esse patamar - com esse nível de VTC, o PIM já opera com taxas de natalidade líquidas bem baixas.

Fazendo assim, é possível incrementar o número de novas fábricas, especialmente as multinacionais, que naturalmente provocam ganhos políticos para o modelo e seu consequente reforço no poder econômico.

José Laredo é
economista e consultor
empresarial



ARTIGO/LUIZ CASTRO

“E o futuro?”

A instituição Zona Franca de Manaus passou por várias fases de modelagem. A partir de um momento inicial de área de livre comércio, na sua fase intermediária incorporou os módulos agropecuário e industrial e depois se tornou basicamente um polo incentivado de determinados segmentos fabris, com destaque para eletroeletrônicos e motocicletas.

A Suframa, por sua vez, teve seus momentos administrativos intercalados a outros, em que incorporou instrumentos de uma agência de desenvolvimento regional. Esses instrumentos subsistem, mas nos últimos anos têm se tornado cada vez menos efetivos, principalmente por conta do contingenciamento de recursos do órgão, utilizado como mecanismo de diminuição do déficit orçamentário federal.

Durante os 45 anos da Suframa, erros de condução e a falta de um planejamento estratégico de longo prazo comprometeram até mesmo boas iniciativas. As falhas administrativas foram razoavelmente corrigidas com a profissionalização da gestão, mas esse diferencial de qualidade técnica não pôde deslanchar grandes projetos, por causa do contingenciamento que engessou a Suframa e a reduziu a uma mera autarquia federal de concessão e supervisão de projetos industriais.

Apesar das deficiências, é plausível



Foto: Walter Mendes

destacar a geração de um PIB local expressivo, bem como de milhares de empregos industriais. A consolidação do PIM contribuiu para o fortalecimento da capacidade de investimento do Estado, pelos ganhos decorrentes da arrecadação e também impulsionou a ampliação da classe média manauara e do mercado de consumo local. Por outro lado, há muitos empregos de baixo potencial agregador, pela pouca progressividade profissional e restrita política de remuneração. Ainda deve-se lembrar que o “chamariz” da Zona Franca para os interioranos e as populações de outros Estados, acabou por promover o “inchaço” de Manaus e muitos problemas decorrentes, como a falta de moradia, o desemprego e o subemprego e a

criminalidade.

Um aspecto muito destacado é o da possível associação entre a preservação de aproximadamente 97% da cobertura florestal primária no Estado do Amazonas e a pujança do Polo Industrial de Manaus. Essa relação é inferida de dados estatísticos aparentemente concordes, mas ainda carece de comprovação científica. Estudiosos do setor primário amazense defendem que a floresta teria sido mais preservada por conta de fatores como a carência de terras férteis e de tecnologias modernas na produção rural, de modo associado aos altos custos e outras dificuldades de logística no transporte e beneficiamento de produtos do que pela atratividade da economia na capital.

década, o Amazonas se tornou o Estado brasileiro com maior nível de desigualdade social do país. Pobreza e miséria no interior, mas com reflexos negativos em Manaus.

Boas iniciativas, como as da Fucapi e da Fapeam, por meio do Centro de Biotecnologia e, ainda, dos institutos de pesquisa e universidades locais, podem frutificar num ambiente que envolva atores políticos, econômicos, sindicais e técnicos comprometidos com um verdadeiro Programa de Desenvolvimento e Sustentabilidade do Amazonas. Isso significa prospectar e agir de modo intersetorial, sistêmico e dinâmico, com visão de médio e longo prazo e foco nos potenciais de nossa biodiversidade, cultura e ciência: a biotecnologia, os recursos hídricos e pesqueiros, minérios, turismo, agroecologia e a informática, além da sofisticação de nossas tradicionais atividades extrativistas florestais e agrícolas.

O grande desafio envolve tomadas de decisão que parte de nossa elite política e econômica se recusa a vislumbrar. Uma espécie de “cegueira barê” dos que se acomodaram a um único modelo econômico e esgotam sua capacidade criativa (quando a tem) no exercício de adaptação às engrenagens do PIM e do mercado consumidor local, que lhe é adjacente.

Para despertar esse gigante adormecido e libertá-lo dos “coronéis de verniz moderno”, é necessária uma reflexão profunda sobre os meios e fins de que dispomos. Uma mudança real pode nascer da massa crítica de pesquisadores, professores, estudantes universitários, jornalistas, intelectuais, profissionais liberais em geral e outros representantes da classe média, além de gente séria da classe trabalhadora, pessoas que se libertem da “cegueira” de quase toda uma elite subserviente e apática.



Luiz Castro é deputado estadual

ECOJARDIM

AO ALIAR JARDINAGEM, A EMPRESA TRABALHA NO TRATAMENTO E NUTRIÇÃO COM PRODUTOS PRODUZIDOS PELA EMPRESA

Nutrição de plantas e tratamento de jardins com adubos e defensivos minerais e orgânicos ecológica e corretos, esse é o serviço da franquia EcoJardim, primeira empresa da região a pensar de forma diferenciada na saúde das plantas em jardins residenciais e de condomínios. Um dos segredos são os produtos utilizados no tratamento e nutrição das plantas, que são produzidos pela própria empresa com exclusividade para o franqueado.

A EcoJardim usa ainda de técnicas especiais de adubação e irrigação, que protegem e embelezam as plantas e flores. "Além do aumento da minha renda com um investimento relativamente baixo, foi o crescimento do mercado imobiliário, com mais residências, condomínios e espaços residenciais sendo construídos, o que mais me incentivou a abrir esta franquia em Manaus" explicou o engenheiro florestal, Newton Pardo.

O que chama atenção tam-

Por dentro

Tratamento

- Uso de defensivos especiais (orgânicos)
- Adubação de solo e foliar;
- Controle de plantas invasoras, pragas e doenças;
- Eliminação de insetos;
- Manutenção:
 - poda; plantio; organização; recuperação; cobertura de gramado;

bém para a franquia, é o serviço totalmente diferente dos executados por um jardineiro sem especialização. "Geralmente, particulares e condomínios contratam pessoas que apenas cortam e podam os jardins, mas com a EcoJardim não só fazemos isso, mas também tratamos do fortalecimento das plantas, flores e gramados, com controle de invasores e doenças", salientou o franqueado.

Outro aspecto interessante é que, antes de ser aberta e começar a funcionar, a franquia disponibilizou um curso online de seis meses para o franqueado, junto à Universidade de Viçosa. "O que incluiu

Serviço

O quê?
EcoJardim

Contato
Telefone: 3087-4733 / 9250-9954/
E-mail: manaus1@ecojardim.net.br

depois um treinamento de dois dias para ficarmos sabendo de toda a rotina administrativa, de atendimento, contratação de profissionais e também na área de prospecção de clientes", avaliou.

Após esse curso na sede da



Franquia já conta com 35 unidades espalhadas pelo Brasil e a previsão é fechar o ano com 40 espaços

franquia em Porto Ferreira (SP) o franqueado recebe o certificado de "Especialista em Jardinagem", estando apto a diagnosticar e solucionar problemas com plantas que não se desenvolvem, pragas, fungos, doenças, in-

setos, entre outros. "Consientizamos os moradores e condomínios que, para um jardim estar sempre bonito, é preciso pensar na saúde das plantas como um todo", observou Pardo. O resultado é uma área externa mais cui-

dada, com plantas bonitas e cheias de vida. Lançada no ano passado, a primeira franquia brasileira em nutrição e tratamento de jardins já conta com 35 unidades e deve atingir 40 até o final deste ano.

MICRO E PEQUENAS

Sebrae anuncia melhores empresas de 2011

DO TOTAL DE 560 MES E EPPS INSCRITAS NO AMAZONAS, SOMENTE QUATRO OBTIVERAM AS MAIORES PONTUAÇÕES

O Sebrae no Amazonas (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) divulga hoje as microempresas (MEs) e empresas de pequeno porte (EPPs) vencedoras do Prêmio de Competitividade para Micro e Pequenas Empresas – MPE Brasil 2011, no Amazonas.

A solenidade de premiação acontece no Hotel da Vinci, às 17h, e vai contar com a presença de empresários, representantes de entidades de classe do comércio e indústria, além de dirigentes que representam instituições que atuam no apoio direto ou indireto aos pequenos negócios.

“O MPE Brasil é o reconhecimento justo que fazemos às micro e pequenas empresas que se destacaram em 2011, que inovaram e que obtiveram bons resultados e que ampliaram suas atividades. A premiação contribui para aumentar a competitividade do setor e incentiva outras empresas”, disse o diretor técnico do Sebrae no Amazonas, Maurício Seffair. O prêmio é uma forma de reconhecimento concedido anualmente às micro e pequenas empresas de todo o Brasil que se destacam



Foto: Walter Mendes

No Amazonas, participaram do prêmio 56 empresas, entre MEs e EPPs, nos diversos segmentos da economia

nas categorias de agronegócios, comércio, indústria e serviços. Cada Estado elege as empresas vencedoras que em seguida disputam a premiação em nível nacional, durante evento em Brasília que reúne todos os Estados.

No Amazonas, participaram do prêmio 560 empresas, entre MEs e EPPs, nos diversos segmentos da economia. As etapas do MPE Brasil incluem o preenchimento de um questionário de auto-avaliação e em seguida a empresa recebe a visita de

consultores que avaliam e julgam as melhorias ocorridas na empresa em vários itens tais como inovação, processos, gestão, administração, sustentabilidade, entre outros.

Do total de 560 inscritas, quatro obtiveram as melhores pontuações nos quesitos avaliados e serão as representantes do Amazonas no evento em Brasília, que acontece no dia 23 de março. Em nível estadual, as vencedoras recebem troféus e passagens aéreas e hospedagem para participarem do

evento nacional.

“O maior ganho de um empreendedor na premiação é a visibilidade que ela oferece a sua empresa, além, claro, da satisfação de seus funcionários”, comenta a analista técnica do Sebrae no Amazonas, Kátia de Matos.

O Prêmio de Competitividade para Micro e Pequenas Empresas – MPE Brasil 2011 é realizado pelo Sebrae e, no Estado, conta com a parceria da Fieam (Federação das Indústrias do estado do Amazonas).

Queixas sobre negociação lideram

SOMENTE NO SEGUNDO SEMESTRE FORAM MAIS DE 15 MIL CONSULTAS, RECLAMAÇÕES E DENÚNCIAS DE INVESTIDORES

A CVM (Comissão de Valores Mobiliários) recebeu 30.879 atendimentos pelo Prodin (Programa de Orientação e Defesa do Investidor) no ano

passado, número 35,7% menor do que os 48.037 realizados em 2010. Somente no segundo semestre foram 15.532 consultas, reclamações e denúncias de investidores.

No ranking divulgado, ontem, pelo regulador do mercado de capitais, aparecem como principais assuntos registrados, entre julho e dezembro de 2011, queixas em

relação a negociações com valores mobiliários (33,46%), reclamações de fundos de investimento (12,20%), dificuldades em obter informações sobre posição acio-

nária ou divergências sobre essa informação entre o acionista e o prestador de serviços de ações escriturais (5,18%) e informações sobre ofertas irregulares (5,67%).

De acordo com o boletim, apenas 541 das 15.532 reclamações de investidores recebidas na segunda metade de 2011 resultaram na abertura de processos.



Gestão e Carreira

PAULA PEDROSA

Aonde você quer chegar?

Como você pode se destacar? O que o torna um candidato a promoção? Qual o seu diferencial? A resposta para essas perguntas não é simples. São vários os fatores, e não apenas a competência, que fazem com que as pessoas o vejam como um líder.

Você é aquilo que faz

Observe as pessoas em sua empresa. Note que os analistas agem de uma maneira, os gerentes e diretores agem de outra.

Você tem que imitar os bons costumes, contudo, criando um estilo próprio, que o diferencie dos outros. Veja que se você for um analista, porém, ao andar na rua, caminhar como gerente, logo as pessoas pensarão que você é o gerente. O mesmo acontece com a maneira de se vestir, com a maneira de falar, de se expressar, de se portar. Você precisa agir como seu líder agiria. Assim, além da sua competência, as pessoas já começarão a enxergá-lo como líder através de seus atos.

Se esforce bastante. Se esforce bastante, leia, estude, pesquise. Estamos na era da informação e, sendo o conhecimento o bem de maior

valor, buscá-lo constantemente é essencial. Lembro que a network é valiosa nos dias de hoje, e sem um bom "assunto", como fazer uma boa network? Esteja sempre antenado! É importante identificar as pessoas que são importantes e manter boas relações com elas.

A mudança de atitudes não significa você se tornar uma pessoa diferente ou falsa. Você modifica apenas seus comportamentos, mas não sua personalidade e seus valores morais, e assim vai se tornar mais habilidosa, com muito mais sucesso!

Acima de tudo, você deve compreender o seu valor, sendo assim, você apenas vai desenvolver o que está intrínseco em você.

Fale bem, escreva bem, vista-se bem. Você deve ser atraente no que faz. Cuidar de sua aparência, e da sua saúde também. Não é prazeroso estar com uma pessoa que está descuidada com os cabelos, barba, roupas, unhas. Lembre-se que os detalhes são importantes. É de extrema importância ser notado pelo o que você faz. Invista em você!

A organização interna

Você precisa se organizar também internamente. Não perca tempo nem desperdice oportu-

nidades. Faça o seu grande esforço no momento em que você pensava ser impossível fazer. Nós vamos muito mais além, quando pensamos que já não conseguimos dar um passo a frente.

Não desapareça de vez em quando. Se você desaparece de vez

Encare as oportunidades como se fossem bolas. Se alguém lhe jogar uma, você terá apenas uma fração de segundos para agarrá-la

em quando, poderá estar perdendo uma preciosa oportunidade. Mantenha celulares, telefones e e-mails sempre em dias.

Encare as oportunidades como se fossem bolas. Se alguém lhe jogar uma, você terá apenas uma fração de segundos para agarrá-la. Por-

tanto, esteja atento! Você precisa estar atento para reconhecer uma boa oportunidade e obter o melhor da situação, porém agindo com prudência.

A ética é extremamente importante. Temos que galgar nossos objetivos e resultados com ética, fazendo por onde com nosso trabalho, com nosso esforço, com nossas boas atitudes. Passar por cima dos outros com táticas maliciosas, pode até dar certo no primeiro momento, entretanto, é um passo largo para a queda.

Você vai se portar como um líder, para galgar a posição que você deseja chegar, porém, tenha sempre em mente as questões de autoridade e hierarquia. Seja politicamente correto.

Aja como se estivesse um passo à frente

Para ser capaz de seguir as regras do trabalho, você precisa ter firmeza de caráter, força de vontade, determinação, honestidade, coragem, experiência, grande talento,

dedicação, impulso, sangue-frio e carisma. Comprometimento consigo mesmo é fundamental.

Sobretudo, passe mais tempo com seus superiores. Quanto mais perto você estiver dele, mas chances você terá de obter sucesso. Além de observar as ações do seu líder, você irá aprender com seu líder e terá suas fraquezas aprimoradas. Além de ser o primeiro a vir na mente de seu superior, como candidato a uma possível promoção.

Mostre todo o seu potencial. Dê ideias, estratégias, monte planos de ação. Mostrando o que você pode render à empresa, você estará assinando sua promoção.

Não deixe de lado sua essência de ser humano. Cultive seus colegas de trabalho, seus líderes, seus subordinados. Mostre-se disposto a ajudar no que for necessário. Seja disponível e disposto. Sorri! Sorria!

Uma semana de vitórias!
Fiquem todos com Deus.

PAULA PEDROSA é diretora-executiva da Paulo Pedrosa Headhunter & Associados, Paula Pedrosa. paula@paulopedrosa.com.br

Pedro Cortês

cortes_pedro@hotmail.com

Comemoração

Hoje, a Suframa completa 45 anos de um modelo exitoso que trouxe desenvolvimento econômico para a região aliado à sustentabilidade e preservação da floresta em pé. Para comemorar, a autarquia lança, durante reunião do CAS (Conselho de Administração da Suframa), a nova campanha institucional e um selo postal comemorativo.

Selo

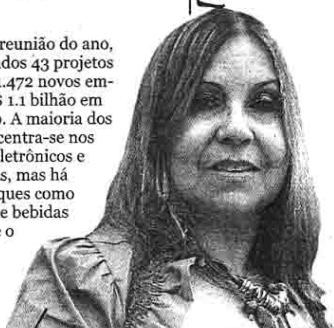
Em parceria com a ECT (Empresa de Correios e Telégrafos), o selo comemorativo traz a imagem da fachada da sede da Suframa com a bandeira brasileira tremulando sob o céu azul e a árvore do ipê, com a florada amarela, formando o mapa do Brasil. Serão produzidas 12 mil unidades, com validade de um ano, a serem utilizadas em todas as correspondências da autarquia, enviadas da sede e descentralizadas.

Reunião

A 255ª Reunião do Conselho de Administração da Suframa, será marcada pela participação estreante de Thomaz Afonso Queiroz Nogueira no cargo de superintendente da autarquia. O encontro será presidido por Alessandro Teixeira, secretário-executivo do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Projetos

Na pauta da reunião do ano, serão analisados 43 projetos que somam 1.472 novos empregos e US\$ 1.1 bilhão em investimento. A maioria dos projetos concentra-se nos polos eletroeletrônicos e de duas rodas, mas há outros destaques como os projetos de bebidas energéticas e o de produção de telhas.



>>> Em família

Com base religiosa pautada em princípios e valores passados por gerações, Aldenir e Carol Alencar transcendem a felicidade de sua família em qualquer momento e encontro social.

>>> Conheça os novos superintendentes adjuntos da Suframa



Projetos

Natural do Rio de Janeiro, Gustavo Igrejas é bacharel em Ciências Econômicas e pós-graduado em Administração de Empresas. Igrejas iniciou sua carreira na Suframa há 25 anos, como estagiário.



Administração

Natural do Ceará, Francisco Arnóbio é bacharel em Ciências Contábeis e pós-graduado em Gestão Contábil, Econômica e Financeira de Empresas. Atua na Sefaz do Amazonas desde 1988.



Planejamento

José Nagib é formado em História, pós-graduado em Metodologia da Pesquisa e em História Econômica da Amazônia, além de mestre em Ciência da Educação Superior. Trabalhou na Secretaria de Educação e Cultura de Roraima, no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

>>> Novidades



Foto: Pedro Cortês



A elegante matriarca Regina Assi, traz em sua biografia importantes capítulos marcados por grandes conquistas e alegrias, exemplos de viver bem

DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Sonho possível ou utopia

INVESTIMENTO NO SETOR PRIMÁRIO COM USO DE TECNOLOGIA DE PONTA É UMA DAS APOSTAS DE ALTERNATIVAS PARA O ESTADO

Juliana Geraldo

E cada vez mais difícil pensar nas atividades atuais do Polo Industrial de Manaus como o único caminho para o desenvolvimento da região. Apesar de os indicadores da Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus) apontarem faturamento recorde de pouco mais de US\$ 40 bilhões e geração de 120 mil empregos em 2011, a competição acirrada com a importação chinesa e as lutas constantes com outros Estados para manter as vantagens da Zona Franca como área de exceção tem minado possibilidades de crescimento do setor industrial no Amazonas. Evitar a estagnação e a dependência dos segmentos de eletroeletrônico e de duas rodas, para muitas entidades locais, só será possível se o Estado buscar outros cami-

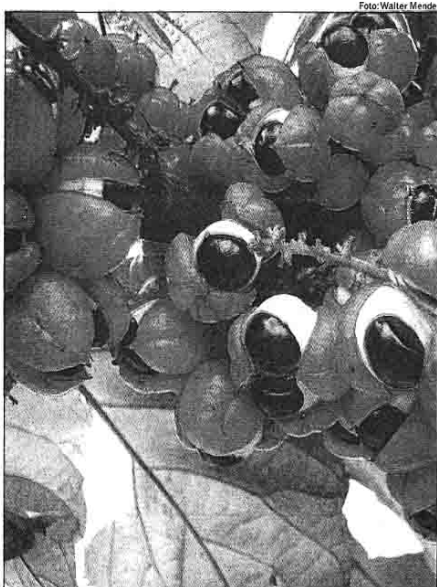
nhos. O setor primário é visto como a principal saída.

"Precisamos de um retorno às culturas tradicionais, que durante muitos anos foram a base de sustento da região" opina o presidente da Afeam (Agência de Fomento do Estado do Amazonas), Pedro Falabella.

Na fruticultura, a produção de açaí no Estado, por exemplo, já é praticada em

Produção de mandioca, castanha, abacaxi, guaraná, fibras vegetais (juta e malva) e borracha se destacaram em 2011

16 agroindústrias espalhadas pelos municípios de Manaus, Manacapuru, Carauari, Benjamin Constant e Codajás, e envolve, segundo dados do Idam (Instituto de Desenvolvimento do Amazonas), 5,8 mil famílias. Cada fábrica produz cerca de 300 toneladas com perspectiva de aumento da produção para



Para alguns, a saída é voltar às culturas tradicionais como a do guaraná, principalmente em Maués, que já foram a base de sustento da região

400 toneladas em 2012. Os maiores compradores do fruto são os Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, além de ter os Estados Unidos como principal destino no exterior.

Além do açaí, de acordo com a Faeam (Federação da Agricultura e Pecuária do Amazonas), a produção de mandioca, farinha, castanha do Brasil, abacaxi, guaraná, fibras vegetais (juta e malva) e borracha são algumas das atividades extrativas que se destacaram no ano passado.

Segundo o titular da Sepror-AM (Secretaria de Produção Rural do Estado do Amazonas), Eron Bezerra, a agricultura familiar tem um peso importante na produção do Estado. "O setor primário é responsável por 8% do PIB (Produto Interno Bruto) do Amazonas e 95% da produção é feita através da agricultura familiar", informou.

De acordo com o MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário), existem 61.843 es-

tabelecimentos de agricultura familiar no Amazonas.

Em função desses números, a Sepror, de acordo com o secretário, criou um programa que pretende resolver problemas que vão desde a regulamentação legal das terras, passando por questões estruturais, como a recuperação de vicinais, até o desenvolvimento social das famílias. "Temos a feira da Sepror, concebida como alternativa para estimular e recuperar o trabalho dos agricultores e também apostamos no processo de mecanização de tecnologia para aumentar a produção sem aumentar a área", contou.

Ele destaca que todas as ações, embora pretendam abranger o Estado como um todo, têm ênfase no desenvolvimento da RMM (Região Metropolitana de Manaus). "Especialmente na produção de hortifrutigranjeiros, já que são 800 casas de vegetação só nas proximidades do município de Iranduba", acrescentou.

FIBRAS VEGETAIS

Juta e malva despontam como alternativas

MAIS DA METADE DAS 20 MIL TONELADAS CONSUMIDAS POR ANO NO PAÍS SÃO PRODUZIDAS NO AMAZONAS



As sacarias fabricadas são utilizadas, sobretudo, para o transporte de produtos como café, amendoim, cacau e batata

Um dos destaques no extrativismo amazônico é dado para a produção de sacarias de juta e malva. O Amazonas é o principal produtor de fibra no Brasil, com duas fábricas, uma instalada em Manaus (Brasjuta) e a segunda no município de Manacapuru, a 88 km de Manaus, a Coomapem (Cooperativa Agropecuária Mista de Manacapuru). As sacarias fabricadas são utilizadas, sobretudo, para o transporte de produtos como café, amendoim, cacau e batata.

"Em 1982, houve uma super safra com produção de 80 mil toneladas. A mão de obra era de 4 mil a 5 mil empregos diretos distribuídos em quatro indústrias têxteis. Com a chegada do polietileno (saco sintético) Houve uma queda grande na produção de sacaria de aniação", recordou o presidente da (CAPPADR/ALE-AM), Comissão de Agricultura, Pecuária, Pesca, Abastecimento e Desenvolvimento Rural da Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas e deputado estadual, Orlando Cidade (PTN).

Atualmente, das 20 mil toneladas consumidas por ano no país, 12 mil são produzidas no Amazonas. O restante vem da Índia e de Bangladesh que, desde o ano passado com a autorização do governo fede-

ral para exportar para o país, competem deslealmente com a produção local.

Isso porque, o governo desses países, conforme explica Orlando Cidade, libera o subsídio de 25% sobre os impostos para estimular a produção. "Enquanto isso, nossa carga tributária segue altíssima sem nos dar condições de competir. O ano passado o quilo do produto variava entre R\$ 3,80 e R\$ 4 e esse ano passou para R\$4,80. Já o produto importado é vendido pela metade do preço (R\$ 2,30). O que se gasta importando daria para

setor. "Participamos de três ou quatro reuniões, mas ainda não temos resultados e enquanto isso, a safra desse ano já iniciou. O governo já planeja intervir para que o produtor não se prejudique tanto", disse.

Beneficiamento da borracha

A atividade de beneficiamento da borracha também enfrenta desafios. Hoje, cerca de 60 trabalhadores produzem para a usina Borracha da Floresta, em Iranduba, a 28 quilômetros de Manaus. A produção abastece a fábrica de pneus de bicicleta e motocicletas Levorin/Neotecem Manaus, que investiu R\$ 120 milhões na unidade com a projeção de gerar mil empregos até o próximo ano.

"O problema é que retomamos a atividade nos seringais, mas a nossa produção de borracha ainda é insignificante se comparada com outros Estados. Temos capacidade de produção de 3 mil toneladas, o mínimo necessário para a fábrica. Se quisermos ser autossustentáveis nesse setor precisamos de uma produção mínima de 5 mil toneladas", explanou Pedro Falabella.

Segundo ele, ações como aumentar o subsídio da borracha, seguindo o exemplo da Índia na produção de juta e malva, dariam um impulso importante à atividade.

No final do ano passado, o Mdic prometeu definir medidas protecionistas para o setor

produzir 1,2 mil sacos aqui", queixou-se.

A Brasjuta, instalada no PIM desde 2011, que investiu R\$ 30 milhões e envolve o trabalho de 2,6 mil famílias já apresenta dificuldades para escoar a produção, segundo o deputado. A melhora no cenário é esperada somente para julho, com o início da safra do café.

No final do ano passado, o Mdic (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior) prometeu definir medidas protecionistas para o

Por dentro

Caminhos regionais

Outras matrizes de DESENVOLVIMENTO

Gás e o petróleo	Extração da silvinita	Criação de caprinos	Beneficiamento da castanha
Óleos essenciais	Carne de jacaré	Beneficiamento de anisobá	Extração do cupuacu

MANEJO

Madeira e piscicultura têm barreiras

POTENCIALIDADES DOS PRODUTOS ESBARRAM EM ENTRAVES AMBIENTAIS QUE IMPEDEM DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

Investir no manejo sustentável da madeira é uma atividade subestimada no Estado, sendo considerado por muitos um tema polêmico e complicado de avançar em termos de políticas públicas, diante da marca da preservação da Amazônia. O deputado estadual Orlando Cidade disse que o governo federal vai fazer dois grandes leilões em março para ceder 1,1 milhão de hectares de reservas (0,02% do território) para o manejo sustentável de

O secretário da Sepror (Produção Rural), Eron Bezerra, vê na piscicultura um caminho promissor, sendo atualmente o segundo produtor do país



O Amazonas, segundo a Sepror, já é o segundo produtor de peixes do país produzindo 13 mil toneladas

madeira. A ação vai contemplar os Estados do Pará (quatro lotes) e de Rondônia (um). O Amazonas com toda a floresta que possui, ficou de fora. "Isso porque possuímos apenas 220 mil metros cúbicos destinados ao manejo sustentável enquanto o Pará destina 4 milhões. O governo estadual, nos últimos dez anos, afastou

tudo o segmento madeireiro e a consequência é que o Amazonas não tem madeira certificada até o momento. Queremos a reversão desse quadro", protestou o deputado.

Enquanto isso, o secretário da Sepror (Produção Rural), Eron Bezerra, vê na piscicultura um caminho promissor. Conforme informou, o Amazonas já é o

segundo produtor de peixes do país, produzindo 13 mil toneladas. Perde apenas para o Mato Grosso, com 18 mil toneladas. "O manauara consome 54 kg de peixe por ano. Se considerarmos o interior, esse número sobe para 180 kg por ano. Estamos trabalhando a pleno vapor nessa alternativa porque temos potencial", frisou.

Desafios e perspectivas

Mesmo com várias possibilidades de desenvolvimento, o presidente da Afeam (Agência de Fomento do Estado do Amazonas), Pedro Falabella, disse acreditar que hoje, o interior está a reboque das sobras dos incentivos da indústria.

Para mudar o quadro, segundo ele, é preciso corrigir

OPINIÃO

"A expectativa é pela concretização de políticas públicas que considerem a necessidade da interiorização da economia, começando pela resolução de problemas históricos como a regularização fundiária e a regularização de leis ambientais".

Muni Lourenço, presidente da Faeam.

"O desenvolvimento regional passa por uma ponte que liga a sociedade ao desenvolvimento, com pilares de emprego, renda, sustentabilidade social, educação, políticas públicas de desenvolvimento social e industrial com planejamento de metas, logística".

Matheus Araujo, presidente do Sindnaval

"É importante destacar que o setor primário no Amazonas não comporta mais proteçãõ".

Eron Bezerra, secretário da Sepror

falhas estruturais graves como o fornecimento de energia para os municípios do interior. "Desenvolver o interior do Estado passa pela resolução de problemas básicos de infraestrutura", constatou.

Outra iniciativa, para ele, poderia partir do governo. "Assim como incentiva o PIM, o governo poderia incentivar o setor primário, criando mecanismos tributários para estimular o segmento", sugeriu.

O produtor também precisa ter atenção, acrescentou, para não investir energia e dinheiro em atividades para as quais não tem expertise. Ele conta que a Afeam aprovou diversos proje-

tos para a produção de sementes e nenhum obteve sucesso, perdendo na concorrência com o Pará, que há décadas é especialista na atividade.

Ele esclarece ainda que não existe falta de crédito para fomentar ações de desenvolvimento regional e sustentável no interior. "O que existe e precisa ser corrigido é a falta de acompanhamento dos projetos. Para dar certo é preciso gerenciar".

Mesmo com todos os gargalos, o presidente da agência afirma que os representantes do setor demonstram confiança para enfrentar o desafio. "Para qualquer uma das alternativas é preciso vontade", encerrou.

Manaus que o tempo mudou

HÁ MENOS DE MEIO SÉCULO, MANAUS ERA UMA CIDADE ESQUECIDA NO MEIO DA SELVA. A ZFM ACORDOU UMA NOVA ERA

Mencius Melo

Especial para o JOC

Imagine-se na cúpula do Teatro Amazonas, olhando por entre os vitrais a paisagem de uma cidade nos últimos 45 anos. A viagem no tempo irá revelar, do ponto mais alto do centenário edifício, duas cidades em uma: a Manaus letárgica dos anos pós-quebra da borracha e a Manaus frenética do pós-Zona Franca.

As duas distintas paisagens, afora os prédios históricos e alguns lapsos de modernidade, pouco tem em comum. Até mesmo o homem, personagem central da arquitetura econômica e social capitalista, mudou nas quatro décadas e meia em que um "excêntrico" modelo de exploração do capital foi engendrado no meio da selva amazônica. Mais exótica que a selva, era a ideia de se instalar fábricas no meio dela. Para o bem ou para o mal, o projeto aconteceu e hoje o centenário *Jornal do Commercio* lança uma luz sobre 'o que era e o que é' a capital do Amazonas após quatro décadas de transformações. Mas, o que realmente mudou em Manaus na arquitetura, cultura



Foto: Misam

Manaus em algum ponto entre os anos 1950 e 1960. Com ruas calmas e poucos prédios, a cidade ainda estava distante do turbilhão após quatro décadas

e urbanidade?

O historiador Otoni Mesquita é cético quanto à Manaus do pós-ZFM. "A Zona Franca tirou Manaus do marasmo, mas, ao passo que a cidade ganhou, ela

também perdeu, aliás, para mim perdeu mais do que ganhou", observa. "Hoje vejo uma cidade desumana, mas, claro, sou saudosista porque ainda prefiro a Manaus calma e tranquila", re-

corda. Para Otoni, um advento tecnológico trazido pela ZF foi o responsável pelas mudanças na cidade. "A televisão foi o elemento agregador e desagregador da sociedade local. O que a

TV trazia? Trazia atualização, só que olhando para o passado vejo o quanto fomos ingênuos. Essa tecnologia mudou o comportamento do manauara", conclui. "Foi a partir dela que todos pas-

saram a desejar o carro, lembro que quem não tinha TV ia para a 'televisinha', foi algo impactante. Recordo que no final dos anos 1960, todos os cinemas de Manaus fecharam as portas, não suportaram a concorrência da televisão", relembra Otoni.

"Manaus mudou substancialmente, passou a ser uma cidade internacional", assim avalia o escritor e secretário estadual da Cultura, Robério Braga. Mas, segundo ele, culturalmente falando, a ZFM contribuiu muito pouco com o crescimento da cidade. "Não há uma empresa do polo que contribua com Manaus culturalmente falando, muitas ganham dinheiro aqui e investem em eventos em São Paulo", critica. "Se dependesse de muitas fábricas do polo, não haveria política cultural no Estado", resume. Robério não esconde que indiretamente, a receita gerada pela ZFM contribuiu, mas, se trata de política de Estado. "Temos arrecadação e investimos mas, dificilmente as empresas apoiam diretamente, e isso é ruim porque é visível a importância da cultura para a sociedade", avalia. "A ZFM não pode apenas gerar emprego, está na hora de ampliar sua abrangência social", propõe.

Recursos trocaram de mãos

COM O CRESCIMENTO ECONÔMICO, A IMPESSOALIDADE DAS RELAÇÕES ALTEROU A CONVIVÊNCIA ENTRE AS CAMADAS SOCIAIS DA CAPITAL

Para o economista e ex-prefeito de Manaus, Serafim Corrêa, a ZFM mudou as feições, inclusive, econômicas da cidade. "Manaus era uma cidade há 45 anos em que todos eram amigos, todos eram parentes ou conhecidos", relembra. "Quatro décadas e meia depois, até o dinheiro mudou de mãos. Quem eram os ricos antes da ZFM? Eram uns poucos, hoje são outros que em sua maioria nem moram no Brasil", observa.

Na opinião de Serafim, a cidade perdeu por um lado mas, ganhou por outro. "Hoje, temos um Estado mais presente, é verdade, mas também temos o aumento da violência, o trânsito caótico, a expansão desordenada", contextualiza. "De fato, a ZFM foi o único projeto que deu certo na nossa região, acontece que a velocidade do crescimento foi atropelando o interior pequeno que existia no

espírito da cidade", conclui.

Os ônus e bônus, segundo Serafim, estão por toda a parte. "Manaus cresceu com conjuntos isolados e invasões autorizadas pelo poder público. Quem não lembra da famosa frase do prefeito Amazonino Mendes 'podem invadir que o Negão resolve', pois é, está aí o resultado", alfineta. Mesmo com as deficiências, Serafim aponta o lado positivo. "Temos a UEA, uma forte expansão no ensino privado e uma nova mentalidade surgindo", diz acreditar. Segundo o economista, é preciso mudar hábitos culturais e algumas meias verdades no que tange a ZFM. "Quinze anos depois da lei de superávit primário, o Estado do Amazonas ainda não entendeu que os recursos contingenciados da Suframa não existem mais", lamenta. "É preciso que o governo do Estado se organize para dialogar com o governo federal", finalizou.

“

De fato, a ZFM foi o único projeto que deu certo na nossa região, a velocidade do crescimento foi atropelando o interior pequeno que existia no

Serafim Corrêa



Foto: Walter Mendes

Com um aspecto cada vez mais metropolitano, Manaus colhe os ônus e bônus trazidos pela ZFM depois de 45 anos. A modernidade mostra as suas faces

Para entender o PIM

Experiência única do capitalismo na Amazônia, o PIM (Polo Industrial de Manaus) é alvo de estudo por sua condição sui generis. Com quase meio século de vida, é natural que o modelo econômico renda debates, pesquisas e farto material acadêmico sobre sua atuação no coração de um dos mais delicados biomas da terra. O Jornal do Commercio – Edição Comemorativa dos 45 anos da Suframa apresenta algumas obras que podem ajudar o leitor a entender um pouco mais sobre essa complexa experiência econômica.

Para entender o PIM (continuação)

Amazônia (in)sustentável: Zona Franca de Manaus – estudo e análise, de Deusamir Pereira. – Manaus: Editora Valer, 2006.



A Zona Franca de Manaus – ZFM, nome que consagrou o processo de intervenção econômica do capitalismo internacional na Amazônia Ocidental por meio de medidas e mecanismos facilitadores do Estado Brasileiro, ainda causa polêmica quanto às da época de sua efetivação pelo governo militar. O motivo dessas controvérsias provém do caráter ideológico de seus processos de criação, das sucessivas metamorfoses da ZFM em suas formas de acomodação e conflito com, na, e apesar da economia brasileira, e, ainda, de sua configuração como modelo de desenvolvimento regional induzido por mecanismos fiscais. Deusamir Pereira traz aos leitores especialistas e leigos, uma abordagem acadêmica sobre a institucionalidade da Zona Franca de Manaus e de seus impactos sobre a realidade amazônica.

Redesenhando o Projeto Zona Franca de Manaus - um estado de alerta (uma década depois), de Antônio José Botelho. Manaus: Editora Valer, 2006.



Na apresentação da segunda edição do livro, lançada em 1998, o economista e amazônólogo Samuel Benchimol observa que o autor tenta conciliar as vertentes do meio ambiente e dos recursos naturais, de modo a complementar e dar sustentabilidade econômica, social e política ao modelo da ZFM. Redesenhar este modelo da ZFM, atendendo às novas condições de globalização e regionalização constitui tarefa que o autor em linguagem de fácil acesso, procura transmitir ao leitor. Para Botelho, a segunda edição do seu livro significa uma reconsolidação das reflexões já publicadas anteriormente e outras que ele disponibiliza em seu site na internet. O professor Tenório Telles considera 'Redesenhando o projeto Zona Franca de Manaus' leitura obrigatória para quem se interessa pelo estudo dos problemas amazônicos.

Globalização e Empresariado - Estudo Sobre a Zona Franca de Manaus, de Marcelo Seráfico. Editora: Annablume, 2011.



O foco da análise deste livro são as relações econômicas e políticas do empresário local com a Zona Franca de Manaus. O autor analisa o empresário local, este que é entendido como o proprietário dos meios de produção que tem a cidade seu centro decisório, o que o diferencia de empresários nacionais e de executivos de empresas transnacionais. As relações econômicas são analisadas segundo as modalidades de localização desse empresário na economia da Zona Franca, compreendidas em termos das oportunidades diretas e indiretas de lucratividade criadas pelos incentivos fiscais característicos desse mecanismo de dinamização da economia. Marcelo Seráfico baseou-se para a realização deste livro em análise documental, entrevistas realizadas com empresários tradicionais e modernos, com lideranças empresariais locais, consultores econômicos e técnicos governamentais.

Chão de Fábrica - Ser mulher operária, no Pólo Industrial de Manaus, de Ierecê Barbosa. Manaus: Editora Valer, 2007.



Este trabalho situa-se metodologicamente no âmbito da interdisciplinaridade, abarcando três grandes áreas do conhecimento: Educação, Ciências Sociais e Comunicação, explorando a temática gênero, uma vez que o objeto de estudo é a mulher operária que labuta no Polo Industrial de Manaus. Buscou-se, sobretudo, desvelar e analisar o que é ser mulher operária, como, também, a face oculta das relações sociais de produção, analisando o discurso e a influência dos Aparelhos Ideológicos de Estado na massificação dos valores da classe dominante, numa tentativa de suprir lacunas existentes nas reflexões sobre as condições da mulher operária no Amazonas, registrando as lutas, a trajetória histórica, evitando-se, assim, que passagens tão significativas, do seu cotidiano, se perdessem por falta de registro e que a ausência de uma análise crítica a leve a repetir as imprecisões de um passado recente, na busca pelo direito de ser.

ENTREVISTA/ALESSANDRO TEIXEIRA

'A ZFM é o grande pilar do desenvolvimento'

A ZFM (Zona Franca de Manaus) é apontada pelo ministro interino do Mdic (Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior), Alessandro Teixeira, como o grande pilar do desenvolvimento da região Norte do país. De acordo com Teixeira, o modelo responde por uma parcela importante dos investimentos brasileiros, o que permite ao PIM (Polo Industrial de Manaus) ser considerado um centro de produção de produtos manufaturados de média e alta tecnologia no país. Leia a entrevista concedida ao Jornal do Commercio na íntegra.

ENTREVISTA/ALESSANDRO TEIXEIRA (continuação)

Jornal do Commercio - Como o senhor avalia os 45 da ZFM?

140 mil postos de trabalho, ela é o grande pilar do desenvolvimento da região e é um dos principais centros de produção de produtos manufaturados de média e alta tecnologia no país. O resultado é muito positivo, um dos mais positivos na história da indústria brasileira.

JC - Qual a importância do modelo para o desenvolvimento do país?

Teixeira - O compromisso do governo da presidente Dilma Rousseff com o modelo ZFM é extremamente forte. Durante oito anos, e digo isso tranquilamente porque fiz parte da equipe de transição e da equipe que teve a oportunidade de eleger o presidente Lula em 2002, nós discutimos a ZFM, e um dos focos da discussão para a região era a manutenção ou término deste modelo de desenvolvimento. Durante os oito anos de governo do presidente Lula não houve um minuto onde ele, a ex-superintendente da Suframa, Flávia Grosso, e toda a equipe tenha titubeado em fazer a defesa da Zona Franca, por acreditarmos ser um modelo correto para a região e ser fonte de inspiração para o mundo e elo do desenvolvimento brasileiro. Isso não só foi reforçado no período de campanha da presidente Dilma, mas, principalmente um compromisso assumido durante a campanha de renovação da ZFM, que ela cumpriu em seu primeiro ano de governo.

JC - O que lhe faz acreditar que a ZFM seja um modelo vencedor?

Teixeira - Porque gera emprego e renda e auxilia o desenvolvimento econômico e social da região Norte. Sabemos dos desafios e as dificuldades que o Mdc tem e que a ZFM terá nos próximos anos: desafios de um modelo criado no final dos anos 60 que precisa permanentemente de modernização e de nova dinâmica, e é isso que o Thomaz Nogueira, que acaba de assumir a Suframa, tem como desafio.

JC - O que o governo federal tem feito para fortalecer o modelo?

Teixeira - O governo federal é totalmente favorável a ZFM, tanto é que quer fortalecer e fazer desse modelo um exemplo em vários lugares do mundo. A nossa ação no MDCI é garantir que isso se desenvolva e se fortaleça. Obviamente em determinado momento teremos situações que precisamos discutir e refletir muito para que um assunto em prol da Amazônia

a MP dos Tablets, as atitudes foram tomadas para prejudicar a ZFM, e sim fortalecer. É fundamental que cada vez mais a ZFM tenha uma



medidas consideradas danosas para a ZFM. Como o senhor avalia essa questão?

Teixeira - A prorrogação da ZFM por mais 50 anos foi benéfico. Nenhuma medida que o governo federal toma para a ZFM tem o objetivo de prejudicá-la, mas trabalhar o desenvolvimento das outras regiões. Isso é um problema que precisa ser discutido, compatibilizado e de forma alguma nenhuma medida foi para prejudicar alguém, muito pelo contrário foi para favorecer todos os Estados.

JC - Como o senhor avalia o trabalho realizado pela ex-superintendente Flávia Grosso?

Teixeira - A Flávia Grosso fez um excelente trabalho ao longo dos oito anos que esteve à frente da Suframa recuperando e fortalecendo a instituição, dando uma nova cara, uma nova modernidade, atraindo os investimentos. Recai agora ao Thomaz Nogueira ode-



ENTREVISTA/ALESSANDRO TEIXEIRA (continuação)

piore para um ou outro Estado, mas de forma alguma em todas as nossas discussões em nenhum momento, como a MP dos Tablets, as atitudes foram tomadas para prejudicar a ZFM, e sim fortalecer. É fundamental que cada vez mais a ZFM tenha uma integração com a economia nacional e seja um dos modelos que o Brasil utiliza. Não podemos discutir política nacional de costas para a ZFM como já ocorreu no passado.

JC - Neste governo já houve

saio de melhorar e fortalecer ainda mais o modelo que não precisa ser comprovado ou provado, por se tratar de um modelo de êxito, de sucesso e que precisa cada vez mais ser robustecido. Em nenhum momento o governo federal duvida ou duvidará da consistência e da necessidade de fortalecer esse modelo. Nos próximos anos veremos o mesmo nível de investimentos que nós fizemos cada vez maior. Precisamos do modelo como um dos pilares centrais para o desenvolvimento da região e do país.

conseguimos investir mais do que no ano passado, cujo somatório foi acima dos US\$ 3 milhões.

JC - Há quem diga que a ZFM perdeu a força desde sua criação até os dias atuais. O senhor concorda?

Teixeira - Discordo totalmente. Acho que a ZFM cresceu, investe muito mais, gera muito mais empregos; hoje ela representa muito mais o que representava para o Brasil e para a região. Tanto é que mais de

damentais. Temos que ver não só os incentivos da região, mas o fortalecimento e a capacidade de recursos humanos, que é fundamental e o Mdic em conjunto com a Suframa vai estar fortalecendo a região na capacidade produtiva.

JC - Em 2011 30 PPBs não foram aprovados, qual o motivo e o que fazer para agilizar esses processos?

Teixeira - Na verdade, não temos que contar o número de Processos Produtivos Básicos, mas a qualidade e o que gera esses PPBs. Hoje, o Brasil tem tido uma demanda muito grande por alguns segmentos que não se encontram na ZFM, nós precisamos caminhar cada vez mais para um plano estratégico na região. Temos segmentos como o setor farmacêutico, principalmente com princípios ativos da região com conhecimentos regionais, indígenas que podem ser explorados. A indústria de cosméticos é outra que abre oportunidades muito grandes, além do polo de duas rodas, eletroeletrônico, principalmente a produção de linha branca. Tenho certeza de que quanto mais avançarmos na política industrial e tecnológica do governo, mais resultados positivos teremos para a ZFM.

JC - De que forma o governo vai combater a concorrência desleal?

Teixeira - A concorrência se combate com a melhora da competitividade. Não é fechando a indústria que vamos competir, precisamos basicamente defender a nossa indústria, diminuir cada vez mais a concorrência desleal, e investigar os processos que nós achamos que são perniciosos para a competitividade.

JC - Está previsto algum concurso para a Suframa neste ano?

Teixeira - Estamos discutindo a realização de concurso, não posso garantir que será agora neste ano, mas temos perspectiva de realizar concurso e de recuperação da carreira. Se isso vai impactar aumento de salário em curto prazo não posso dizer ainda, mas posso afirmar que a recuperação e a qualificação de carreira da Suframa e também ampliação de quadros é uma necessidade e o MDCI vem trabalhando nisso.

JC - O governo está disposto a garantir as vantagens comparativas da ZFM na reforma tributária, a exemplo do nivelamento do ICMS de 12% para 2%?

Teixeira - Quando o governo da presidente Dilma toma uma iniciativa cumpre a promessa como foi feita na prorrogação do modelo ZFM por mais 50 anos. Porém, não depende só do governo a discussão sobre reforma, isso é um acordo, mas o governo tem todo o compromisso de manter os incentivos para o modelo ZFM, daí o motivo da presidente ter estado aqui.



Temos segmentos como o setor farmacêutico, principalmente com princípios ativos da região com conhecimentos regionais, indígenas, que podem ser explorados

medidas consideradas danosas para a ZFM. Como o senhor avalia essa questão?

Teixeira - A prorrogação da ZFM por mais 50 anos foi benéfico. Nenhuma medida que o governo federal toma para a ZFM tem o objetivo de prejudicá-la, mas trabalhar o desenvolvimento das outras regiões. Isso é um problema que precisa ser discutido, compatibilizado e de forma alguma nenhuma medida foi para prejudicar alguém, muito pelo contrário foi para favorecer todos os Estados.

JC - Como o senhor avalia o trabalho realizado pela ex-superintendente Flávia Grosso?

Teixeira - A Flávia Grosso fez um excelente trabalho ao longo dos oito anos que esteve à frente da Suframa recuperando e fortalecendo a instituição, dando uma nova cara, uma nova modernidade, atraindo os investimentos. Recai agora ao Thomaz Nogueira onde-

JC - O que representará a posse do superintendente Thomaz Nogueira?

Teixeira - Representa um momento histórico que vive a Suframa e nós temos que ressaltar o excelente trabalho que a ex-superintendente Flávia Grosso fez, mas agora é o momento da retomada e fortalecimento da atividade industrial do polo de Manaus e também de crescimento dos investimentos e geração de emprego e renda.

JC - Dos investimentos do governo federal para 2012 no PIM, quais os setores que serão priorizados?

Teixeira - Na verdade, os setores que se encontram no polo precisam ser fortalecidos e incentivados. Esperamos que em 2012 o faturamento seja maior que em 2011, e que

25% da economia brasileira gira em torno da ZFM, fortemente assentada em polos importantes como o eletroeletrônico, duas rodas, transportes. Se verificarmos os indicadores dos últimos 15 anos da ZFM nos últimos dez anos ela se fortaleceu e esperamos que continue assim.

JC - Na competitividade com os Estados brasileiros ela se mantém?

Teixeira - Cresceu não só a sua influência, mas sua produção. Nós tivemos mais de 200 projetos analisados em 2011, com um faturamento acima de US\$ 36 bilhões e mais de US\$ 3 milhões em investimentos. Se fomos buscar todos os investimentos realizados no Brasil vamos verificar que a ZFM recebeu uma parcela muito importante desse investimento.

JC - O que o Mdic está fazendo para impedir que novas indústrias saiam de Manaus?

Teixeira - Não diria que a gente vem perdendo, na verdade tem sempre uma concorrência entre um Estado e outro, mas é preciso fortalecer a política, qualificar os recursos humanos da região, trazer mais pesquisadores, fortalecer os institutos de pesquisas e universidades, enfim, fazer o que o governo federal vem fazendo com escolas técnicas que são fun-



ARTIGO/MARCELO SERÁFICO

A Zona Franca de Manaus: compreender para mudar

A industrialização de uma cidade no interior da Amazônia é um processo que, independentemente de quaisquer especificidades, por si só chama a atenção de quem o acompanha. A distância de grandes centros de consumo, a inexistência de força de trabalho imediatamente disponível, a escassez de capital acumulado, as limitações de disponibilidade de força de trabalho qualificada para postos de gerência, a pouca ou nenhuma familiaridade com uma economia mercantil-capitalista e os profundos laços com o passado extrativista fazem pensar em um tal empreendimento como uma excentricidade, uma ousadia, uma aventura ou mesmo uma loucura.

Quando a industrialização assume a forma de Zona Franca, como ocorreu com Manaus, a estupefação tende a aumentar. Sob essa forma ao mesmo tempo em que a industrialização se realizou por iniciativa de um Estado nacional – em regime de ditadura –, exprimi um momento do processo de transnacionalização, pondo em jogo forças sociais mais ou menos articuladas local, nacional e internacionalmente. Valendo-se de um discurso nacionalista e da ideologia da integração nacional, a ditadura deu um passo significativo no sentido da inserção do Amazonas, e Manaus em particular, no jogo das forças produtivas do capitalismo

mundial.

Economicamente, a Zona Franca vem sendo um empreendimento redefinidor dos modos de aproveitamento das forças produtivas locais. Socialmente, implicou mudanças profundas na estratificação e nos mecanismos de mobilidade social. Culturalmente, redundou na promoção de contatos entre etnias várias e na incorporação e transformação de hábitos e costumes. Politicamente, traduziu-se na adoção de técnicas de gestão pública distintas das que marcaram o “ciclo da borracha”.

Enfim, a implantação de um polo industrial fundado no mecanismo administrativo-político-econômico zona franca na Amazônia, em um Estado periférico da Federação brasileira, trouxe consigo mudanças de múltiplas ordens.

A criação da Suframa, a concentração populacional, do poder político e econômico em Manaus, o esvaziamento do interior, a impressionante expansão da atividade econômica e da área ocupada por Manaus são fenômenos que saltam aos olhos. Mas são também fenômenos que precisam ser tratados sob a óptica das alterações ocorridas nos modos de dominação e de apropriação da riqueza. Com efeito, a implantação da Zona Franca produziu consigo novos mecanismos de apropriação econômica e de dominação política,



Foto: Walter Mendes

mecanismos esses que privilegiaram frações de uma burguesia industrial transnacionalizada que forjou, num primeiro momento, camadas dirigentes arregimentadas no Centro-Sul do país e no exterior e, posteriormente, incorporou elementos da classe média local. E mais, criou oportunidades de investimento e lucro aproveitadas pela burguesia local. Essa peculiaridade redundou numa vinculação direta dos interesses das classes dominantes locais com os interesses dessa burguesia transnacionalizada e com alguns setores da

burguesia nacional, o que levou e leva a recorrentes conflitos com outros segmentos da burguesia nacional – aqueles que veem os incentivos fiscais com desconfiança.

Pode-se mesmo arriscar a hipótese de que a implantação da Zona Franca de Manaus demandou a formação de quadros capazes de operar as mudanças requeridas pelo processo de industrialização. Desse ponto de vista, a novidade desses quadros reside em dois aspectos fundamentais: (a) são quadros que se distinguem pelo fato de orientar

suas ações dentro de uma divisão do trabalho que é, num primeiro momento, internacional e depois se transnacionaliza; e (b) são quadros majoritariamente recrutados no exterior, isto é, fora da região amazônica, vindos seja dos centros econômicos do país (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais), seja dos lugares em que estão sediadas as empresas cujas filiais se encontram na ZFM.

Essa dupla condição tende a produzir interpretações sobre o papel da região no contexto da economia brasileira e na criação de todo um conjunto de instituições aptas a transformar as relações sociais locais. O fato de essas camadas não terem “raízes locais” imprime às suas interpretações a particularidade de serem sempre um olhar distante, de fora, desenraizado, mais vinculado a uma visão meramente instrumental

da sociedade local, que é entendida como um conjunto de forças produtivas que devem ser postas a serviço da acumulação de capital.

E, com frequência, esse olhar desenraizado norteia as interpretações e decisões de indivíduos e grupos cujas raízes locais se perdem num passado, às vezes, não tão remoto, mas distante das necessidades da maioria dos habitantes da região.

Por tudo isso me parece possível afirmar que a ampliação das possibilidades de criação de uma sociedade justa e igualitária no Amazonas da Zona Franca, obriga que se supere os constrangimentos criados por esse olhar distante, instrumental e descompromissado. Olhar que vê os incentivos fiscais administrados pela Suframa como o início e o fim de tudo... deixando de fora muitas coisas.



Marcelo Seráfico
é doutor em sociologia
e professor da Ufam

TSA

Contingenciamento paralisa obras

RECURSOS QUE DEVERIAM SER UTILIZADOS EM INFRAESTRUTURA FICAM ESTAGNADOS

Um dos principais compromissos assumidos pelo novo superintendente da Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus) ao assumir o cargo no dia 10 de janeiro deste ano foi o de liberar os recursos contingenciados da autarquia junto ao governo federal.

Aproximadamente R\$ 800 milhões em recursos da autarquia estão 'paralisados' desde 2002. Só este ano, dos

R\$ 514 milhões destinados à Suframa, R\$ 309 milhões, mas de 60,11% foram contingenciados.

O valor preso vem do pagamento da TSA (Taxa sobre Serviços Administrativos) que representa 2% sobre o faturamento das fabricantes de bens finais do PIM, 0,5% sobre os ganhos com bens de informática e 0,4% sobre o faturamento dos componentistas.

O pagamento da taxa pelas empresas deveria garantir a

resolução de problemas de infraestrutura, recuperação das vias e outras obras necessárias ao desenvolvimento da região.

Thomaz Nogueira explica que os recursos contingenciados têm sido utilizados pela União para atingir metas de superávit primário. "Essas metas, ao longo dos anos, vêm ajudando o Brasil a estabelecer, no cenário mundial, uma imagem positiva de pagador responsável que foi, é, e será fundamental para manter o

nível de investimentos estrangeiros", explicou.

No entanto, ele ressalta a importância do recurso para a região. "Estamos em negociação com o governo federal para que parte do montante contingenciado seja liberada para obras de infraestrutura, que contribuam para o desenvolvimento na área de atuação da Suframa. Esperamos poder contar, em breve, com um plano efetivo de aplicação desses recursos", declarou.

POR DENTRO

TSA

A função da TSA é custear a própria autarquia e garantir ações de desenvolvimento, principalmente na formação de capital intelectual, em todos os municípios do Amazonas e nas demais áreas de atuação da Suframa (Acre, Rondônia, Roraima e a área de Livre Comércio de Macapá-Santana, no Amapá).

Em 2011, cerca de R\$ 200 milhões arrecadados com a taxa foram contingenciados pelo governo federal, de acordo com a Suframa.

DIVERSIFICAÇÃO

PPBs atrasados engessam PIM

LIBERAÇÃO DE PROCESSOS DEFINIDOS PARA A PRODUÇÃO INDUSTRIAL VEM CAINDO DESDE 2009

A liberação de PPBs (Processos Produtivos Básicos) para a diversificação de produtos fabricados em Manaus é apontada como a principal alternativa para tirar o PIM da dependência do polo de duas rodas e do setor eletroeletrônico na qual se encontra hoje. No entanto, a demora do processo incomoda a indústria amazense e constitui um grande empecilho para o desenvolvimento da região.

Em 2011, por exemplo, o Estado não conseguiu a instalação da multinacional Adidas no parque industrial em função da demora da aprovação do PPB. A empresa não apenas desistiu de Manaus como optou não fabricar no país.

Segundo informações do Cieam (Centro das Indústrias do Estado do Amazonas), o número de PPBs aprovados, que em 2009 era de 31 processos, caiu para 20 em 2010 e para 11 no ano passado. Cerca de 30 processos ficaram presos em 2011.

"A ferramenta pública que é o PPB é exatamente pra dar as regras e fiscalizar o cumprimento dessas regras para que a empresa interessada goze dos incentivos fiscais que concedemos aqui. Não há motivos que impeçam a aprovação nem que justifiquem a demora. Acredito que o impasse é muito mais poli-

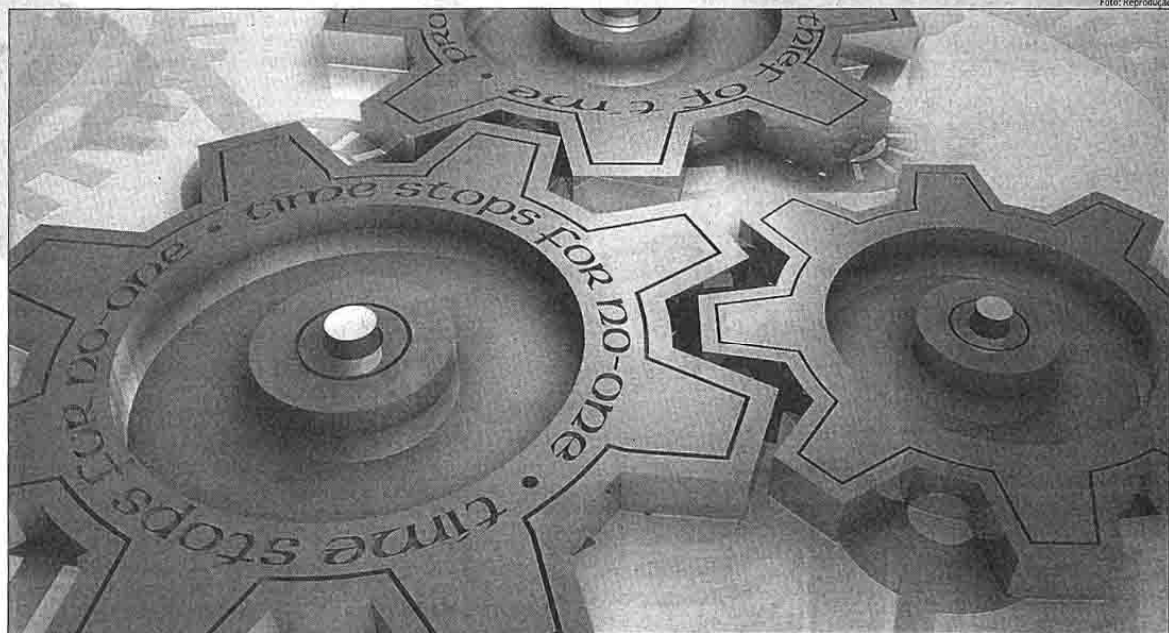


Foto: Reprodução

tico do que técnico", opinou o presidente do Cieam, Wilson Périco.

Solução à vista

A aprovação do PPB (modifi-

cação do PPB de bebidas), no último dia 14, que vai permitir a instalação da fabricante austríaca Red Bull, e possibilitar a geração de investimentos de R\$ 510 milhões e 79 empregos em três anos, somada à entrada da nova gestão da Suframa (Superintendência da Zona Franca

de Manaus) de Manaus) demonstra que, entre as batalhas junto ao governo federal, essa parece estar mais próxima de uma resolução.

Asenadora Vanessa Grazziotin afirma que há um esforço em conjunto entre o Mdic (Ministério de Desenvolvimento,

Ciência e Tecnologia) e a Suframa para que neste ano sejam liberadas mais propostas em relação a 2011.

"Existem 30 propostas que foram devolvidas para as empresas com um roteiro anexo, para que elas possam seguir as medidas e aprovar a proposta barrada anteriormente. É lógico que alguns

terão mais dificuldades para se adequar ao roteiro, mas de maneira geral em 120 dias as empresas já poderão ter as propostas liberadas", informou.

Nos dois primeiros meses deste ano, de acordo com a Suframa, foram liberadas 20 propostas e existe a previsão de mais 11 serem liberadas em pouco tempo.

PEC DA MÚSICA

Golpe mortal para setor de CDs e DVDs

ISENÇÃO DE IMPOSTOS SOBRE OS FONOGRAMAS E VIDEOFONOGRAMAS PARA O RESTO DO PAÍS ESGOTA VANTAGEM TRIBUTÁRIA DO PIM

Juliana Geraldo

Entre as medidas que 'assombram' o desempenho do PIM está a aprovação da PEC (Proposta de Emenda à Constituição) nº 123/11, conhecida como PEC da Música, que desde 2011 gera polêmica e preocupa os fabricantes de mídias digitais instalados no parque industrial de Manaus.

Já aprovada nos dois turnos na Câmara dos Deputados em Brasília e aguardando votação do Senado, a redação atual da PEC concede isenção tributária do ISS (Imposto Sobre Serviços) e ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) sobre a produção de CDs e DVDs de artistas brasileiros, reduzindo em 25% o preço final do produto, medida que se justifica como combate à pirataria no país.

No início das discussões pela aprovação da PEC, o deputado Otávio Leite (PSDB-RJ), relator da proposta, defendeu que a indústria amazonense não será atingida. Para o presidente do Sindmaf-AM (Sindicato das Indústrias de Meios Magnéticos e Fotográficos do Estado do Amazonas), Amauri Carlos Blanco, a afirmação não é verdadeira.

"Se aprovada, a PEC pode ser mortal para os fabricantes de mídias digitais instalados no PIM", afirmou.

Conforme explicou, instituir isenção de impostos sobre os

fonogramas e videofonogramas musicais produzidos no Brasil, esgota qualquer vantagem tributária das empresas instaladas em Manaus, pois a contribuição que dará aos beneficiários que já se tem é muito pequena para compensar as dificuldades enfrentadas pelo PIM em relação a outras regiões do país.

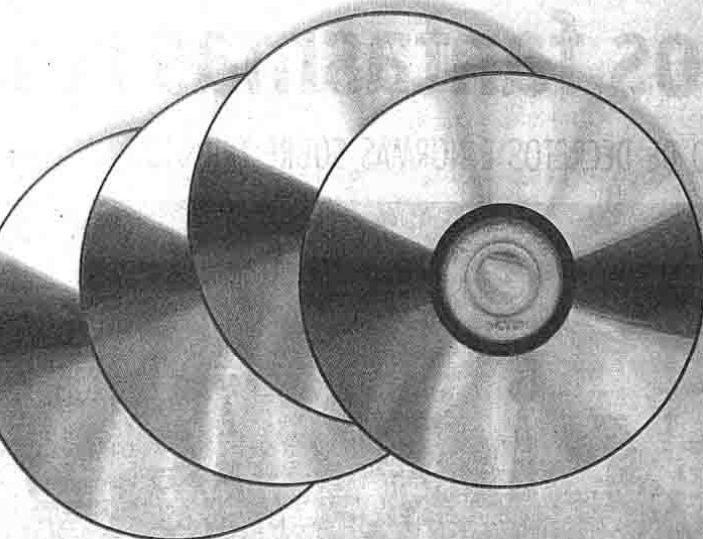
Segundo ele, existe ainda uma dificuldade na interpretação do texto que dá a entender que não há imunidade tributária para o processo de industrialização.

"No entanto, se o produto for importado pronto, será imune. Caso esta interpretação esteja correta, a PEC vai estimular a importação de mídias prontas", projetou. Outro agravante que já vem minando a produção é a "pirataria" que, de acordo com o presidente do sindicato, será estimulada com a aprovação da PEC.

"Quando se tornarem imunes, as autoridades perderão o interesse em fiscalizar produtos que não geram receita tributária ao país", avaliou.

Alternativas

Ele conta que alguns fabricantes de mídias estão buscando alternativas em outras linhas de produtos, visando manter o investimento e os empregos. "Mas este fato não é novo. A Videolar, por exemplo, investiu no polo petroquímico e vem produzindo resinas há anos, bem como outras empresas. Enquanto o mo-



delo de desenvolvimento puder oferecer alternativas viáveis, o trabalho e o emprego estarão assegurados. No entanto, esta assertiva parece não estar mais encontrando sustentabilidade no PIM, dando a entender que o modelo está se exaurindo, principalmente pela carência de novas oportunidades e inovações, além das constantes pressões para diminuir o pouco que ainda temos", lamentou Amauri Blanco. Para ele, a perspectiva para o segmento resume-se na possibilidade de a bancada amazonense, com a ajuda do

governo, conseguir o apoio da bancada de toda a região Norte, lembrando a eles a manutenção desse modelo de desenvolvimento -ZFM- é o responsável direto pela preservação de emprego e renda, não somente do Amazonas, mas também da Amazônia como um todo.

"Dessa forma, podemos conseguir que a PEC da música seja barrada, se não impedindo a aprovação, pelo menos conseguindo alternativas para modificar o texto e torná-la menos prejudicial ao polo de mídias digitais", encerrou.

DA LOS

Segundo o Sindmetal-AM (Sindicato dos Metalúrgicos do Amazonas), o preço para se produzir uma mídia no PIM é inferior a R\$ 3, incluindo o transporte.

De acordo com os últimos dados para o setor levantados pela Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus), o polo de CDs e DVDs gerou um faturamento de US\$ 1,2 bilhão em 2010. Atualmente, emprega cerca de 7 mil funcionários (3 mil na fabricação e 4 mil nas indústrias de componentes ligadas ao segmento).

POR DENTRO

Cronologia

Em novembro de 2011, a PEC da Música foi aprovada em primeiro turno por 395 votos a favor, 21 contra e quatro abstenções;

No dia 13 de dezembro do ano passado, a Câmara dos Deputados aprovou a PEC, em segundo turno, por 393 votos a favor, seis contrários e uma abstenção.

A proposta segue agora à apreciação, em dois turnos, pelo Senado Federal.

MEDIDAS PROVISORIAS

Eternos fantasmas rondam ZFM

PUBLICAÇÃO DE DECRETOS E NORMAS SOBRE TRIBUTOS CONTINUAM ATINGINDO INTERESSES DO PIM

Juliana Geraldo

Ao buscar priorizar a política da indústria nacional, algumas medidas do governo federal acabam jogando contra o Amazonas e atuando como verdadeiros fantasmas que ameaçam o desenvolvimento do modelo Zona Franca de Manaus.

De acordo com o economista e consultor empresarial José Laredo, essas medidas contribuem para encolher o PIM e causam uma consequente queda na taxa de natalidade de novos projetos, que entre 2010 e 2011 já reduziu 41%.

Conforme explica o deputado federal Pauderney Avellino (DEM), quando o governo federal edita uma MP (Medida Provisória), um decreto ou uma instrução normativa, que trate de tributos, quase sempre atinge os interesses do PIM. "Isso se deve à nossa legislação que é única e o governo não a diferencia do geral. Assim, sofremos constantes ataques que com muita dificuldade, às vezes conseguimos superar e, quando não, perdemos produ-

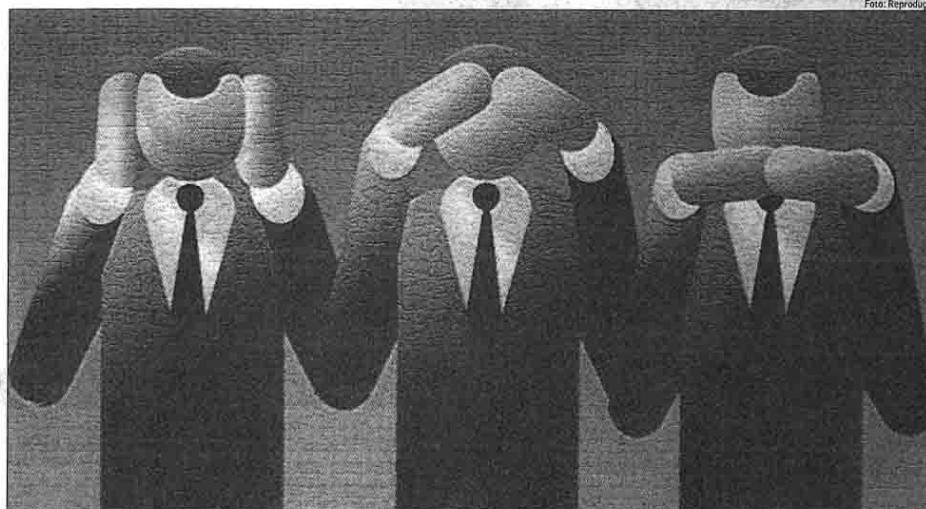


Foto: Reprodução

POR DENTRO

Incentivos repartidos

Um estudo realizado pelo doutor em Desenvolvimento Socioambiental, José Alberto Machado, apontou que as políticas de incentivo fiscal, antes destinadas à Zona Franca, abrangem outros Estados do Brasil, como no caso da produção de tablets, celulares e televisores de LCD, enfraquecendo a economia local.

O texto analisou as atuais circunstâncias econômicas da ZFM destacando, entre outros pontos, a perda de mercado com a política de isenção fiscal no Brasil.

A análise que integrou a Carta Compromisso do PT-AM (Partido dos Trabalhadores no Amazonas) foi divulgada em dezembro de 2011 e encaminhada à Presidência da República, ao governo do Estado e ao Mdic (Ministério do Desenvolvimento e Comércio Exterior) com o objetivo de propor a formação de uma comissão de especialistas, com presença interministerial para analisar a situação da ZFM e apresentar medidas de fortalecimento para o modelo.

tos que deixam de ser fabricados aqui, e com eles, postos de trabalho para outros Estados ou para a China", criticou.

Para enfrentar 'os ataques', José Laredo defende a revisão na forma de gestão do modelo ZFM com a inclusão de todos os poderes executivos

unidos na busca de soluções. "Suframa, governo do Estado e prefeitura devem se unir em um programa profissional de promoção e venda sistemática do modelo, de forma a captar o maior número de fábricas para que assim, possamos incrementar o número

de novas fábricas, em especial as multinacionais que, naturalmente, provocam ganhos políticos para o modelo e seu consequente reforço no poder econômico", explanou.

Para a senadora Vanessa Grazziotin (PCdoB) as principais ações para combater as

medidas prejudiciais ao PIM estão voltadas para as articulações políticas. "É necessário convencer as lideranças sobre a importância da Zona Franca de Manaus para a economia do país e, principalmente, para a preservação do meio ambiente", enfatizou.

PIM assiste boom tecnológico

OS 45 ANOS DO POLO INDUSTRIAL DE MANAUS REFLETEM A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA DOS BENS DE CONSUMO

Margarida Galvão
Especial para o JJC

Nestes 45 anos de ZFM (Zona Franca de Manaus) a tecnologia dos produtos do PIM (Polo Industrial de Manaus) evoluiu de uma maneira impressionante; muitos produtos foram substituídos, até os componentes reduziram drasticamente. Além disso, hoje os testes dos produtos são realizados com métodos extremamente sofisticados.

Desde o início, na década dos anos 70, o PIM se caracterizou pela produção de eletroeletrônicos avançados em relação ao que se produzia no Brasil, à época. Os produtos-símbolos do início foram aparelhos de som e televisores em cores. O PIM recebia, então, como ainda hoje, produtos que necessitavam de insumos não existentes no parque industrial brasileiro. "Não será demais afirmar que uns 700 milhões de produtos eletro-

eletrônicos saíram das fábricas de Manaus em direção aos lares brasileiros nestes 45 anos", assinalou o assessor de diretoria do grupo CCE em Manaus, Celerino Leite Junior.

A CCE da Amazônia, que completou 40 anos de PIM em outubro de 2011, foi a terceira do ramo eletrônico a ter projeto aprovado par Manaus, onde iniciou fabricando rádios portáteis, conhecidos como ra-

Desde o início, o PIM se caracterizou pela produção de eletroeletrônicos avançados em relação ao que se produzia no Brasil

deinho de pilha, gravadores e depois toca-fitas, passando em seguida a fabricar os aparelhos de som dois em um, três em um, toca-fita para carros, autorrádio com toca-fita, amplificadores, entre outros. A televisão veio na década de 80 e de lá foi evoluindo até chegar às TVs de LCD. "Hoje, muitos produtos saíram de linha, se fabrica notebooks, tablets e já se fala num misto de notebook com tablet, que re-

sultará no ultrabook", informou o superintendente Marcelo Junqueira, destacando que os primeiros produtos possuíam uma fiação imensa, cuja produção era feita com soda manual e hoje é tudo por robôs.

Celerino Junior aponta ainda que com a evolução tecnoló-

gica os videocassetes foram substituídos pelos DVDs, ora em processo de substituição por computadores, smartphones etc. Os aparelhos de som foram substituídos por computadores, home-theaters etc.

TVs de cinescópio por LCD, toca-discos de vinil por toca-CDs e outros. Ao fazer um breve histórico do PIM, Celerino Junior disse

que depois de um começo baseado em simples montagem, a escassez de divisas que prevaleceu em alguns períodos obrigou ao processo de relativa nacionalização dos produtos. Boa parte das partes e peças nacionais foi suprida por fabricantes de São Paulo. Mas também em Manaus foi possível notar o surgimento de fabricação de componentes, dos quais o setor mais importante é o termoplástico, com expressivo número de fábricas e empregos. Mais recentemente, o polo de duas rodas veio ombrear-se ao polo de eletrônicos em importância na composição do faturamento global das indústrias do PIM.



Foto: Reprodução

Substituição tecnológica tem aceleração

AVANÇO ACOMPANHA TENDÊNCIA MUNDIAL COM 'DELAY' CADA VEZ MENOR NA COMPARAÇÃO COM AS POTÊNCIAS INTERNACIONAIS

Margarida Galvão
Especial para o JJC

O presidente do Cieam (Centro da Indústria do Estado do Amazonas), Wilson Périco, menciona que vários produtos sofreram substituição tecnológica, o que é natural e outros deixaram de ser fabricados por terem sido trocados por importações. Com relação à migração tecnológica, Périco aponta o videocassete, que foi substituído pelos aparelhos de DVD, e agora estes estão sendo substituídos por importações; os televisores de cinescópio por LCD, LED e Plasma.

Quanto aos aparelhos de áudio

que deixaram de ser produzidos, Périco informa que hoje são importados, o mesmo acontece com a indústria de componentes como fios e cabos, carregadores, peças plásticas etc., que sofrem muito ao

A Lei de Informática joga contra a atualização mais radical do PIM na medida em que nivela os incentivos

concorrer com os importados e passam pelo risco de desaparecer.

Uma tendência importante que se notou ao longo dos anos, conforme o assessor de direto-

ria do grupo CCE em Manaus, Celerino Leite Junior, foi a tendência ao domínio de grandes multinacionais. De início, as fábricas japonesas e nos últimos dez, 15 anos, a presença marcante das coreanas; e mais recentemente, o aparecimento das primeiras fábricas chinesas. "O que se observa no PIM é a evolução tecnológica com ligeira defasagem em relação ao mercado dos países desenvolvidos", disse.

O executivo justifica sua observação, afirmando que a presença de conglomerados industriais geradores de tecnologia tende a encurtar o

tempo que separa o surgimento de certos produtos em relação ao que ocorre nos países desenvolvidos. A Lei de Informática, informa, joga contra a atualização mais radical do PIM na medida em que nivelou os incentivos dados em Manaus aos de qualquer outro Estado brasileiro, desviando para o Centro-Sul do país empreendimentos que de outra forma viriam para Manaus. "Produtos como tablets, notebooks, i-phones etc., podem hoje ser encontrados bem longe de Manaus. No momento, o PIM tem como produtos-âncora de recolhimento de impostos, empregos e sustentação de fábricas de componentes, motocicletas e TVs LCD", explicou.



Por dentro

VELHARIA AS TECNOLOGIAS QUE SE TORNARAM OBSOLETAS.

<p>Monitor de tubo Foi substituído pelas "Flatscreens".</p> 	<p>Toca-discos Perdeu para o CD, DVD e Blu-ray.</p> 	<p>Secretária Eletrônica As operadoras já disponibilizam.</p> 	<p>Fax Substituído por e-mails, mais prático.</p> 	<p>Walkman Todo celular hoje em dia possui função MP3.</p> 	<p>Pager (Bipe) Ficou obsoleto quando celulares começaram a enviar mensagens.</p> 	<p>Polaroid Câmeras digitais não precisam de filme.</p> 	<p>Video Cassete DVDs e Blu-rays substituíram as fitas.</p> 	<p>Disquetes Pen drives com capacidade muito maior.</p> 
--	--	--	--	---	--	--	--	--

Eletros destaca investividade amazonense



A competitividade dos produtos, dentro das fábricas aumenta todo o dia, por conta da inovação dos processos e de produtos inovadores. O presidente da Eletros (Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos), Lourival Kicula, disse que no PIM são usadas as mais modernas técnicas de produção. "O Amazonas é o Estado da arte em métodos produtivos,

isso faz com que a produção aqui seja competitiva em nível internacional", afirmou.

Segundo Kicula, ao longo dos anos muitos produtos foram substituídos, os exemplos mais recente foram Blu Ray e câmeras fotográficas digitais, destacando que os televisores já estão bem diferentes em relação aos que eram fabricados anteriormente, cuja tecnologia LCD domina o mercado, enquanto Plasma e CRT (tubo de raios catódicos) estão fi-

cando para trás. "Esta última está com os dias contados", avisou.

Quanto ao ar condicionado tipo split system que vem substituindo os aparelhos de ar condicionados de janela, o presidente da Eletros afirma estarem enfrentando uma concorrência pesada com os importados, que pode destruir o polo, existente só em Manaus e na Ásia. "Em nenhum outro local do mundo são produzidos", afirmou.

Na opinião de Lourival Kicula, há espaços em Manaus para diminuir a importação nacional, passando a produzi-los localmente. O dirigente aponta como exemplo a produção de lava-louças, onde a única fábrica brasileira está em Manaus com 75% de nacionalização. "As fábricas de telas planas recentemente instaladas na região, através da política de atração mais agressiva do governo do Estado, são avanços importantes", mencionou.

Segundo Kicula, o PIM é o grande responsável pelo Brasil ser um grande produtor de eletroeletrônico. Daqui saem milhares de produtos por ano, no entanto mencionou que o grande problema são os custos logísticos. "Até agora não temos um porto competitivo e os custos logísticos são estratosféricos", lamentou, ressaltando que as empresas perdem muito da sua capacidade de exportação por conta desse problema.

USO DA ARTE EM MÉTODOS PRODUTIVOS TEM FEITO A DIFERENÇA PARA TORNAR AS PLANTAS LOCAIS COMPETITIVAS

Nova era produtiva se avizinha

TELAS TOUCH SCREEN, APLICATIVOS POR VOZ E MOVIMENTOS CORPORAIS SÃO ALGUMAS DAS TENDÊNCIAS EM CURSO

Margarida Galvão
Especial para o JOC

Daqui a cinco anos, quando a ZFM estará completando 50 anos, muitos produtos terão desaparecido, a começar pelas TVs de tubo. Esse tipo, de acordo com o presidente da Eletros (Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos), Lourival Kizula, não terá mais espaço no mercado. A vez será dos equipamentos com telas touch (acionadas pelo movimento das mãos), telas acionadas por voz e movimentos corporais. "O não uso de fios para transmissão de sinais, telas que disponibilizam o uso para entretenimento e processamento ao mesmo tempo, equipamentos móveis e portáteis, e sempre menores são a tendência", disse, destacando que as telas LED, orgânicas, que permitirão a disponibilidade de telas flexíveis para melhorar a observação de imagens tridimensionais fazem parte desse futuro. "Existe muito espaço para atração de indústrias de componentes, mas o PIM disputa com o mundo estes investimentos, e todos os governos usam de maneira forte formas cada vez mais criativas de atração", disse.

Para o assessor de diretoria do grupo CCE em Manaus, Celso Junior, tudo vai depender

da política de incentivos que o governo federal definir para o PIM. Por exemplo, não é possível esperar, mantida a situação atual, que produtos de informática venham a ser fabricados em Manaus, com possíveis exceções. Isto já exclui um grande número de produtos, cujas fábricas deverão ser erguidas no Centro e Sudeste do país. "Se os

televisores dotados de softwares interativos se mantiverem ao largo da caracterização de bens de informática, pode-se prever sua continuidade em Manaus com evolução para TVs LED e OLED", comentou.

O mesmo acontece com as motocicletas, que devem permanecer em Manaus, enquanto o ar condicionado pode vir a se

constituir em importante polo futuro. Mas o executivo adverte que é preciso ter em conta que tudo isso depende de definição do governo federal e da fixação de processos produtivos básicos que favoreçam a fabricação em Manaus. Telefones celulares não são imediatamente descartáveis como alternativa, mas há questões de incentivos, em

especial no caso do Imposto de Importação (II), pendentes de solução. "É razoável pensar, no entanto, que o ideal seria que o governo federal definisse uma política de especialização, entendida como listagem firme de produtos que seriam favorecidos no PIM, sem, no entanto, buscar-se a aprovação de todo tipo de produto para Manaus,

o que aumenta drasticamente a oposição de representantes políticos e empresariais de outros Estados", frisou.

O presidente do Ciem (Centro da Indústria do Estado do Amazonas), Wilson Périco, adverte que tem duas vertentes importantes que demandarão muito trabalho nos próximos cinco anos por parte da sociedade, entidades de classe laboral e patronal, governo do Estado e bancada amazonense no Congresso Nacional. "Precisamos garantir a continuidade do que temos hoje, principalmente a fabricação do segmento de duas rodas e do eletroeletrônico. Temos que conseguir a aprovação de novos PPBs que nos possibilitarão diversificar um pouco essa atividade. Temos empresas querendo aprovar PPBs para fabricar tomadas e interruptores, lâmpadas, energéticos entre outros", especificou.

Além disso, Périco aponta que é preciso desenvolver outras matrizes econômicas, explorando a biodiversidade local para fármacos e cosméticos, o potencial turístico, os peixes, frutos e outras potencialidades só que isso não acontece a noite para o dia. "Precisamos investir em capital intelectual, ter profissionais capacitados para desenvolver essas novas matrizes. Temos grandes desafios pela frente e iremos superá-los, não tenho dúvidas", destacou.



ARTIGO/OZÓRIO FONSECA

Comemorar o passado, chorar o futuro

Em 2000 uma gritaria histórica contra um acordo entre a Bioamazonia e a Novartis, levou medo ao então presidente Fernando Henrique Cardoso que editou uma Medida Provisória (2052) liquidando não apenas o acordo, mas também a pesquisa com biodiversidade, além de colocar o Centro de Biotecnologia do Amazonas na UTI deixando para Lula Silva a responsabilidade de enviá-lo para o IML.

O acordo Bioamazonia x Novartis previa o estudo de microorganismos amazônicos e a gritaria bisonha e bizarra denunciava biopirataria de espécies amazônicas um argumento que, por si só, já seria suficiente para desmoralizar a denúncia do ponto de vista legal e biológico. Segundo o Decreto 76.623/1975 que incorporou, na legislação brasileira, o texto da "Convenção Internacional sobre Espécies da Flora e Fauna Ameaçadas de Extinção, espécie é "um conjunto de indivíduos semelhantes entre si, seus ancestrais e descendentes, dispondo de patrimônio genético muito semelhante, permitindo-lhes cruzamento". O Conceito Biológico de Espécie (CBE) elaborado por Ernst Mayr diz que "espécie é um grupo de populações naturais capazes de entrecruzamento que são reprodutivamente (geneticamente) isoladas de outros grupos similares". A fragilidade do argumento bisonho e burro

reside no fato de a maior parte dos microorganismos (fungos e bactérias) não ter reprodução sexuada e portanto, não se enquadrar no conceito de espécie, nem legal (cruzamento) nem biológico (entrecruzamento). Onde está a biopirataria?

A BIOAMAZÔNIA E O CBA.

O acordo com a Novartis (tenho os documentos originais) surgiu da necessidade de implementar o Programa Brasileiro de Ecologia Molecular da Amazônia (Problema) que foi ajustado durante minha gestão como presidente da Comissão Regional de Pesquisas da Amazônia (Lei 7.796/89) em ação conjunta com a Secretaria da Amazônia do MMA, cujo titular era o Dr. José Seixas Lourenço cuja história científica inclui os cargos de Reitor da UFPA, Diretor do Museu Goeldi e Diretor do Inpa. Foi no contexto do Problema que frutificou a ideia do Centro de Biotecnologia do Amazonas que seria gerido pela Bioamazonia, criada para gerenciar o Centro que abrigaria cientistas de renome para trabalhar, biotecnologicamente, a enorme diversidade biológica da Amazônia, dentro de convênios nacionais e internacionais.

O ROMPIMENTO.

Como o Brasil ficou enlaidado na mediocridade, na pobreza mental e no medo de FHC, a Novartis foi embora e montou, em Cingapura, o Instituto Novartis para Doenças

Tropicais com investimento de US\$ 700 milhões para pesquisar drogas contra tuberculose e dengue (Gazeta Mercantil, 30/10/2007). A ida da Novartis para Cingapura, junto com outros gigantes da indústria farmacêutica transformou aquele país em um oásis de liberdade para pesquisa biomédica e cientistas de várias nacionalidades trocaram seus países pela possibilidade de evoluir na busca por novos conhecimentos que minimizem o sofrimento humano.

A BIOTECNOLOGIA E O AMAZONAS.

Toda pesquisa em biotecnologia tem duas fases bem tipificadas: a exploratória e a confirmatória e o contrato com a Novartis (tenho os documentos originais) se concentrava em 10.000 microorganismos cujos extratos químicos seriam enviados para estudos mais avançados, em laboratórios de grande sofisticação tecnológica e as cepas depositadas em coleções biológicas no Brasil. Onde está a biopirataria? Para ficar menos ridícula a denúncia deveria ser de quimiopirataria. Como não foi possível investir no Amazonas, a Novartis estabeleceu convênios de transferência de tecnologia para vacina contra a meningite C, com a Fundação Ezequiel Dias (Minas Gerais) e mantém fábricas em Taboão da Serra (São Paulo), em Rezende (Rio de Janeiro) e em Cambé (Paraná) esta última para síntese

química e produção de medicamentos genéricos através da Sandoz. E o Amazonas fora.

Em 2009, no Brasil (Amazonas fora) a Novartis investiu 35,9 bilhões de dólares em estudos com pacientes nas áreas da cardiologia, doenças respiratórias e ósseas, hepatite, oncologia, hematologia e transplantes. (Jornal Valor Econômico 31/08/2010).

Em janeiro de 2010 o Ministro de Desenvolvimento de Cingapura - Mah Baw Tan - visitou o CBA, Manaus, e sinalizou parcerias com a Suframa. Em 2010 o presidente da Capes - Jorge Almeida Guimarães - visitou Cingapura junto com uma delegação brasileira organizada pelo Comitê Nacional de Biotecnologia. Ninguém está preocupado com a tal biopirataria insana denunciada em 2000, pois acordos bem feitos podem e devem ser firmados com empresas estrangeiras. Quais as empresas do PIM que são genuinamente brasileiras e/ou amazonenses? Esse xenofobismo insano e inculto é a causa da síndrome maniaco-depressiva (bipolar) da Suframa.

Agora a Novartis está construindo uma fábrica de vacinas em Goiana (Grande Recife) um investimento entre 300 e 500 milhões de dólares que deve entrar em funcionamento em 2014. E o Amazonas fora.

Do lado de dentro do Amazonas existe um CBA sem estrutura de cargos e salários e sem atrati-

vos financeiros e materiais para trazer grandes cérebros, e que se contenta com bolsistas que podem ter muito boa vontade, mas... Comenta-se que quando alguém do Amazonas vai à Brasília falar sobre a Zona Franca a resposta é sempre a mesma: "O Amazonas tem que achar sua vocação".

A ideia do O Problema e do CBA mostrou a verdadeira vocação do Amazonas que é usar sua biodiversidade, o único nicho de mercado no qual não temos competidores. Para colocar o Amazonas no "rumo certo" (slogan Gilberto Mestrinho) precisamos implementar a lei da ficha limpa que exclua parte dos sujeitos e mal intencionados e aprovar a lei de financiamento público de campanhas eleitorais para afastar os políticos do capital privado do PIM que usa o voto popular para eleger seus representantes. Entre os

modelos construídos para a Amazônia na década de 1990, por ambientalistas e cientistas, figurava a assertiva de que o modelo produção-consumo do Amazonas levaria a real representação política para o setor empresarial. Previsão fundamentada no "eu sei" e não no "eu acho".

Se as duas leis forem bem aplicadas e o Poder Judiciário passar a utilizar uma hermenêutica social, surgirá uma nova classe política e a possibilidade de se construir um Pólo de Bioindústrias que vai precisar de capital internacional, de incentivos fiscais e de cérebros. A Novartis entrou neste artigo como um exemplo dos gigantes biotecnológicos que já esteve muito próximo de nós. Há outros grupos de grande magnitude que podem e devem ser incluídos nesse esforço em busca do futuro.

Ozório Fonseca
é professor da UEA
e ex-diretor do Inpa



Feira e eventos como canal de negócios no exterior

AUTARQUIA FEDERAL ESTÁ AMPLIANDO A PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS, COM O OBJETIVO DE GERAR NOVAS OPORTUNIDADES

Juliana Geraldo

Os que reconhecem que sete é o número da perfeição estão ansiosos para ver as surpresas que a Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus) reservou para a 7ª Fiam (Feira Internacional da Amazônia), que será realizada no próximo ano.

"Porém, nossa equipe técnica já está trabalhando no sentido de fazer com que a Fiam 2013, a exemplo do que ocorreu nas edições anteriores, contribua para o desenvolvimento regional", projetou o coordenador-geral de Promoção Comercial da Suframa, Jorge Vasques.

Com o objetivo de gerar oportunidades e parcerias para o Polo Industrial de Manaus e desenvolver a economia da região Norte, a sexta edição de 2011 da feira, promovida pelo Mdic (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior), superou a geração de negócios em relação à edição anterior, em 2009.

Somente com a Rodada de Negócios, que reuniu empresários locais com investidores do Brasil e do exterior, a feira somou US\$ 13,11 milhões, acréscimo de 14,5% sobre o evento de 2009, quando o valor obtido foi de US\$ 11,43 milhões.

Além disso, de acordo com a Suframa (Superintendência

da Zona Franca de Manaus), a expectativa de negócios a serem fechados a curto e médio prazos deve totalizar R\$ 39 milhões.

Além disso, a venda de produtos à base de insumos regionais rendeu o montante de R\$ 120 mil nos quatro dias de evento, superando em mais de 40% a quantidade de participantes da primeira edição, em 2002.

Na prospeção de negócios na área de comércio exterior, a autarquia destacou contatos de missões de empresários venezuelanos com possíveis parceiros locais e, ainda sem maiores detalhes, o anúncio do governo da Áustria sobre a instalação de uma montadora de motocicletas no PIM.

"O evento cumpriu o seu papel de maior vitrine de produtos e serviços da região. O público pôde conferir lançamentos de produtos inovadores e de alto nível tecnológico feito por grandes empresas do PIM. A Rodada de Negócios focada exclusivamente na área de turismo superou as expectativas e contou com a participação de empresas buyers-compradoras- de países como Alemanha, Austrália, Estados Unidos, Porto Rico, Inglaterra e França, interessadas no potencial turístico da região", avaliou o coordenador-geral de Promoção Comercial da

Suframa, Jorge Vasques. Um ponto importante, segundo ele, foi a participação de cinco dos nove Estados da Amazônia Brasileira (Acre, Amazonas, Rondônia, Roraima e Tocantins), apresentando potencialidades e divulgando os principais projetos em andamento em diferentes áreas.



Fiam realizada no ano passado superou a geração de negócios em relação à edição anterior, em 2009

Suframa, Jorge Vasques.

"Vale destacar ainda a Jornada de Seminários Internacionais; que propiciou debates acerca de questões estratégi-

cas para o desenvolvimento regional que devem subsidiar a adoção de políticas públicas. Tivemos também o fórum de investidores do Salão de Negócios Criativos, realizado pela primeira vez na Fiam de 2001, que reuniu empreendedores com as mais diversas soluções e produtos de base sustentável e investidores nacionais e internacionais interessados em firmar parceria com potencial mercadológico", apontou.

DADOS

✓ **EVENTO:**
Fiam (Feira Internacional da Amazônia)

✓ **REALIZADA:**
Entre os dias 26 e 29 de outubro de 2011

✓ **VALOR GERADO NA RODADA DE NEGÓCIOS:**
US\$ 13,11 milhões;

✓ **VALOR GERADO COM A VENDA DE PRODUTOS:**
R\$ 120 mil

✓ **Próxima edição:**
2013

POR DENTRO

Participação em eventos

- ✓ EXPOCOMER (PANAMÁ);
- ✓ HANNOVER MESSE (ALEMANHA);
- ✓ NATURALTECH/BIO BRAZIL (SÃO PAULO);
- ✓ SEMINÁRIO INTERNACIONAL: ZONAS FRANCAS (COLÔMBIA);
- ✓ WVI - WORLD ASSOCIATION OF INVESTMENT PROMOTION AGENCIES - WORLD INVESTMENT CONFERENCE (SUIÇA);
- ✓ ENCOMEX MERCOSUL (PARANÁ).

Exposição atrai novos parceiros

A exposição ficou dividida entre o Pavilhão Principal, formado pelas principais marcas do PIM e o Pavilhão Amazônia, espaço dedicado aos produtores regionais.

Paralelamente, a Rodada de Negócios reuniu micro e pequenos empresários locais com potenciais investidores e parceiros. Já a Rodada de Negócios de Turismo foi o fórum de prospecção dos destinos turísticos da região e o Salão de Negócios Criativos promoveu produtos e serviços inovadores em busca de investimentos.

Entre os visitantes, a feira contou com a presença de em-

presários, autoridades, acadêmicos e jornalistas.

Eventos Internacionais

Além de realizar a Fiam, durante o ano passado, a autarquia participou, ao todo, de 25 eventos nacionais e internacionais. "O objetivo foi dar maior visibilidade ao modelo Zona Franca de Manaus, entretanto, de maneira mais focada na política industrial, a fim de atrair investimentos de empresas componentistas de subsetores já implantados no PIM e fábricas de segmentos que ainda não possuem representatividade no parque

fabril local, além de buscar ampliar a divulgação das potencialidades dos Estados da área de abrangência da autarquia -Acre, Amazonas, Rondônia, Roraima e os municípios de Macapá e Santana, no Amapá-", explicou Jorge Vasques.

Ele informou que as ações na área de promoção comercial deverão ter continuidade este ano. "O cronograma de eventos ainda está em fase de definição, mas podemos confirmar a participação da autarquia na Expocomer 2012, a ser realizada de 21 a 24 de março, no Panamá", adiantou.



Evento de padrão internacional, a Fiam vem se tornando a maior vitrine de produtos e serviços da região



Nossa equipe técnica já está trabalhando no sentido de fazer com que a Fiam 2013 contribua para o desenvolvimento regional"

INFRAESTRUTURA

Competitividade: questão de tempo

INCENTIVOS FISCAIS PRECISAM SER PERMANENTES PELO DESCASO COM A SUSTENTABILIDADE

Desde a sua inauguração, em 1967, a infraestrutura é considerada o maior entrave para o desenvolvimento do modelo Zona Franca de Manaus.

“Nós já iniciamos sabendo dessa desvantagem geográfica. Não podemos evitar esse problema por causa da distância que nos separa do centro de distribuição do país, no Sudeste”, avalia o consultor de empresas japonesas no PIM e ex-presidente da Câmara de Comércio Nipo-brasileira, Teruaki Yamagishi.

Por esse motivo, ele conta que quando o governo federal criou o modelo, ofereceu incentivos fiscais para compensar a distância e estimular a vinda de empresas, mas estabeleceu um prazo de 30 anos de existência, por acreditar que, nesse período, o problema do transporte já estivesse pelo menos parcialmente resolvido. A mudança esperada não ocorreu.

“Em 1967, demorava-se duas semanas, no mínimo para escoar a produção, agora também. Só que hoje, essa



produção aumentou drasticamente e a questão do transporte não acompanhou”, aponta.

Os projetos para construção e reestruturação de estradas estão em sua maioria estagnados. Na questão estrutural, o aeroporto e os dois portos (Chibatão e Superterminais) precisam de ampliação urgente porque não comportam a quantidade de carga.

possui o número de inspetores suficientes.

“Muitas empresas estudaram formas de diminuir o tempo de transporte da carga. Mas, a iniciativa não bastou. Hoje, o tempo ainda é enorme para a mercadoria chegar em São Paulo, porque precisa sair de Manaus de balsa até Belém para só então continuar o trajeto de caminhão”, continuou.

Na análise do consultor é possível diminuir esse tempo, criando hidrovias, aumentando a frota de caminhões, de navios, melhorando rodovias, insistindo em projetos de ferrovias. Para ele, diminuir o tempo pela metade – uma semana – já traria resultados perceptíveis.

“Entendo que no início era complicado para os dirigentes pensar em formas de melhorar, mas agora temos quase 2 milhões de habitantes e geramos com o nosso parque industrial US\$ 40 bilhões de faturamento e 120 mil empregos. Já temos 45 anos de idade, precisamos oferecer condições estruturais básicas para o nosso Distrito Industrial”, concluiu.

“
Em 1967, demorava-se duas semanas, no mínimo para escoar a produção, agora também. Só que hoje, essa produção aumentou
”
Teruaki Yamagishi

Dados

DÉFICIT

De acordo com o presidente do Cieam (Centro das Indústrias do Estado do Amazonas), Wilson Périco, o PIM cresceu uma média de 15% ao ano na última década, com exceção de 2008, o ano da crise mundial. A infraestrutura e o déficit de pessoal e órgãos fiscalizados não cresceram em igual proporção.

Por dentro

SOLUÇÕES APONTADAS

- Melhor planejamento das obras;
- Melhor utilização dos recursos públicos;
- Política industrial adequada;

AMMAC

Realização de um empreendedor visionário

Única empresa em Manaus com certificação Iso 9001 na fabricação de salgadinhos de milho, com investimento de R\$ 1 milhão na ampliação de seu espaço físico, e em equipamentos, 125 funcionários formais, sem falar nos informais. Esta é a atual situação da Ammac, Indústria e Comércio de Alimentos Ltda. Mas quem vê esses números, não imagina o quanto foi difícil chegar a eles. Em entrevista ao *Jornal do Comércio*, o proprietário da empresa, Hamilton Naice Filho, contou como nasceu a indústria genuinamente amazonense, que conta hoje com mais de 5 mil clientes em sua carteira ativa.



Foto: Walter Mendes

Proprietário Hamilton Naice (à direita) explica que tudo começou com um sonho que foi crescendo graças a muito trabalho e determinação

Jornal do Comércio - Como nasceu a empresa?

Hamilton Naice - A princípio, o nome dado à empresa era Fortaleza Indústria Nacional de Alimentos, depois é que mudamos para a Ammac, sigla criada com as letras iniciais dos nomes das minhas filhas e sobrinhos. Em agosto

de 1991, demos início a uma nova fase, comercializando pipocas, aquelas pipocas coloridas que vinham com brindes nos saquinhos, lembram? Pois é, adquiri a fábrica de um senhor que era de Rondônia, e atuava no ramo da pecuária, trabalhava com bois, e eu trabalhava com balas e bombons

no centro da cidade, daí então ele me ofereceu a pequena empresa, que na época era apenas um ponto de esquina. Como todo começo, as dificuldades eram imensas, eu vendia pipoca nas lojas e também distribuía. Cinco meses foi o tempo que passei para poder pagar o antigo dono.

JC - Quais os projetos para o futuro?

Hamilton Naice - Estamos caminhando para a total automação da linha de montagem, com o objetivo de monitorar o processo de produção. Nossa meta é modernizar o processo sem perder mão de obra, vamos

sair da alimentação manual para uma alimentação automatizada. Ainda para o primeiro semestre deste ano, vamos investir mais de R\$ 1 milhão na ampliação de nossa fábrica, com isso vamos aumentar a nossa capacidade de produção. Trabalhamos hoje com três extrusoras, que juntas produzem 150kh (quilo hora), ou seja, após a modernização do processo, iremos trabalhar apenas com duas extrusoras, e vamos produzir 500kh.

JC - A Ammac já exporta salgadinhos para outros Estados?

Hamilton Naice - Dentro do nosso Estado, 60% de nossa produção ficam na capital Manaus, e os outros 40% são distribuídos nos municípios, mais recentemente atingimos os mercados dos Estados de Rondônia e Roraima.

JC - Qual a importância da Suframa?

Hamilton Naice - A certificação ISO 9001, partiu da Suframa, foi com as normas desenvolvidas pela instituição que nós podemos nos adequar às exigências do mercado. Confesso que não foi fácil no começo, me senti travado, mas logo percebi o quanto era necessário seguir determinadas normas.

ZFM

Reflexões sobre a maturidade

ESPECIALISTAS ANALISAM OS CAMINHOS DO MODELO DE DESENVOLVIMENTO EM 45 ANOS

A Zona Franca de Manaus idealizada por Pereira da Silva e recebida como um fio de esperança há 45 anos seguiu o mesmo caminho de outras tentativas governamentais que visavam ao desenvolvimento regional, mas que de certa forma se frustraram. A análise é do pesquisador Ozório Fonseca. "A Suframa foi uma adaptação para Amazônia de um modelo mundial de empresas coloniais. Este modelo foi adotado primeiro pela Inglaterra, da Companhia das Índias, e aqui na América do Sul foi adotado pela Holanda para salvar a soberania sobre o Suriname. Com isso, a questão aqui era similar porque a Amazônia depois que acabou o ciclo

da borracha vivia em uma miséria muito grande. Então nem adiantava ter dinheiro se não tinha o que comprar", destacou.

A ZFM, por um longo período, não atingiu os seus objetivos: os incentivos estabelecidos na lei que a instituiu não se revelaram suficientes para atrair investimentos. "Hoje, os comunistas defendem e fingem que a Suframa é uma obra da ditadura para garantir a soberania sobre o território, aquecendo a economia. A partir daí se instala a Suframa com três polos de desenvolvimento industrial, comercial e agropecuário. O comercial se desenvolveu na base de turismo, principalmente, dos nordestinos que buscavam realizar suas compras, fazendo com que

o comércio se expandisse", observa Ozório Fonseca.

A jornalista Etelvina Garcia ressalta que, várias foram as dificuldades que assolaram historicamente a Zona Franca, mas que presentes são os fatores positivos e sublima-

vigência nós, os habitantes tradicionais da cidade, não soubemos preservar o patrimônio que construímos durante o período da borracha, que fez de nossa capital uma bela cidade", contou.

Para o economista, Serafim Corrêa, a Zona Franca de Manaus foi realmente uma grande notícia do ano de 1967. "Manaus e o Amazonas como um todo viviam a mais absoluta letargia por conta da quebra do extrativismo. O extrativismo funcionava assim: o Banco da Amazônia emprestava dinheiro para um regatão ou para um 'aviador'. Mas aí o Banco da Amazônia, num determinado momento, parou

de fazer esse tipo de negócio. O resultado é que houve uma quebra total dos compradores da borracha", frisou.

"A Zona Franca, no início de sua criação, não saía do lugar. Nada acontecia porque os incentivos do modelo não tinham força para atrair investidores. O presidente do Peru, Belaúnde Terry, havia editado a chamada lei da selva peruana ao dar incentivos totais a quaisquer empreendimentos de setores econômicos que se implantasse. Nessa época, o senhor Isaac Sabbá importava petróleo da Amazônia peruana para refinar em Manaus, ele conhecia bem o mercado e estrutura de lá, e ele e outros começaram a discutir alternativas para o governo brasileiro dar incentivos também. Foi

aí que surgiu a ideia, por meio de discussões, de criar incentivos que pudessem realmente trazer empreendimentos econômicos para a Amazônia Ocidental", disse a jornalista, Etelvina Garcia.

"A Zona Franca representa um processo de ocupação do Estado nesse território e ao mesmo tempo uma geopolítica de governo para controlar, dominar, ocupar e ao mesmo tempo exercer a soberania do Estado. Então, a Zona Franca é um projeto político, econômico e que repercute diretamente na economia popular, porque antes da Zona Franca o cenário era outro", enfatizou o professor e coordenador do Núcleo de Cultura Política da Ufam (Universidade Federal do Amazonas), Ademir Ramós.

Várias foram as dificuldades que assolaram historicamente a Zona Franca, mas presentes ainda há fatores positivos

dos. "Temos um lado positivo e muito significativo, porque a estrutura da nossa economia mudou. Manaus se tornou realmente em um centro industrial que tem significação, embora a quem considere que durante esses 45 anos de

Por dentro

LINHA DO TEMPO



Pereira da Silva apresentou à Câmara dos Deputados o Projeto de Lei n.º 1.310, criando o Porto Franco de Manaus.

23 de outubro

1951



Depois de longa tramitação no Congresso Nacional, o projeto foi finalmente aprovado, dando origem à Lei n.º 3.173, que instituiu a primitiva Zona Franca de Manaus, sancionada pelo presidente Juscelino Kubitschek e publicada no Diário Oficial da União do dia 12 do mesmo mês.

6 de junho

1957



6 de agosto

1959

foi apresentado a Câmara Federal o projeto de Lei n.º 764, que deu origem à Lei n.º 4.069-B, de 12 de junho de 1962, determinando que ficaria assegurada a isenção do imposto de renda e respectivo adicional, às pessoas jurídicas localizadas na Amazônia que promoverem o beneficiamento ou a manufatura de matéria-prima regional - borracha, juta ou similares ou sementes oleaginosas.



28 de fevereiro

1967

O Decreto-Lei n.º 288 alterou a Lei n.º 3.173 de 6 de junho de 1957, e deu nova dimensão à Zona Franca de Manaus, convertendo-a em área de exceção fiscal e abrindo um novo capítulo na história econômica da parte ocidental da Amazônia Brasileira.



15 de agosto

1968

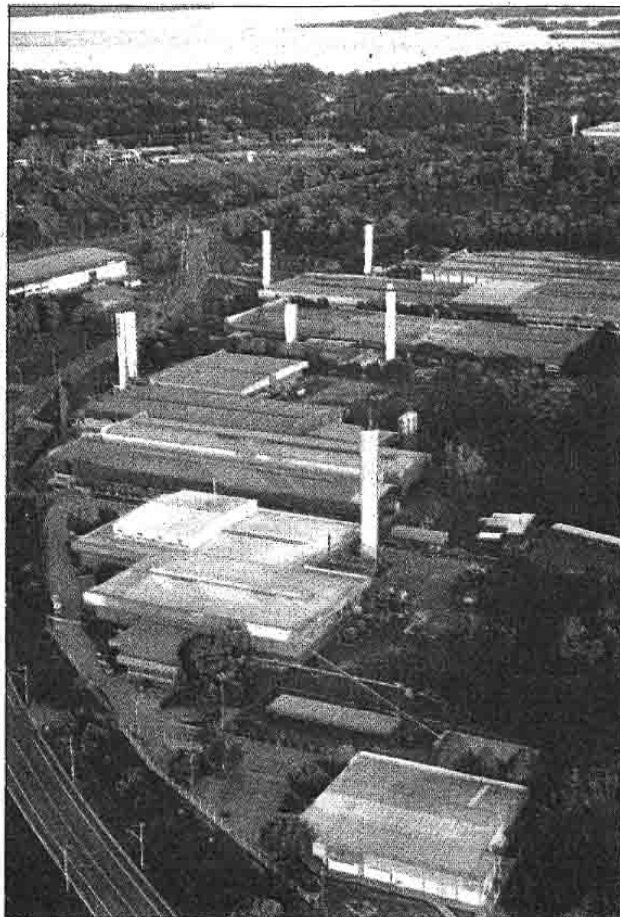
O Decreto federal n.º 63.105 declarou de utilidade pública, para fins de desapropriação e construção do Distrito Industrial, uma área de aproximadamente 1.700 hectares, cortada pelo trecho inicial da BR-319 e distante cerca de 5 km do centro da cidade.

ARTIGO/AILSON REZENDES

SUFRAMA: 45 anos de desafios e ajustes do modelo ZFM

A Zona Franca de Manaus foi criada através do Decreto-Lei nº 288, de 28/02/1967, que alterou as disposições de Lei nº 3.173, de 06/06/1957, reformulando o modelo de desenvolvimento, visando criar um polo industrial, comercial e agropecuário no coração da Amazônia. A Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus), que administra o modelo, é responsável pela execução e fiscalização da política tributária e pelas ações de sustentabilidade e interiorização do desenvolvimento na Amazônia Ocidental.

Nestes 45 anos a Suframa passou por várias fases até chegar ao estágio atual. A 1ª fase vai da sua criação, em 1967, até o ano de 1975, caracterizada pela substituição das importações de produtos acabados, predomínio da atividade mercantil, industrialização com baixa agregação de valor e sem restrição às importações. O 2º momento da Suframa aconteceu durante os anos de 1975 e 1990, quando a prioridade era o desenvolvimento de fornecedores de insumos locais e nacionais, balizando a produção da Zona Franca de Manaus pelos índices de nacionalização e limitando as importações através de contingenciamento de quotas. A próxima fase aconteceu entre 1991 e 1996, período marcado pela abertura da economia brasileira, redução do imposto de importação, edição da Lei 8.387/91 e adoção do PPB (Processo Produtivo Básico). A 4ª fase vai de 1996 até 2002 com a globalização da economia e o ajuste do modelo ao novo



momento econômico mundial e finalmente a fase atual, marcada pela presença de empresas com alta densidade tecnológica, produtos com elevado valor unitário e absorção rápida das mudanças na tecnologia de produto, essenciais para assegurar o aumento da escala de produção e elevação dos níveis de produtividade do PIM (Polo Industrial de Manaus).

Ao longo destes 45 anos, o PIM enfrentou diversos problemas e dificuldades, agravados pelo contingenciamento dos recursos da Suframa, que impõe às empresas o ônus da taxa de serviços administrativos e não lhes concede a esperada melhoria da infraestrutura física e administrativa do Distrito Industrial.

A Suframa vem superando as dificuldades e se ajustando às conjunturas política e econômica do país, mas para continuar promovendo o desenvolvimento da Amazônia Ocidental é necessário

um esforço conjunto da sociedade civil organizada e o poder político regional, evitando que o tratamento dispensado à autarquia nos últimos anos continue. Exemplo do descaso com o PIM é ausência do ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior nas reuniões do Conselho de Administração da Suframa. Feliz lembrança da época do ministro Furlan.

Não basta ampliar a área de abrangência e prorrogar o prazo de vigência do modelo, é preciso criar condições e instituir mecanismos que assegurem a manutenção e a permanência do PIM.

As ações que afetam a sobrevivência da Suframa são decididas em Brasília, impedindo sua livre iniciativa. É este modelo de desenvolvimento regional que nós queremos, vamos reagir ou assistir seu declínio como aconteceu há cem anos com a economia da borracha?

Ailson Rezende
é economista pela Ufam,
consultor empresarial
e presidente
do Corecon-AM.



ENTRAVES

Burocracia emperra logística

TEMPO DE ESPERA ENTRE A LIBERAÇÃO E A CHEGADA DE CARGAS AINDA É ALTO NO POLO INDUSTRIAL DE MANAUS

Aproximação da Copa do Mundo em 2014 tem trazido dinamismo para as questões burocráticas que envolvem a logística de entrada de insumos e escoamento de produtos do Amazonas. Mesmo assim, o número de documentos e autorizações necessárias para a operação das empresas além do tempo de espera de liberação das mercadorias ainda é grande.

O presidente da Fetramaz (Federação das Empresas de Logística, Transporte e Agenciamento de Cargas da Amazônia), Irani Bertolini, afirma que muito já foi feito pela Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus), Sefaz (Secretaria da Fazenda do Estado do Amazonas) e pelo próprio empresariado no sentido de simplificar a burocracia. "No entanto, as mercadorias que saem da cidade ainda demoram de dez a 12 dias para chegar nos centros de distribuição do país. O tempo ideal seria de cinco a seis dias, ou seja, a metade", destacou.

Para ele duas soluções importantes seriam a conclusão das obras da BR 163 (Cuiabá - Santarém) e da BR 319 (Manaus - Porto Velho). "A entrega da BR 163 vai permitir que esse tempo de transporte de carga caia para oito ou no máximo dez dias, mas o nosso maior anseio é pela conclusão da BR 319. Quando ela ficar pronta o produto poderá chegar em São Paulo em até cinco dias",



Foto: Walter Mendes

Mercadorias que saem da cidade ainda demoram de dez a 12 dias para chegar nos centros de distribuição do país, quando o ideal deveria ser pelo menos na metade do tempo

projetou.

Outra solução apontada por Bertolini foi a criação de um sistema de liberações eletrônicas. "Da mesma forma que a nota fiscal eletrônica, a automatização das liberações alfandegárias também ajudariam muito. Se a mercadoria não necessitar cair no 'sinal vermelho' para averiguações, ela já poderia vir com a liberação

pronta, aliviando o excesso de carga em portos e no aeroporto", sugeriu.

Até porque, segundo lembra, faltam profissionais nas alfândegas. "Sempre tivemos déficit de inspetores e agora não é diferente", lamentou.

Entrepósito em Pernambuco

Uma outra alternativa para fa-

cilitar o escoamento dos produtos do PIM seria a criação de mais entrepostos comerciais.

Durante reunião do Confaz (Conselho Nacional de Política Fazendária) no final de setembro do ano passado, o Amazonas firmou protocolo de ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e prestação de Serviços), que autorizou a implantação de um

entrepósito comercial em Pernambuco.

O Estado que já possui instalações no município de Resende, no Rio de Janeiro e em Uberlândia, em Minas Gerais, ainda não tinha nenhum entreposto comercial no Nordeste.

O secretário de Estado da Fazenda do Estado do Amazonas, Isper Abraham, informou que o

governo de Pernambuco decidiu pelo município de Ipojuca, a 57 km da capital Recife, para a localização do armazém. "Agora, estamos em processo de licitação prevista para ser concluída no final do primeiro semestre".

Já foram firmados protocolos de intenção com os Estados de Goiás, São Paulo e Pará para a instalação de futuros entrepostos.

ENTREVISTA/THOMAZ NOGUEIRA

Logística é prioridade para ZFM

Nesta edição especial dos 45 anos da ZFM (Zona Franca de Manaus), o superintendente da Suframa, Thomaz Nogueira, afirma que vai trabalhar forte a questão da logística para manter o setor fabril do PIM (Polo Industrial de Manaus) competitivo nacional e internacionalmente. O dirigente aponta que o escoamento da produção ainda é um dos maiores desafios que precisa ser solucionado. Nogueira afirma também que os recursos oriundos do modelo são utilizados para apoiar diversas ações de desenvolvimento científico-tecnológico nos Estados que compõem a Zona Franca –Acre, Amazonas, Rondônia, Roraima e os municípios de Macapá e Santana, no Amapá). Leia a entrevista concedida ao *Jornal do Commercio* na íntegra.

ENTREVISTA/THOMAZ NOGUEIRA (continuação)

Margarida Galvão
Especial para o JJC

Jornal do Commercio – Como o senhor avalia os 45 anos de existência da ZFM, e o que propõe em termos de melhorias para que o modelo continue se desenvolvendo?

Thomaz Nogueira - Avalio o modelo ZFM de forma extremamente positiva, uma vez que ele foi o responsável pela expansão da economia na região, com grande contribuição para o país. Hoje vemos que os números das indústrias do PIM permanecem numa crescente, tanto em produção quanto em empregos. O escoamento da produção ainda é um dos maiores desafios que precisamos solucionar. Devemos trabalhar forte esta questão da logística local para nos manter competitivos nacional e internacionalmente.

JJC - Quais os reflexos das ações do modelo neste Estado e se tem realmente feito seu papel de agência de desenvolvimento regional?

Nogueira - O aumento de emprego e renda no Amazonas são as representações mais significativas do que o modelo fez para o Estado. Além disso, a Suframa apoia projetos que potencializam, sobretudo, atividades que exploram as potencialidades regionais, o que leva desenvolvimento a todas as zonas do Estado. Apóia, ainda, universidades, institutos de pesquisas tecnológicas e projetos que se destinam à qualificação e formação de recursos humanos em áreas do conhecimento relacionadas, entre outras, à Tecnologia da Informação, incluindo Ciências da Computação, Eletrônica e Ciência da Informação, Logística e Biotecnologia.

JJC - O que a ZFM propiciou aos demais Estados que fazem parte de suas áreas de abrangência - Acre, Roraima, Rondônia e o Amapá - em mais de quatro décadas de existência? Se não fez qual o motivo?

Nogueira - Recursos oriundos do modelo ZFM são utilizados para apoiar diversas ações de desenvolvimento científico-tecnológico nos Estados que compõem a Zona Franca, como o apoio ao Iepa (Instituto de Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado do Amapá) visando o desenvolvimento de tecnologia para a produção de cosméticos; apoio à UFRR (Universidade Federal de Roraima) em estudos que buscam o desenvolvimento de produtos naturais orgânicos com potencial farmacológico; apoio à Ufac (Universidade Federal do Acre) em estudos que incluem sistemas produtivos adequados às peculiaridades amazônicas. Através de instituições credenciadas junto ao CAPDA (Comitê das Atividades de Pesquisa e Desenvolvimento na Amazônia), como a Unir (Universidade Federal de Rondônia), Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), Ceplac (Comissão Executiva do Plano de Lavoura Cacaueira) e o Iesur (Instituto de Ensino Superior de Rondônia), a Suframa também apoia pesquisas em fármacos, biocombustíveis, produtos agrícolas, sistema agroflorestais, infraestrutura de produção, entre outros.



JJC - Quais as mudanças que estão sendo feitas na estrutura da Suframa? São motivadas por quê?

Nogueira - O foco é na construção dos resultados. Os motes que definimos estão alinhados a esse objetivo. Vamos trabalhar principalmente com o quadro técnico da instituição, agregando alguns poucos profissionais externos.

JJC - Quais as articulações que a Suframa está fazendo junto ao Mdic, elas visam o quê?

Nogueira - Como agência vinculada ao Mdic (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior), a Suframa tem articulações que visam dar suporte à infraestrutura de escoamento de produção, com portos, aeroportos, centros de distribuição, feiras cobertas e afins. Também temos envidado esforços no sentido de agilizar os trâmites burocráticos para definição dos PPBs (Processos Produtivos Básicos) e para garantir o apoio ao sistema local de Ciência, Tecnologia e Inovação.

JJC - A autarquia está tendo

algum tipo de articulação com a bancada federal visando a defesa do modelo ZFM? Em que sentido?

Nogueira - A atuação da bancada federal está em consonância com os atuais interesses do Estado do Amazonas e dos Estados que compõem a área de abrangência do modelo ZFM. O apoio à Suframa segue numa mesma linha, pois traz benefícios diretos à ZFM. Portanto, questões importantes para manter a competitividade do modelo ZFM, com a geração e manutenção de emprego e a proteção à atividade industrial da região, estão sempre em pauta.

JJC - Quais as novidades que serão apresentadas na primeira reunião do CAS de 2012, que por sinal será a primeira de sua administração, que acontecendo dia 28 de fevereiro?

Nogueira - Toda reunião do CAS (Conselho de Administração da Suframa) apresenta temas de grande relevância, e esta não será diferente. Para a 255ª reunião, os investimentos em análise estão concentrados nos segmentos de eletroeletrônicos

ENTREVISTA/THOMAZ NOGUEIRA (continuação)

a quais setores do polo industrial?

Nogueira - A grande maioria das propostas em análise se refere a produtos eletroeletrônicos (40). Outras 11 são do segmento de duas rodas e as demais, 36, são referentes a diversos produtos.

Qual a atual situação deles atualmente?

Nogueira - Este ano, até o momento já foram publicadas 19 Portarias Interministeriais de PPBs, sendo que outras 11 estão em fase final de assinatura. Devemos ter, portanto, até meados de março, 30 Portarias Interministeriais de PPB já publicadas, o que representa quase 60% do total de portarias publicadas em todo o ano de 2011 (51 portarias). As demais propostas devem ser publicadas até o fim de 2012, ressaltando que as novas propostas, e, aquelas que forem reapresentadas já com o preenchimento do roteiro anexo à Portaria Interministerial nº 170, de 4 de agosto de 2010, que disciplinou a composição e o funcionamento do GT-PPB, serão analisadas no prazo máximo de 120 dias.

Qual o valor contingenciado dos recursos da Suframa acumulado até a presente data e qual a quantia anual?

Nogueira - Creio que o mais importante é olhar para o futuro e modificar a tendência desse processo. Ainda que contribuamos com a formação do superávit primário, entendemos que é preciso realizar aqueles investimentos que falamos. Portanto, a discussão, neste ano, é sobre a destinação de algo em torno de R\$ 300 milhões.

O que a autarquia poderia ter feito com esse dinheiro se há anos não tivesse ficado retido nos cofres do governo federal, e quais os planos da nova superintendência da Suframa para reaver esse dinheiro?

Nogueira - Volto a ratificar que, neste momento, o importante é atuar com vistas para o futuro. Estamos em negociação com o governo federal para que parte do montante contingenciado seja liberada para obras de infraestrutura, que contribuam para o desenvolvimento na área de atuação da Suframa, e para aplicação em ações previstas no planejamento estratégico da autarquia, construído em conjunto com todos os Estados de sua área de atuação e com a colaboração das principais entidades estatais e empresariais da região. As áreas estratégicas constantes deste planejamento são Desenvolvimento Organizacional, Gestão de Incentivos Fiscais, Logística, Tecnologia e Inovação, Atração de Investimentos, Inserção Internacional, Capital Intelectual, Empreendedorismo e Desenvolvimento Produtivo.

Qual a avaliação do seu primeiro mês à frente da superintendência da Suframa?

Nogueira - Tenho certeza que participar de um projeto que visa desenvolver a região, como falei há pouco, é motivo de orgulho para qualquer cidadão consciente. Estou aqui para colaborar com isso. Um mês é um tempo muito curto para que possamos avaliar algo. Acredito que há muito a ser feito.

e duas rodas, mas há ainda projetos de energéticos, insumos para a construção civil, dentre outros. Podemos ressaltar de mais importante a comemoração do 45º aniversário da Suframa, motivo de orgulho para mim, como atual superintendente, e para todos os servidores e colaboradores que fizeram desta autarquia um órgão altamente respeitável nacional e internacionalmente.

Quantas propostas a Suframa recebeu de alteração ou criação de novo PPB?

Nogueira - Atualmente, existem 87 propostas em análise no GT-PPB, grupo instituído pelo art. 4º, do Decreto nº 4.401, de 1º de outubro de 2002 e mantido pelo Decreto nº 6.008, de 29 de dezembro de 2006, composto por representantes dos ministérios do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic) e da Ciência e Tecnologia e Inovação (MCTI) e pela Suframa, com a finalidade de examinar, emitir parecer e propor a fixação, alteração ou suspensão de etapas dos PPBs. Destas propostas, 51 dizem respeito a alterações de PPB e 36 são referentes a novos PPBs.

CENTRO COMERCIAL

Cecomiz faz parte da história da ZFM

SHOPPING INSTALADO EM MEIO À EFERVESCÊNCIA DO DISTRITO COMPLETA 30 ANOS DE VIDA

Margarida Galvão
Especial para o JOC

O mais antigo centro de compras de Manaus, o Shopping Cecomiz, tem sua história relacionada à ZFM (Zona Franca de Manaus). Criado no fim da década de 70 para dar oportunidade de compras ao público do PIM (Polo Industrial de Manaus), formado por empresários, executivos e operários, o estabelecimento comercial continua em franca atividade, mesmo diante das dificuldades enfrentadas ao longo das três décadas de existência.

O Shopping Cecomiz fica localizado na zona sul de Manaus, em uma região próxima ao Distrito Industrial 1. O prédio começou suas atividades com uma exposição permanente dos produtos da Zona Franca, em particular os importados. Mas ao longo do tempo se tornou um centro de compras que hoje possui 42 lojas que comercializam, entre outras coisas, roupas para homens, mulheres e crianças, produtos importados, além de



Centro de compras possui 42 lojas que comercializam, entre outras coisas, roupas para homens, mulheres e crianças

oferecer serviços de restaurantes e lanchonetes.

O prédio pertence à Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus), e é alugado para os lojistas desde que a autarquia passou essa incumbência aos permissionários que resolveram criar a Alomiz (Associação de Lojistas do Cecomiz).

Há 15 anos a entidade criou seu próprio estatuto, que rege as ações do estabelecimento comercial.

A presidente da Alomiz, Daniella Lopes Cavalcante, explica que graças ao modelo ZFM o shopping existe, fruto de uma ideia inovadora da Suframa em tornar uma área de armazena-

mento de mercadorias em um shopping comercial, situado numa área privilegiada da cidade. "É hoje um empreendimento que reúne uma gama de empresários, com geração média de 550 empregos diretos", disse a dirigente, ressaltando que muitos lojistas estão há mais de 20 anos no local.

Em 2009, o local gerava 1,2 mil empregos diretos e possuía em torno de cem lojas, além de postos da Receita Federal e dos Correios, além de agências bancárias. Um incêndio destruiu o bloco B (Rio Negro) do Shopping Cecomiz em outubro de 2009, provocado por um curto circuito de um dos condicionadores de ar de uma das lojas, destruindo pelo menos 50 lojas. Os prejuízos em mercadorias foram incalculáveis, levando alguns lojistas a pararem suas atividades até que sejam ressarcidos.

Além disso, existe um processo judicial por conta de um débito de R\$ 600 mil de alugueis atrasados. Isso decorreu porque a Suframa, há mais de 20 anos, cedeu o centro de compras aos lojistas. Com o fim do contrato locatório, em 2003, a autarquia entrou na Justiça para reaver o imóvel. "Com o processo de retomada do imóvel os lojistas deixaram de pagar o aluguel à autarquia e a dívida acumulou; com o incêndio a situação se agravou", disse a presidente da associação.

Após o sinistro os lojistas ficaram alojados no bloco A (Solimões), onde se dividem comercializando produtos va-

riados. Segundo Danielle Cavalcante, a movimentação no shopping continua aquecida, mesmo diante dos percalços sofridos. "O Cecomiz tem o diferencial do próprio lojista fazer o atendimento pelo fato da maioria das lojas serem familiares", mencionou.

A expectativa da direção da Alomiz é que o novo superintendente da Suframa, Thomaz Nogueira, se sensibilize com a situação dos lojistas e reveja o processo referente aos débitos dos locatários. "A dívida pode ser compensada pelos benefícios realizados pela Alomiz no prédio como instalação elétrica, hidráulica e outros realizados nos últimos anos", disse Danielle.

A presidente da Alomiz destacou ainda a importância do retorno dos serviços da Receita Federal, Correios, bancos que "puxavam" centenas de pessoas para o shopping. "Diariamente, por volta de 600 pessoas vinham ao Cecomiz em busca dos serviços da RF; a movimentação de acessos ao Caixa do Bradesco chegava a 24 mil por mês, a fora o Banco do Brasil, que juntos geravam negócios extraordinários, principalmente na área de alimentos", afirmou a dirigente.

Crise mundiais geram reflexos no PIM

DESAFIOS DE INOVAÇÃO E BUSCA DE ALTERNATIVAS CRESCEM COM O ESTRANGULAMENTO DOS MERCADOS INTERNACIONAIS

Margarida Galvão
Especial para o JJC

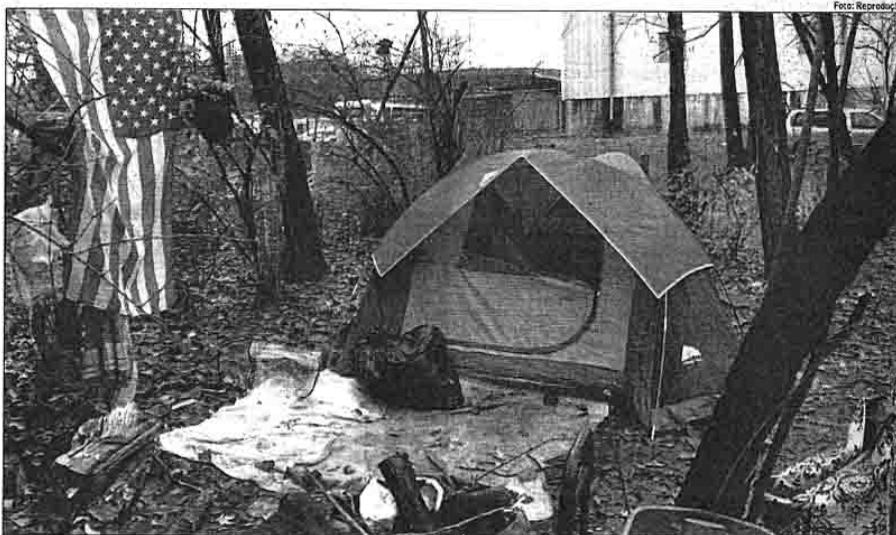
O fato de as empresas do PIM (Polo Industrial de Manaus) estarem interligadas ao mercado globalizado faz com que os reflexos das crises internacionais afetem os negócios da ZFM (Zona Franca de Manaus) dada a gama de transações de compras de insumos e de vendas no mercado interno que precisam ser estimuladas pelos negócios globais como um todo.

Para o consultor econômico e de empresas José Laredo, todo panorama de crise econômica gera incertezas ao setor fabril. O especialista avalia que os EUA e a Europa ainda não estão estabilizados desde a crise de 2008. O primeiro já está em linha de recuperação nos empregos e no crescimento, previsto pelo FMI (Fundo Monetário Internacional) de 1,7% neste ano. "Já a Europa, ainda está muito nublada a perspectiva de recuperação, inclusive a própria moeda acha-se sob constante escrutínio em relação à possível retirada de alguns dos 17 países membros entre eles Grécia, que ora adotam esse dinheiro", informou.

Ao comentar algumas situa-

ções vivenciadas pelas empresas, inclusive saídas encontradas para vencer os obstáculos gerados pelas crises, Laredo aponta que a inovação segue sendo a principal porta de saída para empresas que quiserem manter-se no mercado. O especialista chama a atenção do investidor para o controle absoluto dos custos e a dosagem de uma gestão séria e pouco afeita a endividamentos desnecessários que venham comprometer o giro do negócio, acompanhado de uma seletiva lista de clientes ativos e satisfeitos com o produto/serviço que adquirem de seus parceiros. "A visão estratégica do comportamento do mercado em que atua permitirá que qualquer negócio avance em bases mais confiáveis", disse.

Na avaliação do consultor da Projec Projetos e Consultoria, Raimundo Lopes Filho, o Brasil tem conseguido manter o crescimento apesar da turbulência que atravessa a economia mundial desde 2009. Mas adverte que a crise da Zona do Euro pode retardar a recuperação dos países desenvolvidos e em desenvolvimento, pois será afetada uma região responsável por 45% das compras globais e provocar um "ciclo negativo" mundial. "Se a crise se agravar, vai afetar a economia chinesa,



Mesmo ainda afetado pelos desdobramentos, os EUA já estão em linha de recuperação nos empregos, com crescimento previsto pelo FMI de 1,7% neste ano

um importante mercado consumidor dos grãos e de minérios exportados pelo Brasil, além de ser o maior fornecedor de insumos para o PIM", destacou.

Para Lopes, o maior dos males que afeta as empresas nacionais é o excesso de tributação. No caso da indústria, aponta que

93,5% dos tributos são recolhidos antes de receber pelas vendas realizadas. Em contrapartida, o empresário além de arcar com os custos de produção espera em média 60 dias, após a entrega, para receber o valor da venda. "Segundo estudo da Fiesp (Federação das Indústrias

do Estado de São Paulo), a cobrança que mais pesa no setor feita pelos Estados é o ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços), responsável por 28,9% do valor total dos tributos recolhidos", mencionou.

De acordo com o consultor, o

PIM é beneficiado com a Política Estadual de Incentivos Fiscais e Extrafiscais do Estado do Amazonas, que concede crédito estímulos do ICMS devido para os bens na ZFM (Zona Franca de Manaus), o que reduz, substancialmente, a carga do tributo estadual.

REFLEXOS

Impacto nos vizinhos traz mais preocupação

MERCADO INTERNO AQUECIDO MINIMIZA EFEITOS NEGATIVOS DA CRISE INTERNACIONAL NA PRODUÇÃO E VENDAS DO POLO INDUSTRIAL DE MANAUS



“Quando a Argentina sobretaxa produtos que exportamos, aí sim ficamos preocupados”

Antonio Silva, da Fieam

Margarida Galvão
Especial para o JUC

O presidente da Fieam (Federação das Indústrias do Estado do Amazonas), Antonio Silva, enfatiza que o PIM não experimentou nenhum efeito significativo da atual crise que afeta principalmente os EUA e a Europa, destacando que as exportações locais têm como destino principal os países da América do Sul, em especial a Argentina. “Por enquanto esses reflexos são ínfimos, tendo ocorrido casos de crescimento de importações no Brasil de alguns produtos que fabricamos, afetando um pouco a participação das empresas locais no mercado consumidor, em razão dos preços mais baixos que competem com os nossos”, disse.

No entendimento de Antonio Silva, para a ZFM é mais preocupante a situação econômica da Argentina e dos países do Mercosul do que na Europa e nos Estados Unidos. “Quando a Argentina sobretaxa produtos que exportamos, aí sim ficamos preocupados”, afirmou, ponderando que de qualquer

forma, no mundo globalizado em que vivemos deverão haver alguns reflexos provenientes da crise em parte da Europa e na lenta recuperação dos Estados Unidos. O que poderia ocorrer, segundo Antonio Silva, seria uma escassez de crédito para as empresas, mas não tem conhecimento de nenhuma ocorrência neste sentido. Pelo contrário, disse que existe uma gama de linhas de crédito que estão sendo oferecidas ao mercado. “Recentemente o Estado recebeu a visita de representantes do Banco Mundial oferecendo uma interessante linha de crédito para empresas de médio porte, tendo sido marcado para breve uma reunião para tratar desse assunto”, informou.

Segundo o dirigente, os fatos colaboram para o que ele diz, é só observar os números de produção, faturamento e empregos no PIM. “O nosso sucesso está diretamente ligado ao dinamismo do mercado interno, enquanto a demanda interna estiver aquecida e o governo proteger a indústria, evitando que a produção seja substituída por importações, estaremos em boas condições para abastecer o mercado brasileiro”, assegurou.



Foto: Walter Mendes

A Argentina continua sendo um mercado consumidor importante das motocicletas produzidas no Polo Industrial de Manaus

Suframa cumpre papel contra crises

APESAR DA FALTA DE AUTONOMIA, AUTARQUIA TEM FEITO SUA PARTE PARA MINIMIZAR ENTRAVES REFLETIDOS NO PIM

Margarida Galvão

Especial para o JUC



Suframa tem feito seu papel diante das crises, apesar das dificuldades de gestão que enfrenta. A análise é comum entre os ouvidos pelo *Jornal do Comércio* para esta edição. O presidente da Fieam (Federação das Indústrias do Estado do Amazonas), Antonio Silva, avalia que o fato de ser um órgão vinculado ao Mdic (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior) faz com que sua atuação seja sempre pautada pelas diretrizes e planejamento daquele ministério. "Como as crises afetam todo o país, o Mdic age de uma forma geral para minimizar seus efeitos em todas as regiões. Logicamente que a Suframa contribui com as sugestões de soluções apropriadas, enviadas ao órgão, que são geralmente consensuais aos interesses do governo estadual e da área empresarial", justificou.

No geral, Silva avalia que dentro do que foi possível, a Suframa fez nestes 45 anos o que estava ao seu alcance. "A defesa dos interesses do PIM pertence a todos os amazonenses, sejam da área pública, privada, política ou do povo em geral. O PIM é a locomotiva do nosso desenvolvimento, portanto é do interesse de todos que ele tenha sucesso,



Foto: Walter Mendes

Especialistas avaliam que a nova gestão da Suframa precisa buscar mecanismos para ouvir e interagir com os atores envolvidos em sua área de atuação

principalmente da Suframa que procura dinamizá-lo e fazer com que tenha êxito", frisou.

Na visão do consultor José Laredo, as limitações de autonomia impostas pelo governo federal embaça muito a ação independente que deveria ter

uma agência do porte da Suframa. "Veja o problema do contingenciamento de recursos oriundos da receita própria do órgão e o travamento que aplicaram nas liberações de novos PPBs, reduzidos a apenas 11 em 2011 contra 24 e 33 respectiva-

mente nos dois anos anteriores", exemplificou.

A expectativa do especialista é que a nova gestão procure ouvir, sob a forma de seminários com debates livres, para poder captar a essência de know how dos agentes locais que interagem no

modelo, entre eles, as consultorias que têm muita experiência no trato das relações entre as expectativas dos investidores e seu longo e às vezes demorado processo de decisão pró-PIM. "Elas já praticam de forma independente a venda do modelo,

quando conseguem convencer os empreendedores a optar pelo PIM com seus próprios estudos de lógica operacional, capazes de criar a empatia da credibilidade, fazendo-os se convencer de que usufruirão de recursos no capital de giro a custo zero, decorrentes dos tributos não recolhidos e reinjetados no fluxo de suas empresas quando adotam o modelo", afirmou.

Ainda de acordo com Laredo, o PIM precisa se redesenhar no que diz respeito à valorização interna de seus produtos, calçados em sua performance, para modernizar algumas ações de sua gestão, com vistas a melhorar fortemente a venda do modelo, via captação profissional de novas fábricas. "A utilização de incentivos extrasfiscais também é altamente recomendável, dado que a guerra fiscal tende a continuar devido à própria Constituição brasileira de 88 que estimulou a independência dos Estados quanto à prática de suas políticas de desenvolvimento regional", concluiu.

Raimundo Lopes Filho aponta que a limitação orçamentária decorrente do contingenciamento de sua receita própria que foi imposta pelo governo federal impediu a Suframa de exercer sua função principal de Agência de Fomento para a Amazônia Ocidental. "No entanto, a autarquia sempre apoiou as reivindicações do empresariado local", assinalou.

ENTREVISTA/WILSON PÉRICO

Em busca de novas matrizes econômicas

Diretor industrial da Technicolor Brasil, ex-presidente do Sinaees (Sindicato das Indústrias de Aparelhos Elétricos, Eletrônicos e Similares de Manaus) e atual presidente do Cieam (Centro da Indústria do Estado do Amazonas), Wilson Périgo faz um balanço dos seus seis primeiros meses à frente da entidade, analisa os desafios da Suframa e da Zona Franca de Manaus.



ENTREVISTA/WILSON PÉRICO (continuação)

Jornal do Commercio - Qual a importância do Cieam como entidade representativa das indústrias do PIM?

Wilson Périgo - O Cieam tem sua importância, sobretudo pela independência nas questões políticas. Conseguimos contribuir muito na região, defendendo os direitos da classe e aquilo que nós entendemos ser para o bem do Polo Industrial de Manaus sem receio nenhum de afetar qualquer partido ou pessoa específica. Contamos com a liberdade de, se sentirmos que o PIM está prejudicado de alguma forma, interferir junto à entidade jurídica em questão e com ela trabalhar para resolver os problemas necessários.

JW - Depois de fazer parte do conselho do Cieam durante anos, agora à frente da presidência, como o sr. avalia a sua atuação nesses seis primeiros meses?

WP - Para mim é um desafio dar continuidade ao trabalho feito pelo Maurício Loureiro, que ficou 12 anos no cargo. Cada pessoa é diferente. O Maurício tinha o estilo dele e eu tenho o meu. Então, antes de tudo, esses primeiros seis meses foram de adequação e adaptação da forma de administrar junto à equipe da entidade. A partir disso, nós começamos um planejamento estratégico a longo prazo, com o objetivo de estruturar as ações do Cieam nos próximos anos, dando um direcionamento claro e transparente para os associados e, principalmente, para a sociedade.

JW - Quais foram as principais contribuições da entidade nesse tempo?

WP - Nós trabalhamos em conjunto com o governo do Estado e a Suframa em algumas questões específicas. Nos concentramos na batalha para conseguir a instalação da Adidas no nosso parque industrial, mas infelizmente não conseguimos a aprovação do ministério -Mdic. Também trabalhamos com a Suframa, mesmo durante a transição de Plávia Grosso, na liberação de cerca de 30 PPBs que ainda estão parados no ministério, e a intenção é intensificar esse processo em 2012.

JW - Qual é a maior batalha a ser enfrentada pelo modelo ZFM em 2012?

WP - Com certeza, o grande desafio é a questão da nossa representatividade política, através da Suframa, junto ao governo federal. As decisões deixaram de ser técnicas há muito tempo. É preciso força política para alcançar resultados e a autarquia precisa resgatar esse papel. Para isso, precisará de todo o apoio das entidades de classe e da bancada política do Amazonas em Brasília.

JW - Que gargalos dependem da recuperação da força política da Suframa para serem resolvidos?

WP - O principal a ser resolvido é justamente a aprovação de novos PPBs, gerando investimentos e empregos na região e diversificando o que é feito hoje no PIM. A nossa atividade está muito calcada no polo eletroeletrônico e no de duas rodas. É preciso trazer novas matrizes econômicas para o Estado. Antes de pensarmos no desenvolvimento regional e de capital intelectual na Amazônia, temos que garantir a atuação do polo, trabalhando outros segmentos que demonstrem intenção de se instalar aqui.

JW - E qual a situação atual dos PPBs?

WP - Não existe nada tecnicamente que impeça ou desabone a aprovação de qualquer um deles. Não vejo motivo para o governo federal, em especial o ministério, em não aprovar os PPBs daqui. Precisamos evitar situações como a da Adidas, que não veio nem para Manaus e desistiu, inclusive, de se instalar no Brasil. E existem outros riscos como o da Red Bull, de uma empresa que quer investir na fabricação de tomadas e interruptores, de uma fabricante de lâmpadas e de outra de autopeças, que hoje não são fabricadas no país. Todos esses processos continuam parados no Mdic. Quem perde com isso é o país. Para resolver esse problema, a primeira luta será de entender o que o Mdic quer para a nossa região.

JW - Existe alguma outra medida que terá a atenção do Cieam?



WP - O outro grande desafio é também, junto ao poder público, lutar pela questão da infraestrutura da atividade econômica. Enfrentamos problemas com eletricidade, com comunicação de voz e dados, de logística, com segurança. Tudo isso é uma conjuntura de infraestrutura que nós, sociedade, precisamos ajudar o poder público a resolver.

JW - Qual sua opinião sobre o contingenciamento dos recursos da Suframa?

WP - Eu não tenho muito otimismo que esse dinheiro voltará pra Manaus. Acho muito difícil. Agora, na mesma linha eu questiono. Se é uma taxa, que tem a finalidade e ela não está sendo cumprida, qual a obrigação que as indústrias têm de continuar pagando? Uma coisa é o dinheiro que foi contingenciado e outra é o dinheiro que eles querem continuar arrecadando. Nós já estamos trabalhando com a assessoria jurídica, para ver qual é a obrigatoriedade que as empresas têm de continuar efetuando o pagamento. Estamos falando de 2% em cima do faturamento. É muito. Queremos que reduza o custo para as empresas.

JW - Em 2011 acompanhamos vários casos de indústrias que optaram por outros Estados e pelo modelo Suape para se instalar e o fechamento de outras que decidiram fabricar em outros países. Qual sua opinião sobre o assunto?

WP - O PIM cresceu uma média de 15% ao ano na última década, exceto em 2008 em função da crise, e no entanto, a infraestrutura e a questão de pessoal e órgãos fiscalizados não cresceram na mesma proporção e é isso que tem afastado empresas daqui. A indústria de componentes é, de longe, a que mais sofreu. Nós tivemos várias empresas que fecharam, mas continuam atendendo o mercado brasileiro a partir das suas co-irmãs na China. Se aqui não for viável de se estar, ninguém vai ficar.

JW - Qual a expectativa para o desempenho da Suframa este ano?

WP - Caso a conjuntura econômica brasileira se mantenha da mesma forma e nenhuma nova crise internacional ocorra, as perspectivas são positivas. Continuaremos a crescer, mas vamos precisar de medidas por parte do governo federal para inibir e limitar a importação de produtos ou insumos que estejam sendo fabricados no Brasil para preservar o investimento industrial feito no território nacional e mais que isso, preservar os empregos gerados por esses investimentos. E isso o governo tem ferramentas para fazer.

JW - A Suframa completa 45 anos de existência esse ano. Diante de todos os desafios, como o Sr. avalia a atuação da autarquia hoje?

WP - A Suframa tem feito o seu papel dignamente, principalmente aqui no Amazonas, mas também para outros estados da Amazônia Legal. Tem suas limitações por conta desse engessamento político e sem recursos para aplicar e desenvolver a região, seu papel primordial. Mas a questão da fiscalização e do estabelecimento de regras tem feito com competência. Torcemos para que essa nova administração consiga, com a ajuda do Governo do Estado, da bancada amazonense e das entidades de classe, resgatar essa representatividade política pra que a Suframa volte a ter respeitabilidade e a importância que merece.

ARTIGO/JOSÉ RICARDO WENDLING

Alguns pontos sobre a Zona Franca de Manaus

Quando foi criada a Zona Franca de Manaus, 44 anos atrás, a ideia era, a partir de Manaus, irradiar o desenvolvimento para toda a Amazônia Ocidental, já que Manaus está bem no centro da Amazônia. Mas não funcionou desta forma, visto que as atividades produtivas, principalmente a indústria se concentrou em Manaus. E acredito que devemos começar a repensar esse desenvolvimento a partir da capital do Estado.

Atualmente, vivemos o momento da PEC da prorrogação dos incentivos fiscais por mais 50 anos, encaminhada pela presidente Dilma ao Congresso Nacional. Se não houver muitas mudanças, e que não sejam drásticas, essa prorrogação é muito boa e vai servir de instrumento para tentar atrair mais investidores para o PIM e dar tranquilidade para ampliação de empreendimentos já instalados.

Precisamos discutir e entender melhor a questão da extensão dos incentivos para a Região Metropolitana de Manaus, porque se cria a expectativa de que tudo isso que tem em Manaus é possível também vir a existir nos municípios do entorno. E não é bem isso, tanto a expansão territorial quanto as questões tributárias envolvidas, ainda precisam ser bem estudadas.

Mas apesar disso, temos que entender que com a prorrogação

da Zona Franca, muitos desses segmentos que estão em Manaus vão continuar aqui. E nós temos vários setores que podem surgir dentro das potencialidades regionais que precisam ser estudados com a utilização dos incentivos.

Temos de ter preocupação com os PPBs, com as etapas de produção, como desagregar as etapas para beneficiar as que geram mais emprego — porque hoje essa discussão é feita em Brasília, no Ministério do Desenvolvimento e Comércio Exterior e no Ministério de Ciência e Tecnologia. E essa discussão precisaria ser ampliada em nível local, com os trabalhadores e com quem investe em tecnologia para melhorar processos.

Precisamos ter uma proposta para o CBA, que hoje não tem nem personalidade jurídica para poder receber recursos. CT-PIM é uma proposta da Suframa muito boa, deveria ser mantida com os recursos de pesquisa e desenvolvimento, oriundos das empresas de informática, que têm como obrigação legal, recolher e investir para tal finalidade.

Temos de cobrar uma presença maior de todos os órgãos federais no Amazonas. As decisões da Receita Federal ainda estão fora de Manaus, além de reduzido contingente de funcionários. Assim acontece com a Sudam e o Basa, com sede em Belém-PA. O volume de atividade econômica e de arrecadação de tributos no



Foto: Divulgação

Amazonas que oriunda, preponderantemente, do Polo Industrial de Manaus já justifica a ampliação desses e outros órgãos públicos em Manaus. Aliás, se cobra rapidez nos desembarços aduaneiros, que dependem da eficiência ampliada dos órgãos federais e estaduais.

Agora é voz corrente em todos os debates sobre a ZFM que não bastam os incentivos fiscais, mas precisa haver uma atenção maior à questão da logística e investi-

mentos em infraestruturas tais como novos portos, ampliação do aeroporto, oferta de energia de qualidade, internet (banda larga) e até alternativas de escoamento, via estradas.

Várias são as questões em torno da ZFM, todas exigindo amplo debate com a sociedade, inclusive o fortalecimento da Suframa que precisa ser transformada em instrumento verdadeiro para o desenvolvimento regional. Hoje, a mesma está esvaziada, equipe

própria reduzida, mas muito dedicada e que precisa resgatar prestígio e apoio junto aos ministros em Brasília, e levar adiante seus objetivos em benefício do povo amazônico.

José Ricardo Wendling,
Economista
Deputado Estadual PT



ARTIGO/RONALDO BOMFIM

Quase meio século, é hora de reflexão

A Suframa completa hoje 45 anos de existência - mais de duas gerações, quase meio século. Um período maior que o tempo gasto pelo governo de Singapura para fazer de uma grande favela - retrato dessa cidade-Estado do Sudeste asiático nos anos 50 - um dos lugares mais modernos e limpos do mundo. Qual o segredo, o que foi feito para produzir tal milagre? A resposta é simples: o governo singapurense investiu (e continua investindo) maciçamente, de forma competente e determinada (e sem corrupção), em obras de infraestrutura e em educação de qualidade, ou seja, em logística e em capital humano. Esta fórmula, em menos de 40 anos, transformou pobreza em riqueza e tornou Singapura - quem herdara a 'maldição dos recursos naturais' - um extraordinário exemplo de desenvolvimento econômico acelerado. Do outro lado do mundo, Manaus, mais rica naquela época, infelizmente não seguiu a mesma receita.

Com a instituição da Su-

frama pelo Decreto-lei 288, de 28.02.1967, foi inaugurada na Amazônia uma política de crescimento em que o sucesso das empresas que integram o seu polo industrial (o PIM) tem sido a regra. Vale lembrar que a ZFM é a única política pública de fomento que deu certo na Amazônia. No início da década dos anos 60 a capital do Estado do Amazonas - uma pequena cidade isolada dos centros dinâmicos do país e com poucos recursos urbanos - tinha uma economia modesta e abrigava uma população sem esperanças que não chegava a 200 mil pessoas, cerca de um décimo da atual.

Nesses 45 anos, as finanças governamentais - nos três níveis da administração - foram contempladas com uma soma substancial de recursos transferidos pelas empresas ao Erário, sob a forma de tributos e contribuições compulsórias, da ordem de dezenas de bilhões de dólares. O setor privado, ao longo dessas décadas, vem desempenhando com competência a sua missão de gerar investimentos, renda e empregos, o que criou uma

onda de euforia na sociedade. Em 2011, as empresas do PIM produziram um faturamento superior a US\$ 40 bilhões (valor pequeno se considerarmos o seu potencial). Exercendo uma atividade econômica de alto nível tecnológico, as empresas criaram cerca de 500 mil empregos diretos e indiretos, fora os empregos gerados nos Estados fornecedores de bens e serviços para a ZFM. O governo, todavia, não teve a mesma eficiência na escolha e implementação de políticas sociais consistentes.

Sinergia com o empresariado

Na história da Suframa, vale registrar nesta data comemorativa, o empresariado local nunca havia experimentado clima de entendimento tão transparente e profícuo com a autarquia quanto o que existe atualmente. Um clima sedimentado na administração da economista Flávia Grosso, funcionária de carreira da Suframa, que se caracterizou pela adoção de um estilo técnico de gestão. Graças a esse relacionamento, foi construída uma sinergia

público-privada expressiva - rara em um país de burocratas empedernidos e autossuficientes - que tem proporcionado um ambiente de negócios favorável à atração de investimentos. Fazemos votos de que seu sucessor, o superintendente Thomaz Nogueira, continue trilhando esse caminho vitorioso.

O que fazer

Considerando nossas graves carências de bens públicos (externalidades positivas), este é um momento propício à reflexão. É tempo de avaliar os resultados da ação do governo em quase meio século para identificar as falhas e os desvios. Talvez até repensar o modelo em busca de aperfeiçoamentos. Os três níveis de governo deveriam examinar sua conduta em relação à ZFM, procurando aprimorar as políticas públicas voltadas à melhoria da infraestrutura logística, educação, saneamento básico, saúde, segurança, transportes coletivos e planejamento urbano, visando reduzir as pressões sociais e a demanda de serviços essenciais resultantes do

crescimento demográfico vegetativo e do êxodo de migrantes vindos de outros estados.

Novos Insights

Talvez valesse a pena refletir sobre o milagre da pequena nação do Sudeste da Ásia referida no início deste artigo. Quem sabe não seria oportuno criar uma comitativa governo-empresariado para visitar Singapura, cuja localização geográfica é semelhante à de Manaus, para melhor conhecer o que foi feito? Viagens em geral 'abrem a cabeça das pessoas', trazem inspiração, produzem "insights" e viabilizam programas de intercâmbio que podem trazer benefícios a uma cidade como Manaus, que tem qualidade

de vida muito abaixo do desejável. Como ensina a milenar sabedoria chinesa, "uma imagem vale mais do que mil palavras".

Nesta data devemos ter em mente que a administração pública não deve alimentar-se de loas e incensos - eles não são bons conselheiros. O fascínio do 'canto das sereias' emanado dos áulicos deveria ser substituído por autocríticas e avaliações imparciais e corajosas. Só iremos avançar e crescer quando formos capazes de reconhecer nossos erros e deficiências, libertando-nos dos autoenganos que nada constroem. Mas isto exige grandeza interna, ausência de vaidades e, acima de tudo, boa dose de humildade.

Ronaldo Bomfim
é economista



Suframa, 45 anos.

Cada vez mais forte, cada vez mais nossa.



O Grupo Microservice



O Grupo Microservice
parabeniza a
SUFRAMA
pelos

45
anos

dedicados ao desenvolvimento
do Polo Industrial de Manaus.

Dumont

XLV Anos
FELIZ ANIVERSÁRIO
SUFRAMA



O tempo é apenas uma questão de perspectiva e o que realmente importa são os conceitos a serem seguidos. Fazemos parte do Pólo Industrial desta bela Capital, e temos orgulho de aqui contribuir para que você não perca a hora, e permaneça atualizado em seu tempo.

GRUPO DUMONT SAAB



Preservar o meio ambiente, também
faz parte da nossa natureza


Dumont®



Produzido no
Polo Industrial
de Manaus.
Conheça o Amazonas.

Av. Mandii 3 - Distrito Industrial
Manaus, AM | CEP: 69075-140

MERCOSUL LINE

OPÇÕES DE ROTAS

CABOTAGEM - NORTHBOUND



CABOTAGEM - SOUTHBOUND



RIVER PLATE - NORTHBOUND



RIVER PLATE - SOUTHBOUND



RESPONSABILIDADE AMBIENTAL



Minimizando o nosso
impacto no meio ambiente

A Cabotagem é uma alternativa para compor a cadeia de suprimentos de diversos setores, contribuindo de maneira significativa para a preservação ambiental.

Na Mercosul Line, garantimos que nossas operações sejam gerenciadas de forma responsável e respeitando o mundo que nos rodeia. Trabalhamos para minimizar o impacto ambiental das nossas operações:

- Minimizando o consumo de combustível e de lubrificante.
- Usando combustíveis com baixo teor de enxofre.
- Aplicando políticas de frequente manutenção dos motores.
- Suavizando o impacto do transporte usando tinta sem chumbo.
- Instalando tanques de combustível protegidos internamente nos navios para minimizar o risco de vazamento de óleo.
- Estabelecendo um plano de gestão de resíduos

CONTATE-NOS EM MANAUS

Tel: 3305-1724 / 1727
camila.lisboa@mercosul-line.com.br

www.mercosul-line.com.br

MERCOSUL *Line*

part of the A.P. Moller - Maersk Group

CABOTAGEM É O NOSSO NEGÓCIO

MERCOSUL LINE (continuação)



MERCOSUL *Line*
part of the A.P. Moller - Maersk Group

**PARABÉNS!!!
SUFRAMA 45 ANOS**

NOSSOS SERVIÇOS



A Mercosul Line oferece serviços de alta qualidade, ligando a Zona Franca de Manaus às mais importantes cidades brasileiras e aos principais portos do Brasil, Argentina e Uruguai em escalas semanais.

A estrutura da Mercosul Line permite oferecer serviços de embarque combinando os modais marítimo e rodoviário, oferecendo soluções integradas de logística e gerenciamento de processos customizados. O serviço PORTA/PORTA proporciona ao cliente a praticidade em definir os locais de coleta e entrega da carga. Nossas soluções de logística integradas e customizadas utilizam terminais intermodais estrategicamente posicionados, visando proporcionar a nossos clientes um serviço eficiente, transparente e seguro.

Dispomos da frota de navios mais moderna da cabotagem brasileira, cada navio tem capacidade nominal de 2.500 TEUs e possui 268 tomadas para carga refrigerada.

Logística com **segurança, regularidade e confiança**. Consulte a nossa equipe de vendas mais próxima da sua localidade.

- Serviço porta a porta
- Rapidez com segurança
- Economia com confiabilidade
- Regularidade semanal
- Abrangência Nacional e Mercosul
- Novos navios
- Logística e Gerenciamento
- Atendimento personalizado
- Terminais intermodais
- Projetos especiais
- Opções de rotas

ENGECO

A SUFRAMA COLOCOU MANAUS NO MAPA.

Em 1967 foi assinado o decreto de lei que instituiu a Zona Franca de Manaus.

A partir deste marco a cidade se desenvolveu, amadureceu e hoje se estabelece no cenário internacional como uma das principais capitais da sexta economia do mundo. A SUFRAMA deu ao nosso futuro um novo rumo, e hoje comemoramos com muito orgulho os 45 anos desta data histórica.

UMA HOMENAGEM:



ENGECO.COM.BR



@ESPACOENGECO

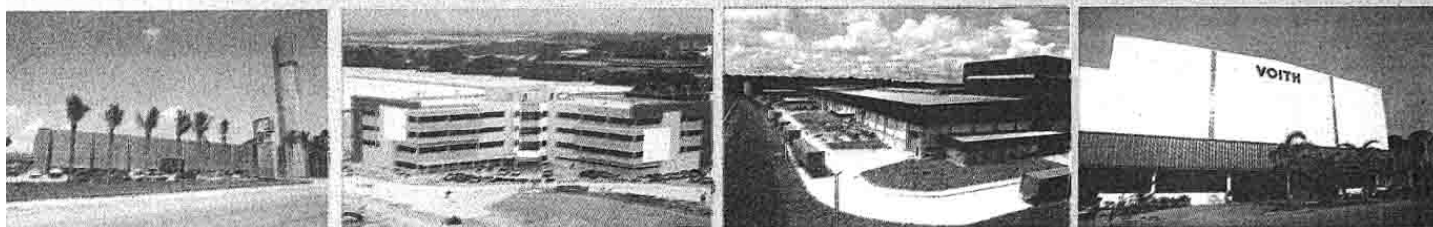


CONSTRUTORAENGECO

RALC

SUFRAMA

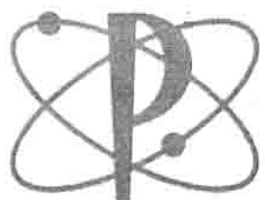
Construindo a Manaus do futuro



Rua Pedrarias de Avilar, 26 - Conj. 31 de Março - Japiim
Manaus - AM - CEP 69077-450
(92) 3614-0900

www.ralc.com.br

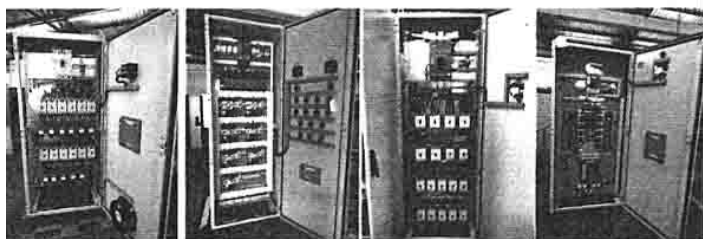
REAL



PASCO

Eletro Sistemas Ltda.

Parabenizando a Suframa
por seus 45 anos



Fabricação de Quadros Elétricos para baixa, média e alta tensão.

Rua Abelardo Barbosa, 327 B - Aleixo
Tel. 92 36474907 Fax. 92 36474910
E-mail: pascoinho@pascopaineis.com.br
www.pascopaineis.com.br

PA ABÊNS PRA
VOCÊ NESTA DATA
QU RIDA MUIT S
FE ICIDADES MUITOS
ANOS DE VIDA

REAL

Sem guaraná a festa fica incompleta.

Mas pra isso não acontecer, temos orgulho de fazer esta homenagem.

Parabéns Suframa pelos seus 45 anos.



Real

TUMPEX

Suframa 45 anos

**Orgulho de nossa terra.
Queremos te homenagear
neste dia tão especial!**

Parabéns!



INOVAÇÃO

SUSTENTABILIDADE

DESENVOLVIMENTO

São 45 anos de resultados
positivos, faturamento e geração de empregos.

A Drogarias Angélica parabeniza
as iniciativas da SUFRAMA.

Ideais que se completam e traduzem conceitos
de uma vida cada vez melhor.



Angélica
DROGARIAS
Você sempre bem.

COCA-COLA

PARABÉNS, SUFRAMA, POR CUIDAR DO
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, DA
CAPACITAÇÃO TECNOLÓGICA, DA
MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA.

SÃO TANTOS MOTIVOS PARA
PARABENIZAR QUE QUASE
ESQUECEMOS O
ANIVERSÁRIO.

45 anos de uma instituição que só contribui para
que Manaus fique cada vez mais forte merecem
uma comemoração especial.

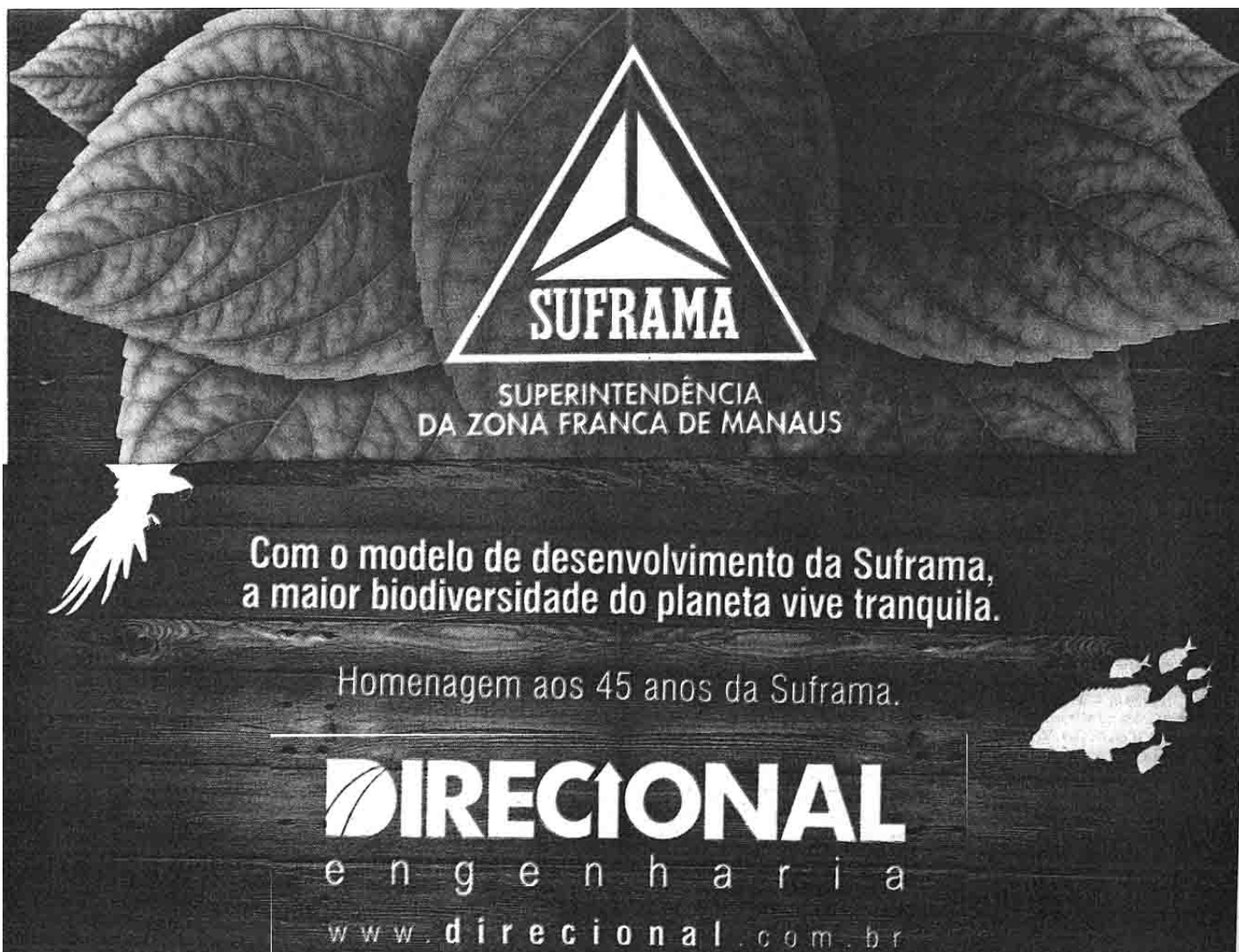
Parabéns, Suframa, pelo seu aniversário e por
todo o seu trabalho na cidade de Manaus.

Coca-Cola
Brasil



GRUPO SIMÕES

DIRECIONAL



SUFRAMA
SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

Com o modelo de desenvolvimento da Suframa,
a maior biodiversidade do planeta vive tranquila.

Homenagem aos 45 anos da Suframa.

DIRECIONAL
e n g e n h a r i a
www.direcional.com.br

FELÉ DO BOI

Parabenizamos a SUFRAMA por seus 45 anos de luta pelo desenvolvimento Amazonas

Filé do Boi
CHURRASCARIA

A melhor opção em sabor e qualidade

3342-3807 / 3342-3809
Trabalhamos com eventos

restaurantechurrascariafiledoboiconf.br
Av. Desembargador João Machado, 213A - Alverada

“Ao aceitar choppes
celebramos Taça de Serejé 40v.
Contamos com servidores de manobraneta

Aceitamos os Cartões:
REDE SHOP

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:
Domingo a Quinta
20:00h às 02:00h
Sexta e Sábado
19:00h às 02:00h

SUFRAMA

4 5

A melhor tacada para o desenvolvimento regional

25 Anos
sinuca **25**

Sinuca é esporte e lazer

(92) 3233-4323
Rua Major Gabriel, 368 - Centro

DP



INDÚSTRIA DE ETIQUETAS

ETIQUETAS ESPECIAIS EM VERNIZ UV



Etiquetas Personalizadas
em rolo ou cartela com
aplicação de verniz UV

Etiquetas em
policarbonato
texturizado ou
cristalizado

PS
PVC
VINIL

Ribbons de cera,
resina ou misto para
código de barras e
numeração sequencial



TERMOTRANSFERÊNCIA
SERIGRAFIA AUTOMÁTICA
TIPOGRAFIA
FLEXOGRAFIA



Fone: 3237-1006 • Fax: 3237-2397

Av. Tefé, 270 - Japitim - Manaus - AM

dp@dpetiquetas.com.br - www.dpetiquetas.com.br

A DP Indústria de Etiquetas
parabeniza a SUFRAMA
pelos seus 45 anos.



HONDA LOCK

AMMAC
Fabricante dos Salgadinhos
Mitto's e Pipocas Mitoka

Parabenizamos a
SUFRAMA
Desde 1967 promovendo o
desenvolvimento econômico regional

Ammac Indústria e Comércio de Alimentos Ltda

CONTATO
(92) **3654-2852** | Rua Ituiutaba nº 83 - Redenção

SUFRAMA
HÁ 45 ESTIMULANDO O CRESCIMENTO
SUSTENTÁVEL DA REGIÃO

H **Honda Lock**
Safety & Security

HONDA

Homenagem Moto Honda da Amazônia



SUFRAMA 45 ANOS

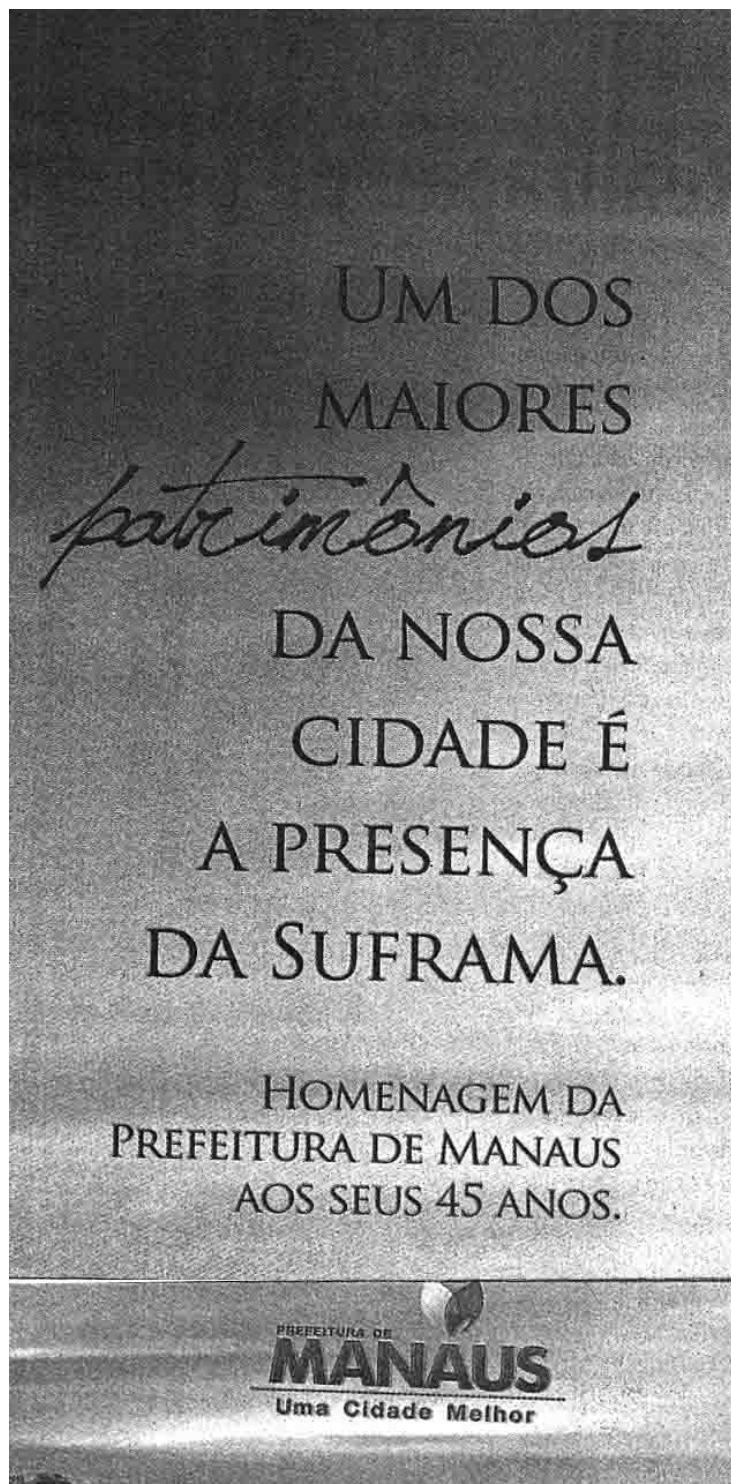
Desenvolvendo a Amazônia e gerando divisas para o Brasil.



Produzido no Pólo Industrial de Manaus.



PREFEITURA DE MANAUS

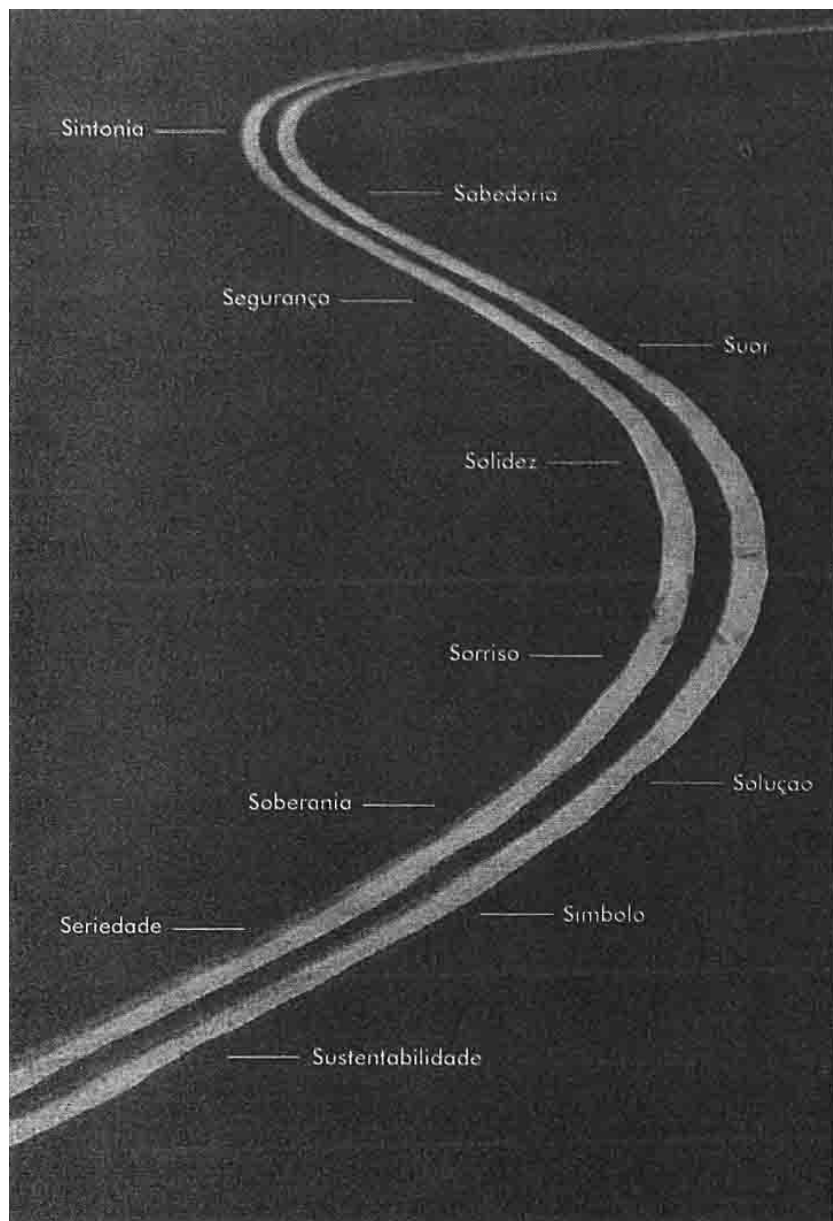


Rymo

Chegar aos 45 anos tendo a certeza
de ter cumprido seu papel
no desenvolvimento de uma região,
é um privilégio para poucos.

Parabéns Suframa

Solimões



Solimões e SUFRAMA.
Juntas, caminhando
na mesma direção.

A Solimões se orgulha de
acompanhar a trajetória
da SUFRAMA no caminho
do progresso e do
desenvolvimento do
Estado do Amazonas.

Parabéns, SUFRAMA, pelos 45 anos.



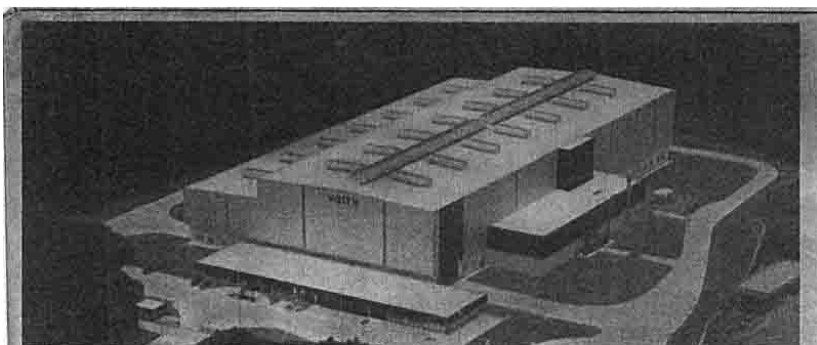
Solimões



Quer um Volkswagen? Fale com a gente.

Av. Torquato Tapajós, 505 - 2123-6000

VOITH



Voith Hydro: experiência global em hidrogeração

A Voith Hydro do Brasil apresenta ao mercado sua nova filial fabril, localizada no Distrito Industrial da Zona Franca de Manaus. Essa unidade, concebida para produzir caldeirados de grande porte, é uma extensão da fábrica instalada em São Paulo há 46 anos.

Com planejamento de produção integrado, reúne tecnologia de ponta que permite o oferecimento aos clientes no Brasil e na América do Sul do mesmo expertise, níveis de qualidade e excelência Voith para execução de projetos de hidrogeração.

Especializada em caldeirados de grande porte, principalmente para grandes usinas que estão e estarão se instalando na região Norte do país, a fábrica da Voith Hydro em Manaus contempla todos os tipos de máquinas hidrogeradoras, sejam elas Francis, Kaplan, Bulbo ou Pelton.

Com a Unidade de Manaus, a Voith Hydro amplia sua capacidade industrial no país para mais de um milhão de horas por ano, duplicando a capacidade para a fabricação de grandes componentes e consolidando a posição do Brasil como centro de manufatura para diversos componentes elétricos e mecânicos dentro do Grupo Voith.


Além da cidade de Manaus ter se mostrado mais propícia para uma

instalação sustentável, graças à estrutura já existente na região, a escolha da região Norte para a instalação desta nova planta, onde estão previstos os grandes projetos de hidrelétricas para os próximos anos, revela a busca constante pela eficiência logística e por melhores serviços ao cliente, permitindo custos mais competitivos no cenário global. Acima de tudo, a nova unidade reafirma, o compromisso de longo prazo do Grupo Voith com o Brasil.

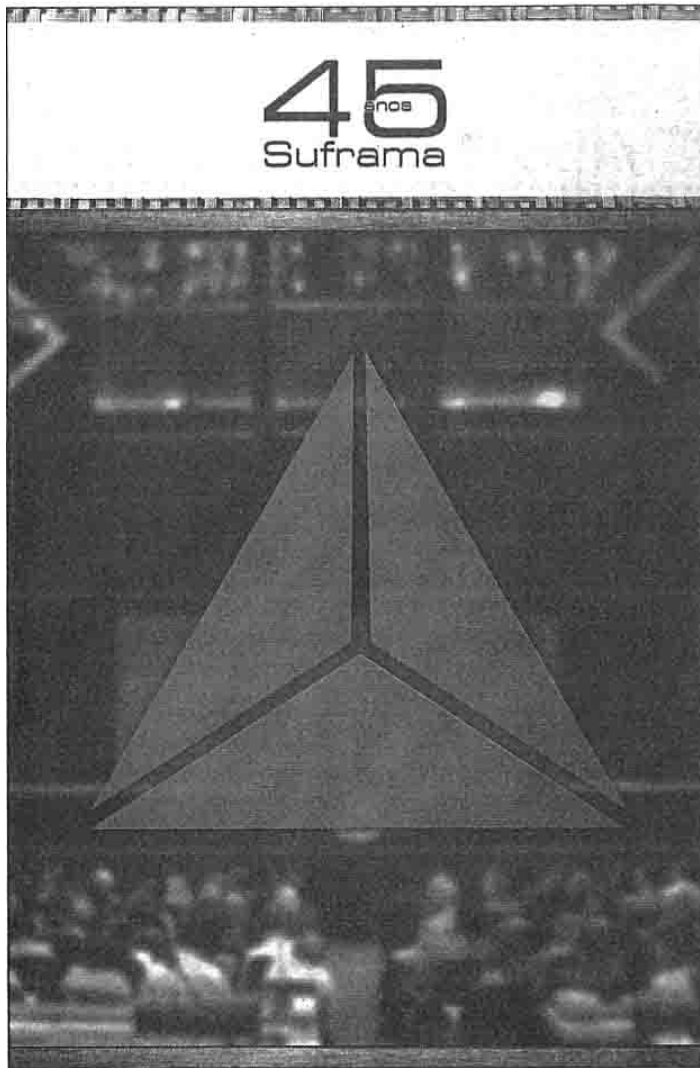
A Voith Hydro, com sua base de excelência e confiabilidade em engenharia de origem alemã e com mais de um século de atuação no Brasil, hoje é capaz de fornecer usinas completas, com conteúdo nacional superior a 90% e gestão, engenharia e mão de obra genuinamente brasileiras. Agora, com a nova unidade, a empresa amplia esse compromisso, levando para o Pólo Industrial de Manaus mais capacitação no segmento mecânico aplicado à indústria de bens de capital e abrindo novos horizontes em termos de desenvolvimento econômico e tecnológico.

Apróveitando-se do momento, a Voith Hydro parabeniza a SUFRAMA por seus 45 anos de aniversário e reconhece o importante serviço prestado por esta autarquia ao desenvolvimento da Zona Franca de Manaus.

ACA



45 anos
Suframa



Parabéns pelos seus 45 anos fazendo
a diferença no desenvolvimento do Amazonas.
Uma Homenagem da Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas

Geitano Antonaccio
Presidente da Associação Comercial do Amazonas

O MEIO AMBIENTE E A ZONA FRANCA

Se há um povo que sempre soube amar a natureza, esse povo é o da Amazônia. Se há homens capazes de conviver com o meio ambiente e jamais depredá-lo por ganância, prazer ou por maldade, é o caboclo que habita os mais longínquos municípios amazenses, apesar de todo o descafo com o seu habitat. A Amazônia está sendo convocada para salvar a humanidade da carencia de bens naturais, porque exatamente os países ricos não fizeram as reuniões que fazem atualmente, não firmaram os protocolos que estão redigindo na atual conjuntura, mesmo tendo conhecimentos científicos de que estavam prejudicando o meio ambiente e empobrecendo a natureza de Deus.

Muitos países que se dizem desenvolvidos extinguiram suas reservas ambientais, pela simples ganância industrial, pela busca ignóbil das riquezas da terra, sem devolver a essa mesma terra, o mínimo do máximo que dela retiraram. Destruíram florestas, mataram índios, caçaram animais de forma criminosa, poluíram as ruas de suas cidades, infestaram os céus com gases tóxicos, imaginando que a riqueza pura e simples os compensariam.

Hoje, quando são realizados programas e reuniões visando a preservação do meio ambiente, a humanidade ainda continua a imaginar que a Amazônia deve ser a responsável exclusiva pela salvação da natureza e querem nos condenar pelo estrago que eles fizeram ao longo da História.

Valeria a pena uma reflexão honesta, onde se perguntaria aos países desenvolvidos, ricos e de alta nas reservas naturais da Amazônia: será que eles não poderiam recuperar o meio ambiente que depredaram, as riquezas de solo e subsolo que extraíram sem repór? Por que estes senhores do radicalismo ecológico, não se aliam a algumas Organizações Não Governamentais e elaboram um grande projeto internacional de florestamento, reflorestamento, despoluição de rios e lagos, Igarapés e riachos, praias e monumentos depredados, a fim de permitirem a povos como os da Amazônia, a tratar do seu destino e da sua natureza, como o fazem até hoje?

A Zona Franca de Manaus foi criada no cenário do rio e da floresta, como um desafio ao homem do interior, sobre como e de que forma seria possível produzir tantos bens, com tanta tecnologia, e manter de pé a floresta, conservar a fauna, preservar a flora e dar um exemplo de competência a humanidade que nos espiona dia e noite. Completando 45 anos de criação neste 28 de fevereiro de 2012, o Polo Industrial de Manaus tornou-se um modelo a ser copiado em qualquer região do mundo pelas suas características de preservação e eficiência.



É que a maior prova da consciência amazônica sobre o meio ambiente ficou constatada com a Zona Franca de Manaus, onde um Polo Industrial foi criado com mais de 600 indústrias de tecnologia de ponta e para orgulho dos brasileiros, a natureza da região está praticamente sem qualquer sintoma causado pelas indústrias implantadas. Esse amor telúrico dos amazônidas pela natureza teve origem na época das seringueiras quando o homem do interior, ao sangrar os troncos das arvores para extrair o látex, começavam a chorar antes de a seiva escoar. Diariamente, numa faixa de 5 dm de largura, as 5 dm de largura, com uma lâmina colocada na testa para clarear os caminhos escuros que se faziam entre os arvores, os seringueiros sabiam que não poderiam derrubar o que os mantinha de pé e sobrevivendo. Morriam na floresta, de doenças infecciosas, mas não matabam as arvores. Dava-lhes assistência sem receber nenhuma.

Não é justo que a humanidade responsável pela destruição de suas naturezas, questione a preservação da floresta amazônica, mesmo que o homem precise morrer para tal realidade. Esta não é uma solução para quem é proprietário daquilo que sabe preservar para a sua sobrevivência. Que se planejem povos livres, com programas de incentivo a cada família, em cada região do mundo. Mas não o cam para matar o homem da Amazônia, permitindo a sua vida por uma árvore que está ali, porque ele a preservou.

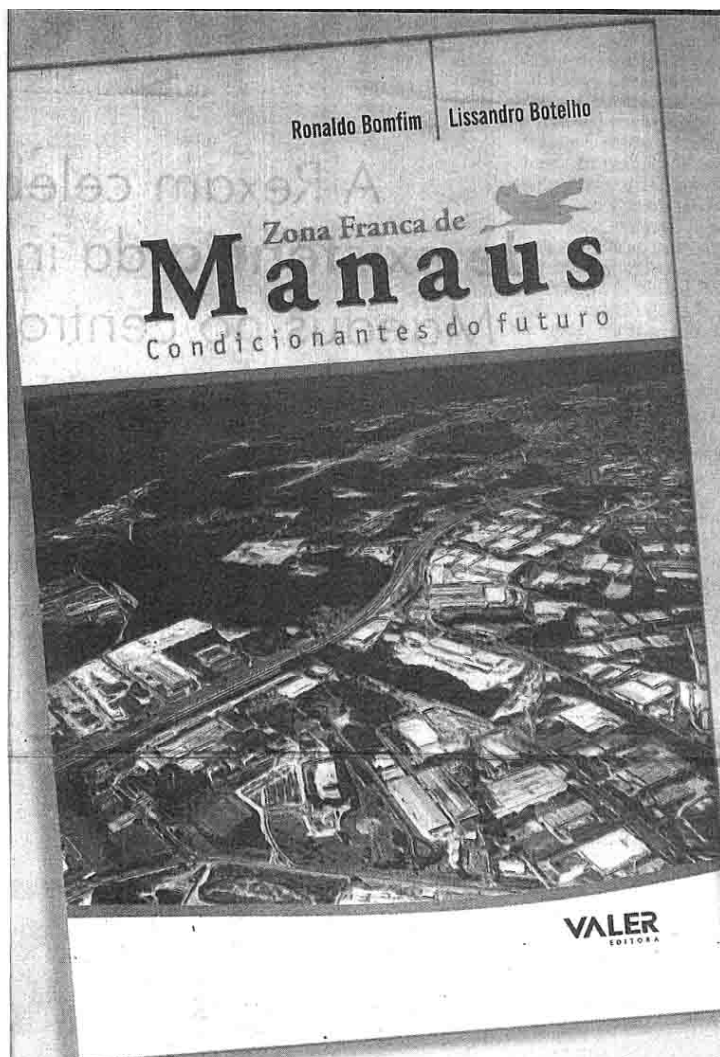
Para os povos da Amazônia continuar preservando o meio ambiente, pelo amor, que é de fato o segredo, o mundo precisa se conscientizar a criar formas de reconstruir o meio ambiente que destruiu, custando com recursos financeiros, internacionais, a vida desses povos. Não se trata de uma necessidade, mas sim a preservação, a manutenção, a vida desses povos. Não se trata de uma necessidade, mas sim a preservação, a manutenção, a vida desses povos. Não se trata de uma necessidade, mas sim a preservação, a manutenção, a vida desses povos.

Não é justo que a humanidade responsável pela destruição de suas naturezas, questione a preservação da floresta amazônica, mesmo que o homem precise morrer para tal realidade. Esta não é uma solução para quem é proprietário daquilo que sabe preservar para a sua sobrevivência. Que se planejem povos livres, com programas de incentivo a cada família, em cada região do mundo. Mas não o cam para matar o homem da Amazônia, permitindo a sua vida por uma árvore que está ali, porque ele a preservou.

**Parabéns pelos 45 anos
Zona Franca de Manaus!**

VALER



Zona Franca de Manaus – Condicionantes do Futuro, dos economistas Ronaldo Bomfim e Lissandro Botelho – Manaus: Editora Valer, 2009

Na busca por uma definição de cenários sobre a Zona Franca de Manaus e de fatores que condicionariam esse futuro, Ronaldo Bomfim e Lissandro Botelho lançam o livro 'Zona Franca de Manaus – Condicionantes do Futuro', pela Editora Valer.

O livro surgiu de um projeto elaborado para as entidades empresariais do Amazonas sobre fatores que podem afetar as empresas do PIM (Polo Industrial de Manaus). Com base nesse estudo, os autores desenvolveram seus argumentos e formataram as ideias que embasaram a obra. Ronaldo Bomfim e Lissandro Botelho empreenderam uma das mais consistentes reflexões sobre o processo de desenvolvimento regional contemporâneo, com ênfase no Polo Industrial de Manaus.

Fonte: Livraria e Editora Valer

UNISOL

A Fundação de Apoio Institucional Rio Solimões – UNISOL é uma entidade jurídica de direito privado e sem fins lucrativos, criada em 1998 por um grupo de professores da UFAM (Universidade Federal do Amazonas) e autoridades civis do Estado do Amazonas com o objetivo de apoiar a Universidade em suas atividades de pesquisa, ensino, extensão e desenvolvimento institucional.

MISSÃO:

Gerenciar projetos, apoiando com comprometimento os contratos e convênios celebrados, visando alcançar os objetivos de promover a pesquisa e apoiar a captação de recursos, contribuindo assim para desenvolvimento científico e tecnológico da sociedade.

ATUAÇÃO:

Gerenciamento administrativo-financeiro dos recursos públicos e privados envolvendo diversos programas.

PARCEIROS:



MINERAÇÃO
TABOCA S.A.



UNISOL (continuação)



Unisol atua como agente de integração de estágios

Com o objetivo de fornecer mão de obra capacitada para o pólo industrial de Manaus, a Unisol inicia, ainda no primeiro semestre desse ano, um trabalho de gerenciamento de estágios.

A Fundação vai atuar como agente de integração para as empresas do parque industrial interessadas em ter acesso a um cadastro de estagiários em diversas áreas.

“O mercado de agentes de integração está em evolução. Empresas investem em estágios e fazem crescer este mer-

cado, criando uma boa alternativa para outras empresas aumentarem sua força de trabalho e melhorar os processos com novas técnicas de gestão. Consideramos os serviços da Unisol como uma ferramenta eficiente para realizar essa tarefa”, detalhou a gerente de relações institucionais Naira Germano de Oliveira.

De acordo com a gerente, serão disponibilizados acessos a várias instituições de ensino e atualização sobre as exigências legais para oferecer estudantes com disposição e perfil adequado às

necessidades de cada empregador.

“Funcionaremos como um canal direto entre os candidatos e as empresas. O diferencial será o gestor de estágios que vai possibilitar operações pela internet, como impressão de documentos, extração de relatórios, acompanhamento de contratados, emissão de recibos entre outros”, acrescentou a gerente.

Naira Germano informou ainda que a iniciativa faz parte das ações que prevêem a atuação no mercado para captação de recursos através da GRI (Gerência de Relações Institucionais).

